



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI - UNIVATES
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE JORNALISMO

**“OUÇA O CORAÇÃO MAIS QUE A UM PRECONCEITO”:
INTERFACES DO DEBATE SOBRE A DIVERSIDADE SEXUAL NO
BRASIL E O ÁLBUM “PRA SEMPRE”, DE LULU SANTOS**

Paola Possenatto

Lajeado, dezembro de 2020



Paola Possenatto

**“OUÇA O CORAÇÃO MAIS QUE A UM PRECONCEITO”:
INTERFACES DO DEBATE SOBRE A DIVERSIDADE SEXUAL NO
BRASIL E O ÁLBUM “PRA SEMPRE”, DE LULU SANTOS**

Monografia apresentada na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, da Univates, para obtenção do título de bacharela em Comunicação Social.

Orientador: Prof. Dr. Micael Vier Behs

Lajeado, dezembro de 2020

AGRADECIMENTOS

Não citarei nomes para não ser injusta.

Agradeço a quem esteve ao meu lado durante a trajetória acadêmica e, sobretudo, no cotidiano.

Quem esteve e está comigo, receba este carinho e reconhecimento pelo apoio, incentivo e amor.

Obrigada por viverem comigo meus sonhos. Obrigada por comemorarem minhas vitórias e me ajudarem a levantar nas falhas.

Obrigada por permitirem que eu seja do jeito que sou.

E, parafraseando Lulu Santos, agradeço aqueles que não atrapalhando, já ajudaram muito.

RESUMO

O lançamento de um álbum musical, além de ser fruto da indústria cultural, é uma *polaroid* do seu momento. O cantor, compositor e guitarrista Lulu Santos, ao lançar o álbum “Pra Sempre”, no ano de 2019, estabeleceu conexões, intrínsecas, com a temática da homoafetividade e da sexualidade. Portanto, o presente trabalho tem por propósito focalizar discussões sociais, com estudos voltados para a área do jornalismo, da cultura e da diversidade, a fim de explicar de que modo determinados produtos jornalísticos abordaram a temática sexual frente ao lançamento do álbum “Pra Sempre” e ter a compreensão do aspecto de como vem se desenvolvendo a relação entre produto cultural e os movimentos sociais LGBTQ+ na mídia. Ademais, pretendemos identificar de que forma o autor da obra é projetado na mídia como uma figura representativa em torno dos movimentos LGBTQ+, a partir de três episódios que sucederam a estreia do disco. A pesquisa é qualitativa, de caráter exploratório, viabilizada através de uma pesquisa bibliográfica e documental. O trabalho analisou produtos jornalísticos veiculados no período de julho de 2018 a julho de 2020.

Palavras-chave: Jornalismo. Diversidade. Produto. Lulu Santos. Cultural.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 – Retirada da rede social Instagram..... | 75 |
| Figura 2 – Retirada da rede social Instagram..... | 75 |
| Figura 3 – Retirada da rede social Twitter..... | 76 |
| Figura 4 – Retirada da rede social Instagram..... | 77 |
| Figura 5 – Retirada da rede social Instagram..... | 77 |
| Figura 6 – Retirada da rede social Instagram..... | 78 |
| Figura 7 – Retirada da rede social Instagram..... | 79 |
| Figura 8 – Retirada da rede social Twitter..... | 79 |
| Figura 9 – Retirada da rede social Instagram..... | 80 |
| Figura 10 – Retirada da rede social Instagram..... | 81 |
| Figura 11 – Retirada da rede social Twitter..... | 81 |
| Figura 12 – Retirada da rede social Instagram..... | 82 |
| Figura 13 – Retirada da rede social Twitter..... | 82 |
| Figura 14 – Retirada da rede social Instagram..... | 83 |
| Figura 15 – Retirada da rede social Instagram..... | 84 |
| Figura 16 – Retirada da rede social Instagram..... | 85 |
| Figura 17 – Retirada da rede social Twitter..... | 85 |
| Figura 18 – Retirada da rede social Twitter..... | 86 |
| Figura 19 – Retirada da rede social Twitter..... | 87 |
| Figura 20 – Retirada da rede social Twitter..... | 87 |
| Figura 21 – Retirada da rede social Twitter..... | 88 |
| Figura 22 – Retirada da rede social Twitter..... | 88 |
| Figura 23 – Retirada da rede social Twitter..... | 89 |
| Figura 24 – Matéria no Estadão | 99 |

| | |
|---|-----|
| Figura 25 – Matéria no Estado de Minas..... | 101 |
| Figura 26 – Matéria no O Tempo | 102 |
| Figura 27 – Matéria no Estadão | 103 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1 – Matérias jornalísticas..... | 93 |
| Tabela 2 – Matérias jornalísticas com questões de homoafetividade e sexualidade | 95 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO - “IMAGINAR UM PARAÍSO, SEM PECADO E SEM JUÍZO” | 10 |
| 2 CONTEXTUALIZAÇÃO I: HISTÓRICO DA LUTA LGBTQ+ NO BRASIL - “CONHEÇO OS PASSOS DA ESTRADA” | 16 |
| 2.1 Período Imperial | 17 |
| 2.2 Período Republicano..... | 19 |
| 2.3 Período Atual | 25 |
| 3 ABORDAGEM TEÓRICA - “O NOSSO AMOR VIROU NOTÍCIA, GANHOU A CAPA DO JORNAL” | 33 |
| 3.1 Critérios de noticiabilidade | 34 |
| 3.1.1 Valores-notícia de seleção | 35 |
| 3.1.2 Valores notícia de seleção - critérios substantivos | 36 |
| 3.1.3 Valores notícia de seleção - critérios contextuais..... | 38 |
| 3.1.4 Os valores-notícia de construção | 39 |
| 3.2 As fontes no campo jornalístico | 40 |
| 3.3 Agendamento (agenda-setting)..... | 41 |
| 3.4 Lógicas de construção do acontecimento jornalístico | 44 |
| 3.5 Prática e dimensão do jornalismo cultural | 48 |
| 3.5.1 Breve histórico do jornalismo cultural | 49 |
| 3.5.2 Mudança de paradigma..... | 50 |
| 3.5.3 Cultura e entretenimento | 53 |
| 3.5.4 Propaganda e concorrência | 54 |
| 3.5.5 Regularidades do jornalismo cultural | 54 |

| | |
|--|-----|
| 3.5.6 O jornalismo cultural contemporâneo..... | 56 |
| 3.5.7 Jornalismo cultural e a valorização das culturas regionais | 57 |
| | |
| 4 MÉTODO..... | 60 |
| | |
| 5 CONTEXTUALIZAÇÃO II: O ÁLBUM, O AUTOR E O MOVIMENTO - “A GENTE VIVE O QUE ESCOLHE E TODO MUNDO VÊ” | 62 |
| 5.1 O surgimento do álbum “Pra Sempre” e a trajetória artística-romântica de Lulu Santos..... | 62 |
| 5.2 “O QUE EU TENHO PRA DIZER É SIMPLES” - Manifestações públicas de Lulu Santos no que tange a homoafetividade e a sexualidade | 68 |
| 5.2.1 Publicidade - “Faltava motivo”..... | 68 |
| 5.2.2 Jornalismo Digital - “Ativismo não, mas passivismo, tampouco”..... | 69 |
| 5.2.3 Televisão - “A linha progressiva sempre vence no final”..... | 71 |
| 5.2.4 Rádio - “A possibilidade de felicidade, real, basicamente sendo exatamente o que você é” | 73 |
| 5.2.5 Redes Sociais - “Quer que desenhe?” | 74 |
| 5.2.6 Pós-Show - “A gente tá aqui, a gente é assim, acostumem-se” | 89 |
| | |
| 6 ANÁLISE..... | 91 |
| 6.1 Jornais e portais on-line..... | 92 |
| 6.2 Publicidade, jornalismo impresso/digital, televisão, rádio, redes sociais e pós-show: o que dizem os produtos jornalísticos? | 98 |
| 6.2.1 Publicidade | 98 |
| 6.2.2 Jornalismo impresso/digital..... | 101 |
| 6.2.3 Televisão | 105 |
| 6.2.4 Rádio | 109 |
| 6.2.5 Redes Sociais | 111 |
| 6.2.6 Pós-show | 112 |
| 6.3 Considerações finais do capítulo | 114 |
| | |
| 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 115 |
| | |
| REFERÊNCIAS..... | 118 |

| | |
|--|------------|
| ANEXOS | 128 |
| ANEXO A - RADAR | 128 |
| ANEXO B – PRA SEMPRE | 129 |
| ANEXO C – TÃO REAL..... | 130 |
| ANEXO D – HOJE EM DIA..... | 131 |
| ANEXO E – SER OU NÃO SER (VÉI...) | 132 |
| ANEXO F – LAVA..... | 133 |
| ANEXO G – GRITOS & SUSSURROS..... | 134 |
| ANEXO H – ORGULHO E PRECONCEITO | 135 |
| ANEXO I – THE LOOK OF LOVE | 136 |
| ANEXO J – APENAS MAIS UMA DE AMOR | 137 |
| ANEXO K – CASO SÉRIO..... | 138 |
| ANEXO L – O ÚLTIMO ROMÂNTICO | 139 |
| ANEXO M – SÓCIO DO AMOR..... | 140 |
| ANEXO N – TÃO BEM..... | 141 |
| ANEXO O – TEMPOS MODERNOS..... | 142 |
| ANEXO P – TODA FORMA DE AMOR | 143 |
| ANEXO Q – TUDO COM VOCÊ | 144 |

1 INTRODUÇÃO - “IMAGINAR UM PARAÍSO, SEM PECADO E SEM JUÍZO”

“Você sabe como é, imaginar um paraíso, sem pecado e sem juízo, eu não vivi com mais ninguém, porque experimento com você”

(Lulu Santos, Radar, grifo nosso)

Atualmente, a afirmação da diversidade sexual no Brasil vive momentos entre avanços e retrocessos. De um lado, movimentos sociais crescem, artistas abraçam a causa, a mídia abre portas para se discutir mais o tema e decisões jurídicas são aprovadas beneficiando a classe. Por outro, aumenta a violência contra a população LGBTQ+¹. É o que mostra um relatório feito pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), divulgado pelo portal de notícia G1 no dia 17 de maio de 2019. Segundo o documento, “o Brasil registrou 141 mortes de pessoas LGBT de janeiro a 15 de maio”. De acordo com o noticiário, “foram 126 homicídios e 15 suicídios, o que representa a média de uma morte a cada 23 horas”.

Conforme as informações, em números gerais, houve uma queda em relação ao mesmo período de 2018. Em contrapartida, os homicídios aumentaram 14%. Estes

¹ Segundo a matéria “Sigla LGBTQ+ cresce para ecoar amplidão do espectro de gênero e sexo”, publicada no site do jornal Folha de S. Paulo, no dia 27 de junho de 2018, LGBTQ é a sigla de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros. A letra Q foi adicionada para incluir aqueles que se identificam como queer (termo em inglês que significa “estranho”) ou que questionam sua identidade sexual. O sinal de + representa qualquer pessoa que não seja coberta pelas outras iniciais.

números quantificam a vulnerabilidade que o grupo enfrenta, apesar dos avanços nos poderes sociais. Ou seja: a pauta da diversidade sexual tem crescido em termos de visibilidade e representação, mas existe, em paralelo, um aumento da violência. Apesar de contraditório, temos um contexto de mais visibilidade e também de mais criminalização.

A indústria cultural está inserida nesse cenário ambivalente e, por sua vez, incorpora essa contradição. Desse modo, essa tendência abrangente pode pautar toda e qualquer expressão artística, uma vez que o produto cultural age como mediador da sociedade, conforme Adorno (2007, p. 45). Nessa esfera, os artistas não produzem somente para consumo erudito, mas, principalmente, tendem a vender o produto. Embora haja uma indústria operando em torno destes produtos culturais, alguns artistas, como Lulu Santos, conseguem dialogar com causas sociais relevantes. É essa afirmação que será trabalhada nesta pesquisa, a fim de ilustrar o debate sobre a diversidade sexual no Brasil.

A problemática deste trabalho, portanto, procura responder de que forma os produtos jornalísticos² (jornais impressos e digitais, revistas impressas e digitais, programas radiofônicos e programas televisivos) abordaram a temática da diversidade sexual frente ao lançamento do álbum “Pra Sempre”, do cantor e compositor Lulu Santos, em 2019.

Entende-se o jornalismo cultural como mediador do conhecimento, tornando o conteúdo artístico acessível a todas as camadas sociais. Segundo Piza (2010, p. 23), seu caráter reflexivo permite que o espectador se guie pela análise crítica, atribuindo função social à editoria. Uma vez que o jornalismo cultural faz com que o público reflita sobre determinada manifestação cultural e popular, ele reforça o combate ao preconceito e à intolerância.

² Por meio de pesquisas antes, durante e após o lançamento do álbum “Pra Sempre”, o que corresponde ao período de julho de 2018 a julho de 2020, foi feito o resgate de todo o material midiático veiculado em jornais impressos e digitais, revistas impressas e digitais, programas radiofônicos e programas televisivos, em que o autor da obra, Lulu Santos, aborda a temática da diversidade sexual frente ao lançamento do álbum “Pra Sempre”. Os produtos jornalísticos, assim como os depoimentos de Lulu Santos, estão explicitados no capítulo 5.2, intitulado “O QUE EU TENHO PRA DIZER É SIMPLES” – Manifestações públicas de Lulu Santos no que tange a homoafetividade e a sexualidade.

O lançamento do álbum “Pra Sempre”, no dia 24 de maio de 2019, do artista brasileiro Lulu Santos, sucede e coincide com três episódios sociais que pautam o tema da diversidade sexual no Brasil: (1) a aprovação da criminalização da homofobia pelo Supremo Tribunal Federal (STF), no dia 13 de junho de 2019; (2) a 23ª edição da Parada Gay, realizada no dia 23 de junho de 2019, em São Paulo, que contou com a participação do artista; e (3) a proibição de livro com temática LGBTQ+ na 19ª Bienal Internacional do Livro Rio, realizada entre os dias 30 de agosto e 8 de setembro de 2019, no Rio de Janeiro.

Enquanto pesquisadora, há uma inquietação que circunda o lançamento do álbum “Pra Sempre”. Essa inquietação parte da premissa segundo a qual o artista carioca deixa explícito seu posicionamento às causas LGBTQ+ no conteúdo do disco de forma sutil e poética, e de forma mais argumentativa e clara nas declarações e materiais midiáticos propagados pelos meios de comunicação antes e após o lançamento do álbum. Por exemplo, na faixa número 8, intitulada “Orgulho e Preconceito” (ANEXO H), Lulu Santos canta os seguintes versos: “Esta canção é pra você nunca mais ter que sussurrar quando diz que me ama, pra te libertar de todo o julgamento alheio, pra você poder dizer sem receio eu te amo”. Já na imprensa, o site CLAUDIA, a exemplificar, no dia 25 de julho de 2018, publicou uma matéria a respeito da música referida com o seguinte título: ““Orgulho e Preconceito”: Lulu Santos lançará música escrita para o namorado”. Na manchete fica evidente a liberdade com que o tema foi tratado e divulgado. Tal comportamento da imprensa, possivelmente, é decorrente de uma liberdade permitida e iniciada pelo próprio artista, de forma delicada e harmonizada ao longo do desenvolver do álbum, e de maneira cristalina em contato com a mídia. Com isso, entendemos a música como mediação e as declarações de Lulu Santos como mediação da mediação. Considerando este contexto, o diálogo entre o lançamento do álbum e questões contemporâneas, o trabalho demanda de uma relevância intelectual.

Segundo Merriam apud Oliveira (1964), tratando da música enquanto produto da cultura, entende-se que a canção popular cumpre um papel fundamental na formação social, uma vez que ela atua enquanto mediadora da sociedade. Para o autor, a música é moldada de acordo com a cultura em que está inserida, desse modo, não compondo uma linguagem universal, mas, sim, regional. Merriam apud Oliveira (1964) também aponta que outros elementos da cultura, muitas vezes, não

conseguem proporcionar todas as extensões que a música atribui, como a expressão emocional, a diversão, a comunicação e o ativismo. Assim, de acordo com o escritor, “a música é, em um sentido, uma atividade de expressão de valores, um caminho por onde o coração de uma cultura é exposto (Merriam apud Oliveira, 1964, p. 225). Logo, esta pesquisa se torna relevante no meio social, explicitando o lugar de um álbum musical em meio a uma sociedade ainda fortemente marcada pela intolerância e pelo desrespeito à diversidade.

Conforme Adorno (2007), a indústria cultural, termo que permeia tal discussão, utiliza os meios de comunicação como recurso capaz de expandir informações e converter os produtos culturais em mercadoria. Esse estudo, portanto, investiga como a temática da diversidade sexual foi tratada pelos principais veículos jornalísticos impressos, online, radiofônicos e televisivos, tendo como mote o lançamento do álbum “Pra Sempre”, do cantor e compositor Lulu Santos. Ademais, esta pesquisa pretende compreender as interfaces de um produto da cultura, sob a perspectiva teórica jornalística, com o contexto atual brasileiro.

A fim de compreender a universalidade deste estudo, foram consultados artigos, monografias, dissertações e teses nas bases de pesquisas da CAPES, Scielo e CNPq, utilizando descritores que englobam a temática desta pesquisa, como: Lulu Santos, LGBTQ+, homossexualidade, homoafetividade, e demais termos e palavras que dizem respeito a expansão do estudo. Conforme a busca, não há outra investigação com tal abordagem. De tal modo, esta pesquisa se torna inédita. Pela perspectiva teórica que trata da indústria cultural e das complexas relações entre produto e sociedade, a pesquisa, contribui, também, cientificamente, para os estudos centrados na interface entre jornalismo e sociedade.

Considera-se, a título de hipótese, que a mídia desempenha papel ambíguo na divulgação das informações sobre os movimentos LGBTQ+. Ao mesmo tempo que é progressista, também é um meio por onde os reacionários se manifestam. Ou seja: a mídia não tem necessariamente um lado ideológico ou posições fixas; é uma indústria de produção de informação e se a informação vende ela divulga. A mídia que dá espaço para um artista da dimensão de Lulu Santos expressar as suas preferências amorosas e sexuais é a mesma mídia que dá espaço para manifestações

homofóbicas, revelando esse traço da nossa cultura. Os meios de comunicação são ambivalentes em relação a isso e a dimensão cultural espelha essas contradições.

O objetivo geral da pesquisa é analisar a cobertura jornalística em torno do lançamento do álbum "Pra Sempre", compreendendo como vem se desenvolvendo a relação entre o produto cultural e os movimentos sociais LGBTQ+ na mídia. Já os objetivos específicos visam identificar, a partir do álbum "Pra Sempre", de que forma o autor da obra, Lulu Santos, é projetado na mídia como uma figura representativa em torno dos movimentos LGBTQ+, a partir dos três episódios que sucederam a estreia do disco: a) a aprovação da criminalização da homofobia pelo Supremo Tribunal Federal (STF); b) a 23ª edição da Parada Gay de São Paulo, que contou com a participação do artista; e a c) proibição de livro com temática LGBTQ+ na 19ª Bienal Internacional do Livro Rio.

Esta pesquisa classifica-se como qualitativa, com base nas estratégias de pesquisa bibliográfica e documental, tendo em vista que o objetivo do estudo está atrelado à interpretação do objeto analisado. Já no que se refere aos objetivos da pesquisa, será trabalhado com a pesquisa exploratória. Em concordância com Silveira e Córdova apud Gil (2009, p. 35) esse grupo tem como objetivo "proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses".

Em linhas gerais a pesquisa está dividida em sete capítulos. A contar a partir desta introdução, no segundo apresento o histórico da luta LGBTQ+ no Brasil, com base nos autores Nardi, Silva, Foucault, Caminha, Britto, Pinheiro, Trevisan, Green, Castro, Soares, Quinalha, Mello; Avelar & Maroja e Iribure. Além do apoio dos sites midiáticos e jornalísticos Uol, G1, BBC, Revista Exame e Jornal Folha de São Paulo. No terceiro exibo a abordagem teórica jornalística, com base nos autores Wolf, Galtung e Ruge, Traquina, Golding e Elliot, Walter Lippman, John Hartley, Stuart Hall, Ericson, Baranek e Chan, Blumler e Gurevitch, Santos, Sigal, Gitlin, McCombs e Shaw, Cohen, Ebring, Goldenberg, Miller, Hall, Melo, Cerigatto, Segura, Golin e Alzamora, Santos, Adorno, Horkheimer, Siqueira, Habermas, Leavis e Thompson, Halloran, Jones, Eco, Piza, Nunes, Medina, Masi, Rodrigues, Ventura, Stycer,

Marshall, Gullar, Morin, Pignatari, Faro, Berger, Januário, Gadini, UNESCO³, Woitowicz e Moraes. No quarto discorro sobre o método, baseada nos autores Gil, Bardin, Silveira e Córdova. No quinto apresento uma contextualização do álbum “Pra Sempre”, assim como do autor, Lulu Santos, e do movimento LGBTQ+. O capítulo baseia-se em veículos jornalísticos e midiáticos. São eles: Revista Quem, Jornal Folha de São Paulo, Portal GShow, Revista Contigo!, Portal G1, Jornal Estadão, Jornal Estado de Minas, Portal O Tempo, Uol, Manual de Comunicação LGBTI+ e site Purepeople. No sexto capítulo é exposta a análise, e o sétimo é dedicado para as considerações finais da pesquisa.

³ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO I: HISTÓRICO DA LUTA LGBTQ+ NO BRASIL - “CONHEÇO OS PASSOS DA ESTRADA”

“Conheço os passos da estrada, que já caminhei, e o futuro nunca se sabe. A gente vive o que escolhe, e todo mundo vê, mas é tão da vida se intrometer”

(Lulu Santos, Radar, grifo nosso)

A fim de compreender como a discussão sobre a diversidade sexual no Brasil ganhou novas roupagens ao longo dos anos é necessário conhecer o histórico da luta e as interfaces que interferem diretamente nos avanços e retrocessos do grupo LGBTQ+. A partir de uma perspectiva histórica, este capítulo traça os principais cenários que permeiam os acontecimentos de cada época, tomando como base autores de referência e reportagens publicadas sobre o tema em diferentes espaços midiáticos e contextos históricos.

De tal modo, com o intuito de clarificar e organizar o entendimento do histórico Brasil homofóbico, dividimos o capítulo em três períodos: Período Imperial (1822 a 1889), Período Republicano (1889 a 1985) e Período Atual (compreende os últimos 30 anos).

2.1 Período Imperial

O termo homossexualidade⁴ foi criado pelo jornalista e ativista dos direitos humanos Karl-Maria Kertbeny, em 1869, conforme explica Nardi (2013). Segundo o autor, o intuito era denunciar a lei da sodomia⁵, que definia certos atos sexuais como crimes. No entanto, a sexologia se apropriou do conceito e o atribuiu a uma perversão sexual.

Em 1886, o psiquiatra Richard Von Krafft-Ebing, em seu livro *Psychopathia Sexualis*, usou os termos homossexual⁶ e heterossexual⁷. De acordo com Nardi (2013, p. 18), “o livro tornou-se popular entre leig@as⁸ e médic@as, e os termos heterossexual, bissexual e homossexual passaram a designar a orientação sexual”.

Em conformidade com Foucault apud Nardi (2013, p. 18), as práticas sexuais passam a intitular espécies de humanos no século XIX. Ou seja, “o que antes eram atos moralmente (e criminalmente em alguns países) condenados, mas que podiam ser realizados por quaisquer pessoas, a partir dessa época, designam personalidades específicas”. Com efeito, a sexualidade passa a ser um mecanismo de poder que delimita as pessoas entre normais e anormais.

No Brasil, pós-período colonial (1530 a 1822), a homossexualidade não era considerada crime. Entretanto, Nardi (2013) lembra que os homossexuais eram presos frequentemente, sob justificativa de estarem cometendo importunação ao

⁴ Em conformidade com o portal Mundo Educação, da plataforma Uol, é uma característica de quem sente atração (física, emocional e/ou espiritual) por outras pessoas do mesmo sexo.

⁵ De acordo com Figari (2009), a noção de sodomia referia-se mais aos homens do que às mulheres. Segundo o autor, porém, existem evidências de perseguição a práticas eróticas dissidentes entre mulheres. Entretanto, tais práticas eram percebidas como comportamentos juvenis ou se relacionavam com o início da vida sexual das mulheres. Desse modo, os discursos associados ao erotismo entre mulheres denunciavam o caráter de superioridade masculina do qual descendia o delito de sodomia.

⁶ Segundo a matéria “LGBTI+: tudo o que você precisa saber sobre os termos ligados à luta da comunidade gay”, publicada pelo jornal O Globo no dia 17 de maio de 2019, caracteriza a pessoa que se sente atraída sexual, emocional ou afetivamente por pessoas do mesmo gênero.

⁷ De acordo com a matéria “LGBTI+: tudo o que você precisa saber sobre os termos ligados à luta da comunidade gay”, publicada pelo jornal O Globo no dia 17 de maio de 2019, caracteriza o indivíduo que sente atração amorosa, física e afetivamente por pessoas do gênero oposto.

⁸ Nardi (2013) substituiu vogais indicadoras de gênero por @.

pudor. Ademais, mesmo fora do código penal, “a homossexualidade era objeto de tratados médicos, assim como condenada pela Igreja Católica” (NARDI, 2013, p. 18). Em condições tais, a possibilidade de estar em um local público e viver a homossexualidade era incabível.

O jornal baiano *Alabama*, que circulou entre os anos de 1863 e 1871, com frequência fazia referências à homossexualidade sob o contexto de efeminação. Segundo Silva (2014), em uma das publicações, em tom cômico e indignado, o periódico solicitava atenção aos chefes da polícia contra um senhor comerciante, que, supostamente, seduzia crianças para fins sexuais.

Lá para o largo da Cova sem Onça, mora um velho bem conhecido do nosso comércio e pai de família, o qual com o maior descaro seduz aos filhos famílias, á fins libidinosos a nada temer. Este salafrário além de não gostar da imagem de S. Henrique e nem pertencer a confraria de S. José, entende praticar todas estas bandalheiras. Em um dos dias da semana atrasada, este miserável convidava, em uma certa rua um pobre menino, descaradamente ás 6 horas da tarde o qual com certeza havia de ter satisfeito os instintos depravados d'este famigerado que pelos seus crimes já devia estar degradado na ilha de S. Fernandes. No entanto, tem este safado filhos, e consta-nos até ter filhas casadas e com netos, pratica d'estas e outras ações. Não podemos, portanto, Sr. capitão, deixar de chamar para esta féra de carne humana a atenção do Sr. Dr. Chefe de policia. Ficarei sempre na expectativa. Até a volta.
(O ALABAMA, 1887, p.p.1-2 apud SILVA, 2014, p. 6)

Nesta demonstração, embora a identidade do senhor acusado não tenha sido exposta pelo periódico, a solicitação de atenção aos chefes da polícia manifesta a forma como a homossexualidade exigia algum tipo de repressão por parte das autoridades. Silva (2014), explica que um fenômeno semelhante aconteceu na literatura. De acordo com o autor, referências à homossexualidade foram vistas apenas no final do século XIX, no período dos textos realistas e naturalistas. Entretanto, as atribuições aos homossexuais eram ambivalentes, com características morais próximas da corrupção.

Silva (2014) exemplifica com o livro *O Ateneu* (1888), de Raul Pompeia. A obra situa-se em um internato e o texto é em primeira pessoa. *O Ateneu* dá ênfase nos relacionamentos e caracteriza a instituição de ensino como um dos fatores determinantes para a masculinidade dos meninos. Conforme Silva (2014), Pompeia (1888) representou de forma caricata a homossexualidade. No trecho a seguir, a

efeminação foi exposta como uma inversão do masculino e que, assim, deveria ser contrariada no processo de fazer-se homem.

Os gênios fazem aqui dois sexos, com se fosse uma escola mista. Os rapazes tímidos, ingênuos, sem sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza; são dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo. Quando, em segredo dos pais, pensam que o colégio é a melhor das vidas, com o acolhimento dos mais velhos, entre brejeiro e afetuoso, estão perdidos... Faça-se homem, meu amigo! Comece por não admitir protetores.” (O ATENEU, 1888, p. 71)

O romance “Bom-Crioulo”, de Adolfo Caminha (1999), também é exemplo. Reconhecido como a obra mais importante a abordar a temática homossexual abertamente, o próprio autor, em registros publicados na época, assim descreveu seu trabalho:

Um marinheiro rudo, de origem escrava, sem educação, nem princípio algum de sociabilidade, num momento fatal obedece às tendências homossexuais do seu organismo e pratica uma acção torpe: é um degenerado nato, um irresponsável pelas baixezas que commette até assassinar o amigo, a victima dos seus instintos. Em torno d'elle se espraia o romance, logicamente encadeado, de accôrdo com as observações da sciencia e com a analyse provável do autor, que, no character de official de marinha, viu os episódios accidentaes que descreve a bordo (CAMINHA, 1896, p. 41).

Segundo Britto apud Silva (2014), os efeminados, como referido no jornal O Alabama, eram tratados com gravidade para além dos seus praticantes pederastas. Conforme o autor, “eram também sintoma de uma patologia social mais ampla, vagamente definida como degenerescência, que poderia levar à queda das civilizações” (BRITTO, 1853, p.4-5, apud SILVA, 2014).

2.2 Período Republicano

Nos anos 1890, Silva (2014) elucida que a homossexualidade passou a representar um problema ainda mais grave. De acordo com o autor, era considerada uma patologia definida, que estimulava os médicos a exterminar o mais breve possível. O pesquisador (2014) menciona que nos anos 1860, por exemplo, os doutores enxergavam a possibilidade de “curar” os homossexuais através do casamento. Já em 1890, Pinheiro apud Silva (2014), alertou que a efetividade do casamento era limitada, principalmente para os casos de androfilismo adquirido, e em contextos em que o homossexual era ativo nas relações sexuais. Nestas

situações, foram sugeridas alterações na dieta, rotina de exercícios físicos e remédios específicos. Silva (2014) expõe também que, em muitos casos, os homossexuais eram colocados em asilo, com acompanhamento perpétuo de médicos, com o intuito de evitar que, de alguma maneira, “estes sujeitos se reproduzissem e transmitissem a seus descendentes a mácula terrível do androphilismo” (SILVA, 2014, p. 9). Pinheiro apud Silva (2014) defendia a necessidade de pensar a homossexualidade de acordo com os comportamentos apresentados. Assim, os que apresentassem perturbações psíquicas, se necessário, deveriam ser tratados e asilados. Por outro lado, os “extravagantes” deveriam passar pelos castigos da lei, sob a justificativa de defender o pudor público.

Silva (2014) apresenta o depoimento de um doutor sobre as reformas do código penal. Na fala, percebe-se o objetivo de tirar os homossexuais de circulação, dispendo-os sobre a tutoria do Estado ou da medicina.

É decente e razoável não trazer a barra dos tribunais como o da pederastia de profissão; a sociedade nada lucraria com o escândalo do processo; quando porém se trata de ferimentos devidos à união carnal contra a natureza de um ou outro sexo; por meio de violência, ameaça ou sedução, a lei deve punir o crime com mais severidade para o que deve ter artigo especial. (DORIA, 1893, p. 150 apud SILVA, 2014, p. 9)

Sobre as construções das homossexualidades no Brasil, Trevisan (2007) apresenta de que forma as práticas homossexuais constituíram, silenciosamente, uma história do nosso país, a qual aprendemos a ignorar e a moralizar, apesar dos excessos com os quais o país é identificado, como os barrocos, carnavalescos e paradisíacos. Trevisan (2007) manifesta que, desde a colônia, a homossexualidade sempre foi questão em pauta, de forma explícita ou implicitamente, passando pela Inquisição, por códigos penais e portarias policiais, além da censura Estatal (TREVISAN, 2007, p. 157). No entanto, o autor enfatiza que, em diferentes períodos e contextos, o termo “homossexualidade” foi tratado como “sodomia”⁹, “uranismo”¹⁰ e

⁹ Segundo o dicionário de português da Google, proporcionado pela “*Oxford Languages*”, significa coito anal entre indivíduos do sexo masculino ou entre um homem e uma mulher.

¹⁰ Conforme o dicionário de português da Google, proporcionado pela “*Oxford Languages*”, é atribuído ao indivíduo do sexo masculino que mantém relações sexuais ou afetivas com outros homens.

“inversão”¹¹. Ademais, em conformidade com Trevisan, paralelamente objetiva-se um Brasil dos bons costumes, vigilante aos “desvios sexuais”, por outro lado, publicita-se a imagem do país do carnaval, sexo e do culto à “bunda da mulher objetificada”.

Corroborando com Trevisan, Green (2000) aborda que, nos anos 1890 a 1900, lugares públicos, como parques e praças, frequentemente eram locais de encontro de homens que apreciavam relações sexuais com outros homens. “O Largo do Rocio foi antigamente célebre por ser o lugar onde à noite reuniam-se os pederastas passivos à espera de quem os desejasse” (CASTRO, 1943, p. 221-222). Soares (1992) complementa, elucidando a ideia da ampla rede de relações homossexuais que existia no período. Conforme o autor, portas e porões de teatros, cafés, restaurantes, escadarias de igrejas e casas de banho eram lugares bastante frequentados por homossexuais que procuravam fugir das ruas. Ainda, conforme Soares (1992), por tamanha normalidade e aversão às classes religiosas, jurídicas e médicas, na intenção de conter as práticas homossexuais, foi necessário importar prostitutas da Europa.

Em 1914 é veiculado na imprensa a primeira história pornográfica homoerótica brasileira. Segundo Green (1999), a responsável por tal abertura foi a revista carioca “Rio Nu”. Em conformidade com o autor, “o livreto de 15 páginas, dividido em quatro capítulos e incluindo uma ilustração de dois homens praticando o intercurso anal, foi publicado como o sexto de uma série de dezesseis contos rápidos”. Ainda, de acordo com Green (1999), as brochuras podiam ser encontradas em bancas de jornais pelo valor de trezentos réis, ou pelos correios por quinhentos réis. “Baratos, portanto, os livretos eram acessíveis a qualquer pessoa que ganhasse um pouco mais que o necessário à sobrevivência” (GREEN, 1999, p. 69).

Ademais, Green (1999) elucida que até 1940 o travestismo em público era considerado crime; uma violação do Código Penal: “os homens que apareciam nas ruas vestidos como uma mulher ou com acessórios excessivamente femininos ou maquiagem estavam sujeitos a detenção e a uma permanência prolongada na

¹¹ De acordo com o dicionário de português da Google, proporcionado pela “*Oxford Languages*”, pejorativamente, significa atração entre ou relacionamento de pessoas do mesmo sexo; homossexualidade.

cadeia”. Em condições tais, Green (1999) declara que muitos homens usavam trajes masculinos, porém customizados a fim de propor um estilo feminino.

Nos anos 50 e 60 a perseguição policial era uma adversidade contínua para os homossexuais. De acordo com Green (1999), no Rio de Janeiro, o então delegado de polícia, Raimundo Padilha, organizou uma ação a fim de “limpar” o centro da cidade, o que englobava prender os homossexuais. Sob alegação de “viadagem”, os homens eram levados pela polícia e mantidos presos até provarem que tinham emprego remunerado. Segundo Green, além da comprovação do meio de subsistência, subornos eram frequentes para que a polícia efetuasse a liberação sem maiores complicações.

Por outro lado, a década de 60 também é marcada por movimentos sociais que buscaram aumentar a sexualidade em suas diversas formas de expressão e, ainda, contestar a dominação masculina nas relações. Essas mobilidades aconteceram no mundo ocidental, principalmente nos países industrializados. Nardi (2013, p. 19) revela que:

A família sustentada na lógica da dominação patriarcal começa a ser repensada. Os movimentos feministas ganham força, emerge o movimento Hippie, o movimento pelos direitos civis se fortalece nos EUA, maio de 1968 marca a união entre estudantes e operá@as na França e questiona as relações autoritárias em diversas instituições sociais e, finalmente, em 1969, temos a revolta de Stonewall¹², considerada como o acontecimento que marca o surgimento dos movimentos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis/Transexuais) contemporâneos.

Desde então, as exigências por direitos iguais para a população LGBT e a batalha contra as formas de discriminação afloraram. Consoante a Nardi (2013), pesquisadores denunciaram a inexistência de dados científicos para a comprovação da homossexualidade como patologia e, por conseguinte, ela foi retirada do rol de doenças da Associação Psiquiátrica Americana.

Todavia, no Brasil, com a ditadura militar (1964 a 1985), os cenários eram outros. Com a justificativa de violar a moral e os bons costumes, filmes, peças de teatro, músicas, radionovelas e outros tipos de artes eram censurados e impedidos de

¹² De acordo com o artigo intitulado “O que foi a Rebelião de Stonewall?”, publicada pela revista Super Interessante, no dia 28 de junho de 2019, foi uma série de manifestações espontâneas e violentas de membros da comunidade LGBT, contra uma invasão da polícia de Nova York, no bar Stonewall Inn, no dia 28 de junho de 1969.

circular, conforme o artigo “Dossiê / O movimento LGBT brasileiro: 40 anos de luta”, publicado pelo advogado e professor Renan Quinalha, na revista Cult, do grupo Uol, no dia 12 de junho de 2018. Quinalha cita que a televisão, especialmente os programas de auditório, também tinham quadros cortados pelos censores. Na explicação do autor, “eram cenas com a presença de personagens “afeminados” ou com “trejeitos” excessivos e que, portanto, com sua simples existência, afrontavam o pudor e causavam vergonha nos espectadores”.

Segundo Quinalha¹³, a classe jornalística também sofreu com a censura, principalmente os veículos da intitulada “imprensa gay”. De acordo com o autor, editores e jornalistas eram atacados e perseguidos pelo sistema de justiça, que alegava que os comunicadores “tematizavam e mostravam as homossexualidades fora dos padrões de estigmatização e ridicularização”.

No início da década de 1970, na explicação de Quinalha¹⁴, o Brasil viveu um panorama de ambiguidades. Em paralelo à perseguição sexual, boates e bares destinados ao público homossexual surgiam e habitavam com a punição Estatal. Em conformidade com o advogado e professor, essas transformações foram decorrentes do aumento das camadas médias e o crescimento dos grandes centros urbanos, possibilitando aos homossexuais novas vivências de habitações.

Retornando ao panorama global, Nardi (2013, p. 20) esclarece que o conceito de homofobia foi criado em 1972, por George Weiberg, que acreditava haver um regresso da adversidade. “Se antes @s homossexuais eram tratados como doentes, a partir desse momento, começa a se tomar o preconceito contra a homossexualidade como um problema”.

Nardi atenta para o equívoco do termo. Segundo o autor, o que existe é um preconceito de origem social, e não propriamente uma “fobia”, contra homossexuais. No entanto, a palavra foi tomada pelo senso comum, que agregou derivações como transfobia e lesfobia. Além de determinar políticas públicas e programas, o termo

¹³ Vide página 24.

¹⁴ Vide página 24.

homofobia intitula toda forma de preconceito contra a população LGBT. Nardi (2013, p. 20) explica:

A partir dos anos 1970, a ação conjunta de movimentos sociais, juristas e pesquisador@s de diversos campos, busca reverter a histórica deslegitimação das sexualidades não heterossexuais, assim, as leis que condenavam a homossexualidade nos países ocidentais foram progressivamente extintas e criaram-se mecanismos para garantir a igualdade de direitos.

Conforme Quinalha¹⁵, dentro da década de 70, o ano de 1978 foi fundamental para a história do movimento LGBTQ+ no Brasil. A explicação para a importância decorre do apoio político de outras minorias: a de mulheres e negros, que, além de reivindicarem os seus direitos, se esforçaram pela luta democrática dos homossexuais. Ademais, foi criado o Movimento Homossexual Brasileiro, o MHB. Sob efeito da criação, Quinalha aduz que foi organizado em São Paulo um coletivo pioneiro na visibilidade do MHB, o “Somos - Grupo de Afirmação Homossexual”. Quinalha lembra que nesta época também começou a circular o jornal carioca “Lampião da Esquina”, com divulgação mensal e abrangência nacional. Segundo o autor, era um periódico “engajado nas lutas políticas travadas pela imprensa alternativa e feita por homossexuais para homossexuais”.

A partir dos anos 1980 ocorreu a epidemia da AIDS¹⁶, que, conforme Nardi (2013, p. 21), transformou, inclusive, as relações sociais percorridas pela sexualidade.

Após um primeiro momento de enfrentamento da epidemia que reforçou o estigma e o preconceito, ao utilizar a ideia dos grupos de risco, os movimentos sociais, pesquisador@s e profissionais da saúde se uniram em uma coalizão de solidariedade político-científica e criaram o conceito de vulnerabilidade. A perspectiva da vulnerabilidade mostra como o preconceito, a discriminação, a ausência de igualdade de direitos, a moral sexual rígida marcada pela dominação masculina, as relações de gênero opressoras, a pobreza e a falta de políticas públicas produzem, em conjunto, as condições para que as pessoas, independentemente da sexualidade e da identidade de gênero, não utilizem o preservativo e não realizem o tratamento adequado.

¹⁵ Vide página 24.

¹⁶ De acordo com o informativo digital intitulado “Aids/HIV: o que é, causas, sintomas, diagnóstico, tratamento e prevenção”, disponível no site do Ministério da Saúde Brasileiro, AIDS é uma enfermidade decorrente da infecção do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV, sigla em inglês). Uma vez no sistema imunológico, esse vírus é capaz de alterar o DNA de células e fazer cópias de si próprio. Após a multiplicação, o vírus rompe as células atingidas em busca de outras para prosseguir a infecção. É uma doença que não tem cura.

Na mídia, a epidemia do vírus HIV foi chamada de “peste gay”, como informa Quinalha¹⁷. Tal denominação teve impacto na visibilidade e atenção pública, que, de acordo com o autor, reforçou a ideia de que a homossexualidade era uma doença. A partir dessa situação, as políticas de saúde foram as principais reivindicações do grupo aos governantes. Quinalha também lembra que após repercussões negativas diversas campanhas foram realizadas a fim de que os veículos de comunicação parassem de representar os homossexuais de forma menosprezível e caricatural.

2.3 Período Atual

A partir de 1990, Nardi (2013) recorda que as formas de enfrentamento da epidemia do vírus HIV mudaram. Segundo o autor, buscando fortalecer as populações mais vulneráveis, as lutas reivindicavam maior espaço de debate público sobre a sexualidade, além da garantia de igualdade de direitos. Consoante a Quinalha¹⁸, foi a partir dos anos 90 que entidades LGBT se profissionalizaram e ganharam notabilidade social. Organizações, antes regionais, passaram a ser nacionais e, também, surgiram novos ideais de aceitação por meio de integrações. Ademais, o potencial de consumo gay aumentou consideravelmente em decorrência do “pink money”¹⁹ dos homossexuais economicamente bem resolvidos.

Em junho de 1997 um dos principais eventos brasileiros destinados ao público LGBTQ+ teve a sua primeira edição. Trata-se da Parada LGBTI²⁰, realizada anualmente na Avenida Paulista, em São Paulo. O intuito do evento é unir as diversidades e aproveitar a oportunidade para reivindicar respeito e demonstrar o orgulho gay.

¹⁷ Vide página 24.

¹⁸ Vide página 24.

¹⁹ De acordo com a reportagem “O poder do pink money”, publicada pela revista IstoÉ, no dia 2 de dezembro de 2016, é o termo usado para caracterizar a comercialização de produtos que visam alcançar o público LGBT.

²⁰ Os dados expostos foram coletados da reportagem “Parada LGBTI+: Relembre a história e temas anteriores”, escrita por Ketryn Carvalho e publicada no editorial “Observatório” do site Uol, no dia 08 de junho de 2019.

Em 2001, ações de grupos de ativismo LGBT começaram a reivindicar políticas públicas no Brasil, quando foi criado o Conselho Nacional de Combate à Discriminação (CNCND). Segundo Mello; Avelar & Maroja apud Nardi (2013, p. 24), o movimento clamava por “promoção de sua cidadania e direitos humanos, para além da esfera de prevenção da epidemia de HIV/AIDS e de apoio a suas vítimas, que já vinham ocorrendo desde meados da década de 1980”.

No compasso desse movimento, é lançado pelo governo brasileiro, em 2004, o programa “Brasil sem Homofobia (BSH) – Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLBT e de Promoção da Cidadania Homossexual”. Conforme Nardi (2013, p. 24), nele os Ministérios buscavam igualdade e proteção como forma de combater o preconceito e a estereotipação.

O Ministério da Educação, desde 2006, tem custeado formação de docentes e corroborado com publicações que abordam a temática. Consoante a Nardi (2013, p. 24), ainda nessa marcha de legitimação do registro anti-segregativo, o governo Lula, em 2008, realizou a I Conferência GLBT e, no ano seguinte, organizou o Plano Nacional de Promoção da Cidadania e de Direitos Humanos LGBT. Nardi (2013) expõe também que em 2009 foi criado o “Programa Nacional de Direitos Humanos 3” e, em 2010, o governo investiu no Plano Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. As transformações citadas aqui influenciaram, diretamente, nas vivências em sociedade e, dentro disso, pessoas do mesmo sexo conquistaram direitos semelhantes aos de casais heterossexuais.

Iniciativa do movimento feminista, a afirmação dos direitos sexuais como direitos humanos foi fundamental para a validação de direitos para o público LGBT. Porém, em 2011, o cenário político brasileiro sofre uma reviravolta, como conta Nardi (2013, p. 25):

Após a decisão do STF (Supremo Tribunal Federal) em equiparar direitos de casais heterossexuais, a presidente Dilma Rousseff, logo após convocar a II Conferência Nacional LGBT, em ato paradoxal e cedendo à pressão da bancada evangélica no Congresso Nacional, suspende a distribuição pelo MEC de material pedagógico destinado ao combate à homofobia nas escolas.

Ademais, um pastor evangélico acusado de falas preconceituosas, em 2011, assume a presidência da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara de

Deputados. Tal fato, segundo Nardi (2013, p. 25), foi causado devido a uma “consequência não prevista de uma aliança entre partidos da base governista”. Esse cenário político tenso demonstra um agravante: a legitimidade tardia da liberdade de expressão sexual e de gênero. Não somente, demonstra que a reação conservadora sexista ainda se faz presente em setores da sociedade, principalmente naqueles que tentam misturar valores religiosos com teores políticos.

Uma pesquisa realizada em 2011, pelo IBOPE²¹, revelou a opinião dos brasileiros em relação à homossexualidade. Em conformidade com Nardi (2013, p. 26), a pesquisa mostrou que quanto menor a escolaridade, quanto mais velhos e quanto mais religiosos, maior é o preconceito. Além disso, os homens apresentaram serem mais preconceituosos do que as mulheres.

De 2011 até o presente ano, a gangorra entre avanços e retrocessos continuou ora pendendo para um lado, ora pendendo para outro. Em conformidade com uma reportagem²² publicada pelo site Uol, brasileiros homossexuais, que residiam em países como Estados Unidos e Canadá, pediram amparo ao governo brasileiro para permanecerem no exterior, sob a justificativa do aumento da violência nas principais cidades brasileiras.

A notícia “Pesquisa aponta que 70% dos gays foram agredidos em São Paulo”, publicada no site G1, no dia 27 de julho de 2012, corrobora com o que vimos no parágrafo acima. Segundo a reportagem, a pesquisa concluiu que 70% dos homossexuais que residem na capital paulista já passaram por algum preconceito. Os números mostram que 62% são agressões verbais, 15% agressões físicas e 6% sexual. Além disso, os participantes relataram sofrerem ameaças, chantagens e constrangimentos no ambiente de trabalho e em espaços públicos.

Em 2013 foi aprovado pela Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados o projeto²³ intitulado “Cura Gay”, protocolado, em 2011, pelo

²¹ Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística.

²² Intitulada “Cresce número de brasileiros gays no exterior que pedem asilo alegando homofobia”, publicada no site Uol, no dia 04 de abril de 2012.

²³ Informações da plataforma JusBrasil, por meio do artigo intitulado “Entenda o projeto da Cura Gay”, publicado no dia 23 de agosto de 2016.

deputado federal do PSDB de Goiás, João Campos. Influenciado pelas manifestações contrárias do PSDB, após 15 dias da aprovação do projeto, João Campos solicitou à Câmara o cancelamento da sua proposta. O arquivamento foi aprovado quase que por unanimidade, com exceção do PSOL, induzido pelo deputado Jean Wyllys. Ainda, o partido solicitou que a proposta não pudesse ser reapresentada. Um novo projeto de “Cura Gay” foi apresentado à Câmara dois dias após a aprovação do cancelamento solicitado por João Campos. Entretanto, dessa vez, o pedido foi indeferido imediatamente.

No ano seguinte, 2014, um beijo gay em novela²⁴ da Rede Globo colocou a temática homossexual como uma das mais faladas no Brasil. A hashtag #BeijaFelixENiko, nome dos personagens gays da trama, ficou nos “*trending topics*”²⁵ do *Twitter* por mais de seis horas. Em horário nobre e na emissora de maior audiência da televisão brasileira, a imagem representa um avanço nos rompimentos de padronagens televisivos e reflete o debate até hoje presente na sociedade brasileira.

O ano de 2015 foi de inovações para empresas nacionais, conforme reportagem²⁶ da BBC. De acordo com o noticiário, a empresa O Boticário, em 38 anos de história da marca, pela primeira vez, protagonizou uma campanha com casais homossexuais em prol do Dia dos Namorados. Com grande repercussão, no Youtube o vídeo foi assistido 3,9 milhões de vezes, recebendo 376,7 mil curtidas. Por outro lado, 190,3 mil pessoas reprovaram a campanha. Em abril do mesmo ano, uma campanha do bombom “Sonho de Valsa” trazia o slogan “Pense Menos, Ame Mais”. Na propaganda, diversos casais apareciam se beijando, entre eles, um casal de lésbicas. Ademais, a reportagem mostra que, pela primeira vez na história, em 2015, a Motorola lançou uma campanha para a Parada Gay de São Paulo. A fabricante de

²⁴ Vide reportagem “Final de “Amor à Vista” tem primeiro beijo gay em novela da Globo”, publicada pelo Portal G1, no dia 01 de fevereiro de 2014.

²⁵ Conforme o site “Canal Tech”, os “*trending topics*” (assuntos do momento, na tradução livre) são uma seleção dos termos e tópicos mais falados na rede social *Twitter* durante um determinado período de tempo.

²⁶ Vide reportagem intitulada “Empresas apostam em comerciais com gays para “modernizar imagem””, publicada pela BBC, no dia 12 de junho de 2015.

celulares usou a hashtag #EscolhaOAmor para divulgar o evento e o posicionamento plural da marca.

Com a pauta dos direitos de minorias paralisada com o fim do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, o ano de 2016 tinha motivos para ser desastroso no que tange ao debate sobre as garantias do movimento LGBT. Mas, na contramão do esperado, boas ações beneficiaram o movimento, como mostra um artigo²⁷ publicado pela Revista Exame. Entre as notícias destaques, está a que, em janeiro, a primeira turma de mulheres e homens transgêneros, por meio do programa Transcidadania, concluiu formação de ensino fundamental e médio. A iniciativa do programa é da Prefeitura de São Paulo e oportuniza bolsas para que pessoas trans possam estudar. A reportagem também expõe que o nome social passou a ser reconhecido por mais instituições em 2016, como, por exemplo, o Conselho Federal de Medicina (CFM) e a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). Ainda, o Ministério da Saúde inaugurou uma campanha destinada ao atendimento humanizado para travestis, mulheres transexuais e homens trans no Sistema Único de Saúde (SUS). Com o nome “Cuidar bem da saúde de cada um faz bem para todos”, a campanha visou conscientizar toda a sociedade sobre as necessidades de saúde e direitos das pessoas trans.

O ano de 2017 foi marcado pelo recorde de LGBTs mortos. Agressões físicas e verbais também dispararam. Um dos exemplos está em reportagem²⁸ do portal G1. A matéria expõe que um casal, do interior de São Paulo, recebeu agressões na saída de uma festa após um ato afetivo. Entre os ataques, chutes, socos e golpes com uma pá de construção.

Dono de um histórico homofóbico, o vigente presidente da república, Jair Bolsonaro, ao se candidatar ao pleito eleitoral de 2018, fez crescer um número importante no Brasil: o de casamentos gays. É o que mostra uma reportagem²⁹ do

²⁷ Intitulado “6 avanços do movimento LGBT brasileiro que marcaram 2016”, publicado pela revista Exame no dia 30 de dezembro de 2016.

²⁸ Vide reportagem “Casal gay é espancado com pá após abraço e alega homofobia: “bichinhas””, publicada pelo portal G1 no dia 15 de março de 2017.

²⁹ Vide reportagem “Casamento entre pessoas do mesmo sexo saltam 360% após a eleição de Bolsonaro, diz IBGE”, publicada pelo jornal Folha de São Paulo no dia 04 de dezembro de 2019.

jornal Folha de São Paulo. Conforme o periódico, até outubro de 2018, mês da eleição, 674 casamentos entre pessoas do mesmo sexo haviam sido registrados. Em dezembro, dois meses após a vitória de Bolsonaro, os registros da categoria subiram para 3.098, totalizando um aumento de 360%. De acordo com a reportagem, os recém-casados entrevistados citaram a eleição de Bolsonaro como a grande responsável pela corrida ao matrimônio.

Exibida desde 1993 na Rede Globo, a novela adolescente *Malhação*³⁰, no ano de 2019, pela primeira vez em sua história, teve um protagonista homossexual. Com o tema “Toda Forma de Amar”, a trama mostrou os conflitos que o personagem gay sofreu com sua própria sexualidade, além da aceitação por parte da família e amigos. Vale ressaltar que a novela é exibida em horário vespertino e com classificação indicativa para maiores de 12 anos.

No vigente ano, mesmo com os estoques baixos devido à pandemia da Covid-19, o Ministério da Saúde se mostrou inflexível em relação à norma que proíbe a doação de sangue por gays. Desde 2016, indivíduos gays podem doar sangue somente após um ano sem relação sexual. Por conta do estado de emergência, alguns países que seguem as mesmas normas brasileiras, como é o caso dos Estados Unidos, flexibilizaram as regras. Após inúmeras ações na justiça, no dia 08 de maio de 2020, o Supremo Tribunal Federal (STF)³¹ decidiu, por maioria de votos, derrubar restrições à doação de sangue por homens gays. Decisão e vitória histórica para o movimento.

Os expostos apresentados caracterizam a desigualdade que o movimento já enfrentou e ainda enfrenta cotidianamente. Se por um lado temos aberturas por parte de empresas, eventos, artistas e mídia, por outro temos conservadorismo e repreensão política, religiosa e social. A linha entre o avanço e o retrocesso ainda é muito tênue. Enquanto uma mão é estendida, a outra é fechada. E assim, notícias positivas e negativas disputam diariamente espaços, com uma indagação intrínseca: a sociedade realmente avançou na garantia aos direitos LGBT?! Este ainda não é um

³⁰ Vide notícia “Malhação terá, pela primeira vez na história, protagonista gay”, publicada pela revista EXAME no dia 04 de abril de 2019.

³¹ Vide notícia “Supremo Tribunal Federal derruba restrições à doação de sangue por homens gays”, publicada pelo portal G1 no dia 09 de maio de 2020.

ponto estático e pacífico, assim como outros temas. Porém, é necessário ultrapassar as barreiras. De acordo com Nardi (2013, p. 26), mais do que lutar por igualdade, “trata-se de promover a equidade, a qual implica desenhar projetos e programas atentos à vulnerabilidade e às necessidades específicas das minorias sexuais”.

O movimento homossexual, através de suas reivindicações, têm influenciado diversos grupos da sociedade, entre eles a mídia. Segundo Iribure (2008, p.10),

a principal consequência desse movimento é o protagonismo de um sujeito que vinha sendo, historicamente, regulado por outros discursos. Ele emerge, ou se reconstrói, na cena contemporânea, como definidor de suas práticas sexuais e sociais alinhadas a políticas públicas de inclusão social.

De acordo com Iribure (2008, p. 10), a mídia mostra as homossexualidades GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros) em diferentes discursos: jornalístico, ficção (seriados e novelas) e publicitário. No entanto, na visão do autor (2008, p.10), ela ainda é carente de espaços de discussões em que é possível estabelecer discursos e análises sobre como é a representação dessa minoria da sociedade nos meios comunicacionais.

Em conformidade com Foucault (2009), as condições de produção são responsáveis por tornar possíveis ou não os discursos que a mídia produz. Na explicação de Foucault (2009, p. 9): “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos”. Isto é, de acordo com os mecanismos de controle social, por meio de regras e normas próprias da ordem do discurso, os discursos se realizam.

Entre os mecanismos de controle mais utilizados na sociedade disciplinar atual, Foucault (2009) destaca a interdição. De acordo com o autor, a interdição é recorrente em discursos sobre sexo, principalmente sobre homossexualidade. Em relação ao mecanismo citado, Foucault (2009, p. 9) comenta: “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa”.

Como consequência, as representações das homossexualidades na mídia e na indústria cultural recomendam uma série de repertórios que podem ou não estar em

sintonia à perspectiva de inclusão e avanço social, conforme Iribure (2008). Assim, aproxima-se da temática desta pesquisa, que busca compreender como produtos jornalísticos trataram a temática da diversidade sexual frente ao lançamento do álbum “Pra Sempre”, produto da indústria cultural.

Após a contextualização histórica da gênese dos movimentos LGBTQ+ no Brasil, a partir da apresentação de autores de referência e uma série de materiais jornalísticos que abordam o tema em diferentes contextos históricos, o próximo capítulo pretende apresentar a abordagem teórica, através de perspectivas teóricas do jornalismo, a fim de aclarar os conceitos de critérios de noticiabilidade, valores-notícia, fontes, agendamento, acontecimento e jornalismo cultural. Tais abordagens visam interligar a temática desta pesquisa com o campo profissional e científico jornalístico.

3 ABORDAGEM TEÓRICA - “O NOSSO AMOR VIROU NOTÍCIA, GANHOU A CAPA DO JORNAL”

“O nosso amor virou notícia,
ganhou a capa do jornal, depois
quebrou a internet, viralizou geral”

(Lulu Santos, Hoje em Dia,
grifo nosso)

Os princípios teóricos utilizados neste capítulo se fundamentam nas perspectivas teóricas sobre o jornalismo desenvolvidas pelos autores Wolf (2001), Galtung e Ruge (2008), Traquina (2008), Golding e Elliot (2008), Walter Lippman (2008), John Hartley (2008), Stuart Hall (2008), Ericson, Baranek e Chan (2008), Blumler e Gurevitch (1995), Santos (1997), Sigal (1986), Gitlin (2001), McCombs e Shaw (1972), Cohen (2001), Ebring, Goldenberg e Miller (2000), Rodrigues (1993), Sodré (2012), Molotch e Lester (1993), Alsina (2009), Morin (2009), Charaudeau (2007), Katz (1993), Hall (1978), Melo (1991), Cerigatto (2015), Segura, Golin, Alzamora (2011), Melo (2012), Santos (2003), Adorno e Horkheimer (1985), Cerigatto e Siqueira (2008), Habermas (1984), Leavis e Thompson (1933), Halloran e Jones (1986), Eco (2015), Piza (2004), Nunes (2003), Medina (1990), Masi (2000), Piza (2003), Rodrigues (2001), Ventura (1989), Stycer (2007), Marshall (2003), Melo (2012), Gullar (2002), Morin (2001), Pignatari (1996), Vale (2007), Faro (2009), Berger (1996), Januário (2005), Gadini (2006), Unesco (2009), Woitowicz (2012) e Moraes (2008), a fim de esclarecer os conceitos centrais para o desenvolvimento desta

pesquisa: critérios de noticiabilidade, valores-notícia, fontes, agendamento, acontecimento e jornalismo cultural.

Tais estudos foram selecionados orientados pela aproximação com a temática desta pesquisa e com os objetivos propostos, que abrangem a análise da cobertura jornalística em torno do lançamento do álbum “Pra Sempre”, a fim de compreender como vem se desenvolvendo a relação entre o produto cultural e os movimentos sociais LGBTQ+ na mídia, além da busca por identificar, a partir do álbum “Pra Sempre”, de que forma o autor da obra, Lulu Santos, é projetado na mídia como uma figura representativa em torno dos movimentos LGBTQ+.

Portanto, para alcançar tais objetivos, serão empregados os conceitos teóricos jornalísticos descritos e aclarados neste capítulo, uma vez que eles orientam o método de abordagem do conteúdo produzido pelos profissionais jornalistas e explicitam o porquê e a forma como a mídia e os meios jornalísticos decidem abordar tópicos de relevância jornalística, cultural, política, social e midiática, inviabilizando tantos outros, o que não deixa, também, de representar uma estratégia de agendamento via silenciamento. Ademais, à vista disso, será a partir destas elucidações que, posteriormente, trabalharemos no capítulo de análise com clareza e compreensão do conteúdo e temática, estabelecendo relações entre o conteúdo empírico e a teoria que sustenta a pesquisa.

Este terceiro capítulo está organizado, portanto, em dezesseis seções que orientam teoricamente o desenvolvimento desta pesquisa, auxiliando na análise do objeto definido. A primeira seção aborda os critérios de noticiabilidade; a segunda até a quinta tratam sobre os valores-notícia; a sexta às fontes; e a sétima discorre sobre o agendamento; a oitava refere-se às lógicas de construção dos acontecimentos; e a nona até a décima sexta seção traz explicações sobre o jornalismo especializado cultural.

3.1 Critérios de noticiabilidade

Conforme Wolf (2001, p. 190), a noticiabilidade é concebida pela soma de condições que se requer dos acontecimentos para que estes alcancem a existência pública de notícias. Assim, para o autor, a noticiabilidade diz respeito ao conjunto de

critérios, operações e instrumentos nas quais os veículos de informação selecionam, dentro de inúmeros fatos, imprevisíveis e indefinidos, uma quantidade finita e determinada de notícias.

Nestes critérios encontram-se os valores-notícia, que, segundo Wolf (2001), são critérios de relevância, que durante todo o desenvolvimento da produção jornalística se fazem presentes, desde a seleção dos acontecimentos até o processo de construção da notícia. Segundo o autor, os valores-notícia guiam a seleção e a nivelção dos fatos na construção das narrativas, apresentadas à sociedade pelos meios de massa.

Dessa forma, Wolf separou os valores-notícia em dois grupos: em um os valores-notícia de seleção e, no outro, os valores-notícia de construção. É importante destacar que dentro da categoria de valores-notícia de seleção existem duas subcategorias. Trata-se dos critérios substantivos e dos critérios contextuais.

3.1.1 Valores-notícia de seleção

Os valores-notícia de **seleção**, para Wolf (2001), dizem respeito aos critérios que os jornalistas operam durante a decisão de escolher um fato como candidato a transformar-se em notícia e deixar de lado outro acontecimento. Ainda, segundo Wolf, os valores-notícia de **construção** funcionam como parâmetro para a exposição do material, indicando o que deve ganhar destaque, o que deve ser ocultado e o que deve ser tratado como prioridade na construção da notícia. Essas distinções são perceptíveis na lista de valores-notícia construída por Galtung e Ruge apud Traquina (2008).

Tais autores, constatarem como um valor-notícia, por exemplo, a importância de pessoas elitizadas. Esse valor-notícia de seleção é denominado como “a notoriedade do ator”³². Outro valor-notícia, identificado por Galtung e Ruge apud Traquina (2008), é a “personalização”. Para os autores, “as notícias têm a tendência de apresentar os acontecimentos como frases onde há um sujeito, uma pessoa nomeada ou uma

³² Lulu Santos é um personagem com notoriedade já construída, o que facilita seu acesso ao campo midiático.

coletividade que consiste em algumas pessoas”. Entretanto, a personalização faz parte de outra categoria que veremos em breve, a do valor-notícia de construção.

3.1.2 Valores notícia de seleção - critérios substantivos

Segundo Traquina (2008), “onde há morte, há jornalistas”. Assim sendo, a “**morte**” é um valor-notícia fundamental para a comunidade jornalística. Outro valor-notícia essencial é a “**notoriedade do ator principal**” do acontecimento (nesta pesquisa Lulu Santos assume o papel de ator principal). Os autores Galtung e Ruge apud Traquina (2008, p. 27) destacam a notoriedade do ator ao salientarem que: “quanto mais o acontecimento disser respeito às pessoas de elite, mais provavelmente será transformado em notícia”. Simplificando, o nome e a posição social da pessoa são significativos como fator a virar notícia ou não.

Ademais, a “proximidade”, principalmente em termos geográficos, mas também em termos culturais, é um valor-notícia primordial da cultura jornalística. Golding e Elliot apud Traquina (2008), exemplificam que um acidente de viação com duas vítimas mortais em Cascais (Portugal) tem mais tendência a ser notícia em um jornal de Lisboa ao invés de um jornal do Porto, em razão da distância geográfica. Identificado por Galtung e Ruge apud Traquina (2008), a “relevância” também faz parte dos valores-notícia. Tal critério corresponde à capacidade do fato coincidir ou impactar pessoas, países e nações. O álbum “Pra Sempre” apresenta duas relevâncias: por um lado, a artística, por outro, a social.

De acordo com Traquina (2008), a “novidade” é um conceito elementar no jornalismo. Segundo o autor, para os comunicadores, em uma questão central, o que interessa é o que há de novo. O fator “tempo” também é um valor-notícia, tanto em forma de atualidade, servindo como “news peg”³³, quanto como a data específica, justificando o porquê de um acontecimento que já teve lugar no passado, na mesma data, voltar a ser notícia. Ainda, o fator tempo pode se estender ao longo do tempo

³³ De acordo com o projeto on-line Comuniqueiro, *news peg* é uma notícia que serve como base ou justificativa para uma posterior reportagem, editorial etc.. Um acontecimento da atualidade que legitima a noticiabilidade de outro acontecimento.

devido ao impacto na comunidade jornalística. Ou seja, o assunto ganha destaque e permanece como pauta.

A “notabilidade”, qualidade de ser visível, é também um valor-notícia fundamental para o campo jornalístico. Conforme Walter Lippman apud Traquina (2008), “tem que acontecer qualquer coisa de específico que tenha uma forma evidente, tem que haver qualquer aspecto manifesto”. O valor-notícia da notabilidade, segundo Traquina (2008), chama a atenção para o revés do jornalismo evidenciar, cada vez mais, os acontecimentos ao invés dos problemas. Em conformidade com Traquina (2008), “o trabalho jornalístico é uma atividade prática onde os jornalistas lutam constantemente contra a tirania do fator tempo”. Para o autor, o ritmo do trabalho leva os jornalistas a enfatizarem mais os acontecimentos do que as problemáticas.

Dentro da notabilidade, existem diversas séries. Uma delas é a “**quantidade de pessoas**” que são envolvidas por um acontecimento. Conforme Golding e Elliott apud Traquina (2008), os jornalistas destacam as notícias que dizem respeito a muitas pessoas. Se junto dessas muitas pessoas houver nomes importantes, maior será a notabilidade. A “inversão”, o contrário do normal, também é um registro de notabilidade. Traquina (2008) exemplifica: “o homem que morde o cão, e não o cão que morde o homem”.

Ainda, o “insólito” faz parte da notabilidade, ou seja, aquilo que não é habitual. Conforme Traquina (2008), “é o ladrão que vem entregar o carro roubado, o banhista que estende a toalha e encontra um moribundo, os bombeiros que apagam fogo com leite etc..”. A “falha” também é um registro de notabilidade. Segundo Traquina (2008), se enquadra por defeito ou por insuficiência. Por exemplo, um acidente aéreo. E por fim, o último registro de notabilidade: o “excesso” e/ou “escassez”. Consoante a Traquina (2008), uma das notícias mais destacadas nessa categoria é o estado do tempo. O autor exemplifica: “a temperatura de 35 graus no mês de março ou uma chuvarada depois de dez meses de seca”.

Saindo da subcategoria e retornando aos principais valores-notícia de seleção, temos o “inesperado”. Traquina (2008) explica que é tudo o que surpreende os jornalistas. Como exemplo, o autor cita os ataques do dia 11 de setembro de 2001. O “conflito” ou a “controvérsia” é mais uma categoria de valor-notícia. Violências físicas

ou simbólicas feitas entre líderes políticos também se encaixam nessa classificação. Após, vem a “infração”, que corresponde à violação de regras. Associado a infração está o “escândalo”. De acordo com Traquina (2008), este tipo de situação corresponde a imagem do “jornalista como cão de guarda das instituições democráticas”.

John Hartley apud Traquina (2008) acredita que os valores-notícia não representam nem naturalidade e nem neutralidade. Os valores-notícia, para Hartley, “formam um código que vê o mundo de uma forma muito particular (peculiar até)”. Já Stuart Hall apud Traquina (2008), define os valores-notícia como um recorte cultural do mundo social. Conforme Stuart Hall apud Traquina (2008), “se os jornalistas não o tiverem, não podem tornar perceptíveis às suas audiências os acontecimentos invulgares, inesperados e imprevisíveis que ajudam a formar o conteúdo básico do que é noticiável”.

3.1.3 Valores notícia de seleção - critérios contextuais

Segundo Wolf apud Traquina (2008), por critérios contextuais “entende-se os critérios que dizem respeito ao contexto do processo de produção das notícias e não às características do próprio acontecimento”. Assim, dentro do subgrupo de critérios contextuais, o primeiro valor-notícia é a “disponibilidade”. Conforme Traquina (2008), tal critério corresponde a facilidade ou não com que é possível noticiar o acontecimento.

O “equilíbrio” também faz parte deste subgrupo. Na explicação de Traquina (2008), a noticiabilidade de um fato pode ser relacionado com a quantidade de apuramento que ele já teve recentemente ou no passado. A “visualidade” é outro valor-notícia, ou seja, se há elementos como fotografias ou filmes. No jornalismo televisivo, segundo o autor, este valor-notícia é critério fundamental.

A “concorrência”, de acordo com Traquina (2008), é mais um valor-notícia. Na explicação do autor, conseguir uma exclusividade, um furo, dispara a rivalidade entre as empresas jornalísticas. Porém, Traquina (2008) alerta que as empresas tentam evitar a situação contrária: não ter um material que a outra tem. Devido a isso,

acontece o que Traquina (2008) denomina de “pack journalism”³⁴, isto é, “a tendência para membros da tribo jornalística de andar em grupos, numa matilha, seguindo-se uns aos outros”. Esse fenômeno é perceptível nesta pesquisa. O álbum se alastra em diversos espaços e dispositivos midiáticos, um contaminando o outro, gerando uma grande redoma midiática em torno desse acontecimento.

O “dia noticioso” é o último valor-notícia deste subgrupo. Segundo os acadêmicos Molotch e Lester apud Traquina (2008, p. 44), “os acontecimentos estão em concorrência com os outros acontecimentos”. Ou seja, há dias repletos de fatos com valor-notícia e outros dias considerados pobres neste aspecto.

3.1.4 Os valores-notícia de construção

Conforme Traquina (2008), valores-notícia de construção são os métodos de seleção dentro dos fatos, merecedores de serem incluídos no processo da notícia. Identificado por Ericson, Baranek e Chan apud Traquina (2008), a “**simplificação**” é um valor-notícia de construção. De acordo com os autores, quanto mais simples for o acontecimento, mais possibilidades a posterior notícia tem de ser notada e assimilada.

O segundo valor-notícia de construção é a “amplificação”. Segundo Galtung e Ruge apud Traquina (2008), quanto mais amplificado é o fato, mais a notícia terá possibilidades de ser vista. O terceiro é a “relevância”. Em conformidade com Traquina (2008), quanto mais sensação de realidade a notícia passa ao acontecimento, mais chances a notícia terá de ser contemplada. Traquina (2008) sinaliza que cabe ao jornalista demonstrar que determinado fato é importante para as pessoas.

Na sequência vem a “personalização”. De acordo com Galtung e Ruge, e Ericson, Baranek e Chan apud Traquina (2008), a lógica é a seguinte: quanto mais valor se dá às pessoas envolvidas no acontecimento, mais tendência a notícia tem de ser atentada. Após vem o valor-notícia “dramatização”. Segundo Ericson, Baranek e Chan apud Traquina (2008), tal critério é o reforço do lado emocional, o apelo ao sensacionalismo. Por último, está a “consonância”. Conforme Galtung e Ruge apud

³⁴ Jornalismo de pacote, em tradução livre.

Traquina (2008), quanto mais a notícia mostrar o fato a partir de um contexto conhecido, mais possibilidades ela terá de ser percebida.

A compreensão dos critérios de noticiabilidade é fundamental para analisar como um veículo de comunicação escolheu abordar determinado fato, e o porquê de ter noticiado de determinada maneira. Portanto, isso se aplica para o entendimento da forma como a mídia noticiou o lançamento do produto cultural de Lulu Santos, bem como sua ligação com o movimento LGBTQ+.

3.2 As fontes no campo jornalístico

Para Blumler e Gurevitch (1995, in Santos, 1997), por meio da organização da rede de fontes de um meio de comunicação jornalístico é possível entender os padrões sociais, culturais, econômicos e políticos. Ainda, de acordo com as fontes, percebe-se os critérios de noticiabilidade na qual cada veículo se orienta. Segundo os autores, qualquer pessoa pode ser fonte e, assim, fornecer informações. No entanto, ser mantida como fonte significa que há um interesse recíproco entre o jornalista e o fornecedor da informação, e esta relação, de tal modo, consiste-se na confiança e nas relevâncias de trocas.

Conforme Blumler e Gurevitch (1995, in Santos, 1997), a relação entre jornalista e fonte compõem um convívio entre atores adaptáveis, mas, ao mesmo tempo, dependentes, que, embora exerçam papéis harmonizados uns aos outros, trilham objetivos diferentes e aproveitam de uma cultura compartilhada. Os autores ainda destacam que os discursos que as fontes buscam dar visibilidade por meio de contato com os comunicadores são delimitados pelo campo jornalístico, conforme abordado no capítulo anterior, como critérios de noticiabilidade e valores-notícia. Quando conhecedoras dos valores do campo jornalístico, as fontes buscam se enquadrar aos critérios de noticiabilidade via artifícios que, em conjunto, transmitem visibilidade aos interesses públicos e tratam de confidenciar o que não pretendem mediatizar. Sigal (1973 e 1986, in Santos, 1997) também aponta que há um fluxo entre a notícia, a fonte e o jornalista. De acordo com o autor, “a notícia depende das fontes das notícias, e estas dependem da forma como o jornalista procura as fontes das notícias”.

Corroborando, Ericson et al. (1989, in Santos, 1997) explicam que as fontes de informações, em suas atividades, fazem uso de estratégias defensivas e reativas, em uma frequente oscilação entre o que será revelado e o que será mantido em sigilo. De tal maneira, a fonte altera e exerce controle sobre o material da própria organização; os jornalistas alteram e exercem controle sobre o material da fonte, adequando-os às suas conveniências. A notícia, portanto, é lançada como um produto originário das operações entre jornalistas e suas fontes.

Segundo Gitlin (in Traquina, 2001), há situações em que é desenvolvido um elevado grau de confiança e reciprocidade entre as fontes e o repórteres. Tal confiança, conforme o autor, é articulada com interesses e valores. Gitlin (in Traquina, 2001) aclara os objetivos das fontes e dos jornalistas. De acordo com o autor, além da visibilidade e a atenção das mídias, as fontes buscam marcar a agenda pública; o apoio a ideias; a neutralização de interesses opostos; a reparação de prejuízos; e a criação de uma imagem pública favorável. Perante tais interesses, elas se deparam com jornalistas que buscam ineditismo; informações fundamentadas; desenvolvimento de matérias; fornecimento de avaliações; lançamento de debates e alguém de credibilidade para legitimar as informações que lança. De tal modo, percebe-se um ciclo, onde um complementa os interesses e as atribuições do outro.

Portanto, compreender o conceito de fontes é essencial para a pesquisa na medida em que entendemos a notoriedade de Lulu Santos enquanto fonte. Por meio de estratégias, que serão explanadas no capítulo de análise, Lulu Santos ganha visibilidade midiática e torna-se figura frequente na agenda pública.

3.3 Agendamento (*agenda-setting*)

Proporcionar a inclusão de temas específicos na agenda midiática é categorizada como agendamento e/ou *agenda-setting*. Criada por McCombs e Shaw (1972), essa teoria defende a ideia de que a mídia de massa pode determinar os assuntos mais importantes, isto é, a mídia pode determinar a agenda pública.

[...] As pessoas têm tendência para incluir ou excluir de seus próprios conhecimentos aquilo que os mass media incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende a atribuir àquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos mass

media aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas. (SHAW apud WOLF, 2001, p. 144)

Os fundadores da Teoria do Agendamento, resumidamente, apresentam o propósito da teoria da seguinte maneira:

“A capacidade dos media em influenciar a projeção dos acontecimentos na opinião pública confirma seu importante papel na configuração de nossa realidade social, isto é, de um pseudo-ambiente, fabricado e montado quase completamente a partir dos mass media”.

De tal modo, o agendamento refere-se à inserção de um estipulado assunto nas temáticas metodicamente abordadas pela mídia e a visualidade que o assunto obtém ao fazer parte do discurso jornalístico.

De acordo com Traquina (2000), foi nas eleições presidenciais norte-americanas de 1968 que as pesquisas sobre a teoria do agendamento tiveram início, decorrentes de um estudo feito por McCombs e Shaw, publicado em 1972. Todavia, o autor ressalta que a concepção de agendamento foi sugerida ainda nos anos 20 por Lippmann, em argumento que o principal elo entre os fatos da realidade e a imagem que, posteriormente, as pessoas construíam sobre esses fatos, eram geradas pelas mídias. Conforme Traquina (2000), mesmo fazendo referência apenas à imprensa na época, a hipótese já supunha a indução dos meios de comunicação na elaboração de uma agenda pública como uma construção social provinda da relação entre sociedade e mídia.

No início da década de 1960, também Cohen (apud Wolf, 2001, p. 145) fazia referência ao controle dos meios de comunicação, ao declarar a capacidade da mídia em dizer aos leitores sobre temas que deveriam apreciar. O autor expressa que a mídia de massa, na tentativa de dizer às pessoas como elas devem se comportar, pode não ter sucesso o tempo todo. No entanto, o autor conclui que a imprensa é sempre bem-sucedida quando ela diz aos seus leitores a respeito do que pensar.

A evolução histórica da Teoria do Agendamento, de acordo com Traquina (2000, p. 127-128), divide-se em quatro fases: 1) 1968: a análise sobre a campanha presidencial norte-americana que, como interesse, objetivava verificar as interações entre a agenda midiática e a agenda pública; 2) 1972: novas análises com o propósito de repetir os resultados primordiais a respeito da hipótese do agendamento, assim

como encontrar explicações no campo psicológico; 3) 1976: ampliação da ideia para dois novos horizontes: a agenda das características dos candidatos e a agenda das preocupações sociais; e 4) 1980: o eixo do estudo estava centrado nas fontes da agenda dos mídias.

Shaw apud Wolf (2001) explica que a Teoria do Agendamento visa deslindar porque alguns temas alcançam o máximo da visibilidade nos meios de comunicação e, de tal maneira, passam a integrar a agenda pública, sendo discutidos e promovidos até a exaustão.

A hipótese do Agenda-Setting não defende que os mass media pretendem persuadir (...). Os mass media, descrevendo e precisando a realidade exterior, apresentam ao público uma lista daquilo que é necessário ter uma opinião e discutir. O pressuposto fundamental do Agenda-Setting é que a compreensão que as pessoas têm de grande parte da realidade social lhes é fornecida, por empréstimo, pelos mass media.
(SHAW apud WOLF, 2001, p. 145)

Em conformidade com Wolf (2001, p. 164), o processo de agendamento está interligado com o cunho público do tema, ou seja, com a sua importância social. Segundo o autor, alguns temas não são passíveis de serem tematizados, revelando a relevância daqueles que apresentam caráter político-social. Para Wolf (2001), sobre a viabilidade de disseminação de uma diversidade de temas que foram largamente enfatizados pelos meios de massa, o agenda-setting só seria cabível nos temas que apresentassem, por si só, uma significância institucional. Ainda, Ebring, Goldenberg e Miller apud Traquina (2000) descrevem o processo do agendamento como um meio interativo, onde, a longo prazo, a influência da agenda pública sobre a agenda jornalística pode ser observada, enquanto, de modo direto e imediato, pode ser vista a influência da agenda jornalística sobre a agenda pública.

À vista disso, o entendimento do conceito de agendamento corrobora com este estudo, considerando que a temática aqui explorada apresenta duas relevâncias: a artística e a social. Como visto, a publicização da temática, além da notoriedade do ator, influencia na ênfase e circulação do conteúdo, difundidos pelos meios de massa na agenda pública.

3.4 Lógicas de construção do acontecimento jornalístico

Conforme Rodrigues apud Traquina (1993, p. 27), “acontecimento é tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história entre uma multiplicidade aleatória de fatos virtuais”. Segundo Rodrigues apud Traquina (1993, p. 28), o acontecimento jornalístico surge sem vínculo notável, nem motivo familiar, imprevisível, e, assim, torna-se significativo, meritório de ser conservado na memória. Uma vez que se torna dispositivo de evidência universal, o próprio discurso do acontecimento manifesta-se como um acontecimento notável. De tal modo, certifica a identificação e a notabilidade da sociedade.

No âmbito deste trabalho, o álbum musical “Pra Sempre” se apresenta como um acontecimento na medida em que seu criador, Lulu Santos, anuncia as faixas musicais e explicita a narrativa que envolve as canções. Ademais, as diversas fases do relacionamento entre Lulu Santos e Clebson Teixeira corroboram com o desenrolar musical e aumentam a durabilidade do acontecimento. O lançamento do álbum, portanto, é legitimado por um acontecimento anterior, de ordem pessoal, que atravessa a vida do cantor e que o inspira para a produção musical.

Conforme Sodré (2012, p. 26), a narrativa é o próprio acontecimento, não somente o relato do acontecimento. Assim, a narrativa torna-se pública e se exhibe como uma função capaz de criar aquilo mesmo que ela narra e apresenta. Já Molotch e Lester apud Traquina (1993, p. 36) explicam que a durabilidade do acontecimento depende dos interesses construídos na redoma do acontecimento. Ou seja, os acontecimentos podem perseverar, no entanto, não são caracteristicamente duráveis. Quanto mais desestruturarem a ordem regular de funcionamento das coisas, mais tendem a se preservar presentes nos media.

Rodrigues apud Traquina (1993, p. 30) explica que o acontecimento jornalístico pressupõe uma desigualdade em paralelo aos acontecimentos reais. Ou seja, é orientado por regras e diretrizes particulares. Ao descrever um acontecimento, os media, ademais do acontecimento narrado, elaboram, simultaneamente, a descrição do acontecimento como um novo acontecimento que surge a fim de compor o mundo. Portanto, o relato do acontecimento tende a construir um lugar de fala.

A despeito disso, Alsina (2009, p. 12) atenta para as diferenças entre a notícia e o acontecimento. Conforme o autor (2009, p. 12), “a notícia é a narração de um fato ou o reescrever de uma outra narrativa, enquanto que o acontecimento é a percepção do fato em si da notícia”. Entretanto, Alsina (2009, p. 13) destaca que o acontecimento é interligado ao sujeito que percebe o acontecimento. Ou seja: o jornalista percebe o fato, mas irá explicar a realidade de acordo com suas experiências e lentes interpretativas. O mundo é delimitado principalmente pelos limites de linguagem que cada indivíduo utiliza para perceber e experienciar o mundo, o cotidiano.

Ainda em relação à diferença entre a notícia e o acontecimento, Alsina (2009, p. 133) diz que “o acontecimento é uma mensagem recebida enquanto que a notícia é uma mensagem emitida”. Isto é, a percepção do sistema gera o acontecimento, enquanto o sistema gera a notícia. No entanto, é importante alertar que os sistemas podem variar nas percepções do que é notícia e o que é acontecimento. O que é para um pode não ser para o outro. Morin apud Alsina (2009, p. 133) é pontual neste aspecto: “a noção de acontecimento só faz sentido no tocante ao sistema que ele afeta”.

De acordo com Charaudeau (2007, p. 95), o acontecimento surge para as pessoas em estado bruto, necessitando de uma percepção e interpretação. O olhar individual é quem transforma o acontecimento bruto em algo significativo. A interpretação individual reestrutura o princípio de significado em que o acontecimento veio à tona. Ou seja, a inteligibilidade do indivíduo transforma os significados e estruturas dos acontecimentos. Charaudeau (2007, p. 99) também expõe que o acontecimento surge e vive em um debate constante entre ordem e desordem, e que a sua percepção dependerá, sempre, de um sujeito capaz de interpretar o mundo e suas sociedades.

Consoante a Morin apud Alsina (2009, p. 43), em primeiro lugar o acontecimento deve ser contemplado como uma informação; como um novo componente que chega sem previsões nos mais diversificados ambientes de uma sociedade. Por essa novidade, o acontecimento surge como um desorganizador, um acidente. Isto é: ao mesmo tempo que ele modifica ele perturba.

Em conformidade com Alsina (2009, p. 114), os acontecimentos são constituídos por meio de ocorrências externas ao sujeito. No entanto, os acontecimentos apenas ganham sentido próximos dos sujeitos, pois são eles que legitimam esse sentido. O autor (2009, p. 115) também ressalta que cabe ao sistema cultural concretizar quais fenômenos serão considerados como acontecimentos e quais serão descartados. Afinal, “toda forma de enxergar é uma forma de ocultar” (ALSINA, 2009, p. 115).

Nesse sentido, Sodré (2012, p. 36) indica que o acontecimento deve ser entendido como um atributo de mundo, um diferenciador das significações das coisas, do antes e do depois. Ademais, conforme Sodré (2012, p. 38), o enquadramento midiático é a esfera responsável por selecionar, salientar, apresentar e construir o acontecimento. Em tais circunstâncias, a midiatização se caracteriza como o principal processo de viabilização dos fatos sociais no círculo público. Ainda, por meio da atualidade, a midiatização pauta a singularização do acontecimento. Por sua vez, a ocorrência (ponto de partida do acontecimento) é a matéria-prima jornalística dessa singularização.

Outrossim, Alsina (2009, p. 119) atenta para uma problemática. Segundo o autor, o conhecimento dos acontecimentos se restringe às classes dominantes. A massa, o popular, recebe os boatos e os acontecimentos de nível local. De tal modo, Alsina (2009, p. 119) afirma que exercer o controle sobre os acontecimentos passa a ser uma das principais constâncias do poder. Assim, fica entendível que não se trata de negar o acontecimento, mas controlá-lo, pois, ele é a ruptura que evidencia o equilíbrio sobre a qual as sociedades se fundamentam.

Alsina (2009, p. 123) também aponta que, quando não existe qualquer acontecimento analisado como importante, cabe ao veículo de comunicação ser o próprio acontecimento. É necessário sempre existir algum acontecimento importante, pois a mídia se apresenta como um lugar de reprodução de transcendência social. Segundo o autor (2009, p. 128), no interior das sociedades democráticas o acontecimento soa como algo maravilhoso. O que não aparece na mídia não existe para uma grande parcela da população. A mídia traz visibilidade e proximidade aos fatos, tornando-os palpáveis e possíveis de serem sentidos e entendidos. Assim, ao mesmo tempo que os acontecimentos reproduzem o imaginário coletivo, eles também

reproduzem a superficialidade de uma sociedade, os conflitos e projeções que por qualquer motivo ainda não despontaram.

Na redoma dos acontecimentos públicos, Molotch e Lester apud Traquina (1993, p. 38) atentam para a existência de interesses na divulgação de certas ocorrências. Primeiro há os promotores de notícia, que identificam um caso como especial com base em qualquer razão particular. Depois há os jornalistas e os editores, que, orientados pelo fornecimento dos promotores, convertem um conjunto de fatos em publicação. E, na sequência, há os consumidores de notícia, que recebem as ocorrências divulgadas pelos meios de comunicação e, a partir dos materiais, reproduzem o sentimento do tempo público. Isto significa que todos os acontecimentos são socialmente idealizados e a sua noticiabilidade não está inserida nos objetivos traçados.

Katz apud Traquina (1993, p. 54) lembra da importância da centralidade da personalidade. Consoante ao autor, os acontecimentos sempre têm um personagem destaque, um herói. Como exemplo, um assassino pode ser tratado como notícia, e o seu funeral ser transformado num acontecimento mediático.

Nesta pesquisa, entende-se que o relacionamento de Lulu Santos é a notícia, enquanto que o álbum “Pra Sempre” é o acontecimento. Ou seja, Lulu Santos assume um relacionamento homoafetivo, narra as fases deste relacionamento por meio de canções e estas canções formam um álbum musical que, além de celebrar o amor, expõe uma temática de âmbito artístico e social.

Katz apud Traquina (1993, p. 56) comenta também que, normalmente, transmitidos ao vivo, os acontecimentos mediáticos sofrem com o problema de como traduzir a estória enquanto ela ainda está acontecendo. Destarte, o acontecimento é modelado em sua produção e narração por meio da transmissão em direto, o que acarreta no despertar das emoções. E é essa emoção, gerada via acontecimentos mediáticos, o efeito principal dessa lógica de construção.

Traquina (1993, p. 175), entretanto, evidencia um problema: devido ao ritmo do trabalho jornalístico, os acontecimentos ganham destaque em relação às problemáticas. De acordo com o autor (1993, p. 175), “os acontecimentos são concretos, delimitados no tempo, e mais facilmente observáveis”. Os acontecimentos

estão intrinsecamente dentro do processo jornalístico do quem?, quê?, onde?, quando?, como? e porquê?. Do outro lado, há invisibilidade no meio das problemáticas e necessidade de tempo. Tal cenário exige cobranças por parte do campo jornalístico que, majoritariamente, não são absorvidas pelos mais diversificados critérios e avaliações. Assim dizendo, os assuntos e problemáticas entram no campo jornalístico somente quando existe um acontecimento tateável, efetivo.

Com base nas informações citadas nesta seção, o álbum aqui analisado é um acontecimento revelador de um problema maior, estrutural, conjuntural. No capítulo de análise abordaremos as perspectivas aqui expostas, a fim de compreendermos qual foi o tratamento jornalístico recebido pelo acontecimento em questão, o álbum “Pra Sempre”. Por meio da análise, e de acordo com os veículos jornalísticos e midiáticos selecionados, perceberemos qual a posição do acontecimento e qual a posição da problemática.

3.5 Prática e dimensão do jornalismo cultural

Edward T. Hall (1978, p. 80) nos lembra que “a cultura é a que decide em que nós devemos prestar atenção e o que devemos ignorar. Essa função de proteção oferece uma estrutura ao mundo e protege o sistema nervoso da sobrecarga de informação”. Não podemos tornar tudo significativo, pois não teríamos capacidade de processar tamanha informação. “O que um indivíduo escolhe, mesmo se for consciente ou inconsciente, é o que vai fornecer a estrutura e o significado ao seu mundo” (HALL, 1978, p. 83).

De modo a compreender a ligação do jornalismo cultural com a temática abordada nesta pesquisa, bem como com os demais estudos e teorias apresentados neste capítulo, as seções seguintes abordam o histórico do jornalismo cultural, as problemáticas enfrentadas por esta especialidade, bem como suas regularidades e papéis na sociedade.

3.5.1 Breve histórico do jornalismo cultural

Esta especialidade existe em razão de uma necessidade social, uma demanda. Conforme Melo (1991), o jornalismo cultural contribui para o conhecimento de mundo que as pessoas necessitam, além de possibilitar a constituição de elos com grupos, comunidades e com o ambiente social. Segundo o autor (1991), as primeiras coberturas jornalísticas especializadas em cultura surgiram na Europa por volta do século 17 e 18. Essas publicações abordavam obras literárias e artísticas e as novidades sociais da época.

Em 1711, na Inglaterra, surgiu o representante reconhecido como o mais famoso do jornalismo cultural, o periódico “The Spectator”. O principal objetivo do jornal era “trazer a filosofia para fora das instituições acadêmicas para ser tratada em clubes e assembleias, em mesas de chá e café” (MELO, 1991, p. 25). Em circunstâncias tais, o periódico abordava questões morais e estéticas, até os últimos lançamentos da moda.

Começam a surgir, a partir de então, jornais que abrigavam uma visão mais popular de cultura. Menos elitista, essa postura rapidamente se espalhou na imprensa incentivada pelos processos de industrialização (CERIGATTO, 2015, p. 39).

O desenvolvimento do jornalismo cultural no Brasil, de forma ampla, “está associado ao advento do folhetim como fórmula atrativa para incrementar as vendas dos jornais, potencializando a associação entre jornalismo e literatura”. (SEGURA; GOLIN; ALZAMORA, 2011, p. 04). Neste tocante, Cerigatto (2015, p. 40) destaca que Machado de Assis e José Veríssimo foram referências do jornalismo cultural brasileiro. Já em 1982, o jornalismo cultural alcança a “expressão máxima” com o surgimento da revista O Cruzeiro (SEGURA; GOLIN; ALZAMORA, 2011).

A difusão dos meios de comunicação estimulou a separação dos monopólios de cultura. Segundo Cerigatto (2015, p. 38), após a década de 90 o jornalismo cultural demonstrou engajamento em reportagens que se alinhavam com a agenda televisiva e industrial, indo contra o perfil analítico e crítico dos assuntos artísticos e culturais.

Atualmente, conforme Cerigatto (2015, p. 38), grande parcela dos cadernos diários brasileiros destinados à cultura dedicam pelo menos metade dos espaços à

publicação da agenda televisiva e colunas sociais. Ainda, de acordo com a autora (2015, p. 38), 60% do espaço aproveitável das páginas culturais dos jornais são preenchidas com variedades, tais como horóscopo, palavras cruzadas e quadrinhos. Ou seja, há apenas 40% de espaço para a produção de textos críticos e reportagens. Cerigatto (2015, p. 38) também informa que, nos veículos de comunicação, os cadernos e editoriais atribuídos à cultura priorizam reportagens dirigidas ao “celebrismo”.

De acordo com Cerigatto (2015, p. 38), um dos fatores para a ausência de reflexão no jornalismo cultural é a diminuição de profissionais nas redações. Em conformidade com a autora, “quando há cobertura de algum evento cultural, a cobertura acaba restrita muito mais para uma pasteurização e uma simplificação dos fatos. Há uma dificuldade em aprofundar ou contextualizar os assuntos abordados” (CERIGATTO, 2015, p. 39). Tal fenômeno apresentado por Cerigatto (2015) é notável nas notícias e reportagens selecionadas e apresentadas no capítulo 5 desta pesquisa, a contextualização II. Percebemos uma introdução às problemáticas relatadas, mas não um aprofundamento delas. O superficialismo, portanto, identifica essas publicações.

3.5.2 Mudança de paradigma

Segundo Melo (2012), o paradigma do que é considerado “cultural” foi alterado em meio à crise do jornalismo cultural. Anteriormente se idealizava (e, por vezes, ainda se idealiza) a existência de uma cultura “alta” e uma cultura “baixa”. De acordo com o autor (2012), de qualidade inferior, a baixa cultura engloba manifestações vistas como populares ou então massivas, que, por suas características, não merecem reconhecimento, levantamento de dados e nem investigação de sua qualidade em relação a práticas sociais. Artistas eruditos e as formas artísticas tradicionais seriam merecedores de tratamento especial. Conferida em parcelas, a designação de arte separava os artistas que eram vistos como dignos de tratamento crítico, analítico e interpretativo do jornalismo. (MELO, 2012, p. 03).

Ao referir-se a este assunto, é importante apontar que a Escola de Frankfurt cunhou o conceito crítico sobre a indústria cultural e estudos críticos relacionados à cultura para as massas. A partir de 1923, os estudos frankfurtianos surgiram na

Alemanha com uma linha de pensadores marxistas. A aderência à postura de investigação crítica da sociedade capitalista moderna despontou em 1930, com Max Horkheimer (SANTOS, 2003). Na trajetória dos estudos, pensadores como Hegel, Kant, Nietzsche e Freud foram importantes para a construção do pensamento frankfurtiano.

Devido às críticas tecidas contra membros do partido, e com o avanço do partido nazista, os frankfurtianos não sentiam mais segurança na Alemanha. A mudança para os Estados Unidos proporcionou um contato com a sociedade de massa e com desigualdades entre classes, que resultou em uma teoria crítica da sociedade. Desde então, as pesquisas mencionavam a indústria cultural, que consistia em um sistema composto por filmes, programas de rádio etc. para o consumo massivo. Entre as várias características da indústria cultural estão a cultura reduzida à mercadoria, padronizada, com o objetivo de atingir o gosto do público (CERIGATTO, 2015, p. 40).

Adorno e Horkheimer (1985) entendem a indústria cultural como um meio de “anestesia social”. Este sistema social necessita de uma forma de controle de comportamentos sociais por funcionar como um sistema administrativo da sociedade capitalista. Nessa perspectiva, os produtos da indústria cultural se caracterizam como produtos de entretenimento, com a finalidade de gerar lucros e incitar a venda em escala larga.

A fim de ganhar audiência, surge a necessidade, por parte desta indústria, de desenvolver produtos que atendam o público conforme suas necessidades subjetivas, com vistas de que uma nova necessidade surja e que a mesma seja suprida por um novo produto (CERIGATTO; SIQUEIRA, 2008). Ou seja, a sociedade estabelece uma demanda propícia para que se crie determinado produto. Já a indústria cultural cria o produto que atrai a sociedade conforme suas necessidades subjetivas.

A natureza econômica submete à sua lógica todas as atividades:

À medida que a cultura assume a forma de mercadoria, e só assim, ela se transforma propriamente em “cultura” (como algo que faz de conta que existe por si mesmo), pretende-se ver nela o objeto próprio de discussão e com o qual a subjetividade ligada ao público entende a si mesma (HABERMAS, 1984, p. 44)

Em conformidade com Leavis e Thompson (1933) apud Halloran, J. D e Jones, M (1986, p. 56), cultura de massa e cultura popular eram percebidas como desimportantes distrações:

A distração é melhor exemplificada pela imprensa popular - isso se “dissipação” não for a melhor palavra... Nos jornais populares, a tendência dos ambientes modernos é desencorajar tudo que não seja de interesse imediato e raso, as mais superficiais, automáticas e baratas respostas mentais e emocionais são exibidas de modo mais desastroso.

Embora os estudos da Teoria Crítica tenham sido de extrema importância para o entendimento dos mecanismos de produção de bens culturais, há vertentes que discordam da posição de que falta valor cultural nos conteúdos apresentados pela grande mídia. Em seu livro “Apocalípticos e Integrados”, Umberto Eco critica os fãs do funcionalismo (integrados) por encobrirem temas relativos à cultura de massa, mas, também, os teóricos (apocalípticos), que seriam os membros da Escola de Frankfurt. Os apocalípticos são criticados por adotarem uma postura pessimista diante da sociedade e da cultura de massa (CERIGATTO, 2015, p. 41). A crítica de Eco apud Cerigatto (2015) em relação às duas correntes opostas é para a generalidade adotada pelos teóricos. Segundo a autora (2015), a complexidade apresentada pela cultura de massa requer análises profundas e equilibradas, comportamento oposto ao apresentado pelos estudiosos.

Hoje em dia, conforme Piza (2004), a tendência da diferenciação entre “baixa” e “alta” cultura está perdendo força. “A música de um Pixinguinha – negro, pobre, com pouca educação formal – é elitista”, ou, ainda, “é óbvio que um filme de Spielberg é cultura” (PIZA, 2004, p. 46). É perceptível que o papel do jornalismo cultural é comprometido em razão do desequilíbrio entre temas considerados elitistas e os populares. Ainda, segundo Piza (2004), as oposições vistas no jornalismo cultural ora fazem destacar o eruditismo e ora reforçam a superficialidade.

Neste aspecto, é importante mencionar que existem diferenças entre a cultura de massa e a cultura popular autêntica veiculada pelas mídias.

Enquanto a cultura popular mediatizada representa uma continuidade da arte anônima produzida em contato com o público, a cultura massificada destrói os laços da individualidade e as idiosincrasias do artista; enquanto a cultura popular permite ao artista exercitar um estilo pessoal reconhecível pelo público, a cultura massificada vende a pessoa do artista, mas não seu estilo pessoal. Como a cultura popular permite que seja estabelecido um elo com o público, o artista acaba se perdendo no meio da sua obra. Já na cultura de

massa, a pessoa por trás da produção é que é vendida ao público como mais importante. A cultura popular usa a estilização e a convenção, mas acaba encantando o público ao criar alguma surpresa criativa, apesar das convenções. A cultura massificada usa estereótipos no lugar das convenções e estilizações e o resultado são fórmulas simplistas, planejadas para mobilizar um estoque padrão de sentimentos que mantêm a audiência conectada, mas não necessariamente encantada (CERRIGATO; SIQUEIRA, 2008).

3.5.3 Cultura e entretenimento

Segundo Nunes (2003), a década de 1970 gerou mudanças no jornalismo cultural. Conforme o estudioso, pautas de natureza cultural ganharam cadernos individuais e assuntos populares alcançaram notabilidade. Com efeito, essa popularização dos segundos cadernos transformou os jornais diários e as revistas semanais e especializadas em artigos, fundamentalmente, orientados pelo agendamento. Como consequência, a produção passou a ser vista de forma banal, suscitando em discussões sobre sua legalidade.

Já na década de 1990, a subdivisão da editoria cultural e as demandas do mercado, rendidas à indústria cultural e ao agendamento, fizeram acadêmicos desenvolverem dois programas de discussão que proporcionasse a reflexão sobre os aspectos citados. O primeiro núcleo de discussão diz respeito ao trabalho do jornalista, que, diversas vezes, não se aprofunda e, como consequência, não produz um material suficientemente conciso e compreensível. A segunda refere-se aos critérios de noticiabilidade, que, ao destacar eventos, reduz posicionamento em relação à identidade cultural da sociedade (MEDINA, 1990).

De acordo com Masi (2000), a mídia foi convidada a se reorganizar para atender a demanda de uma sociedade que, por diversas razões, tem trabalhado cada vez mais e diminuído o tempo referente ao lazer, às leituras de jornais, revistas e similares. Em condições tais, o resultado é o que se vê nos últimos anos: textos enxutos, que priorizam o fato e não a discussão em torno dele. A superficialidade, novamente, segue como padrão produtivo.

Piza (2003) discorre sobre a superficialidade do conteúdo textual. Conforme o estudioso, a rotina dos cadernos diários ocasiona a tensão entre a reflexão e a superficialidade. Rodrigues (2001) corrobora indicando que pautas desenvolvidas por

meio de achismos e que valorizam as celebridades e os relatos de eventos impulsionam a tendência ao genérico. Ademais, o pouco espaço físico para que o jornalista desenvolva sua abordagem e a carência de preparo dos jovens profissionais da área atestam a leviandade das produções jornalísticas culturais. Há falta de espaço, em meio a redações enxutas, bem como de profissionais devidamente aptos para dar conta da complexidade das pautas que envolvem a editoria.

3.5.4 Propaganda e concorrência

Segundo Ventura (1989), a facilidade de antecipação e planejamento para um determinado acontecimento é o grande diferencial do jornalismo cultural para os demais. Na produção de notícias *hard*, é necessário um fato ocorrido para iniciar a organização.

Stycer (2007) atenta para um problema: a própria estrutura dos cadernos de cultura gera uma submissão dos veículos de comunicação brasileiros em relação às produtoras de cultura. De acordo com o estudioso, na imprensa diária, o Brasil é o país onde se oferece o maior espaço para conteúdos culturais. Segundo o autor, a realidade até poderia ser positiva, no entanto, por falta de conhecimento do espaço disponível, o conteúdo jornalístico acaba se intervalando com a publicidade.

Essa proximidade do jornalismo com a propaganda recebeu de intelectuais da área o nome de “jornalismo cor-de-rosa”. Leandro Marshall (2003, p. 17) caracteriza a função mercadológica da notícia: “Marketizado, mercantilizado, estetizado e essencialmente light, um amálgama estético e capitalista, um instrumento-meio dos objetivos diretos ou indiretos do sistema e da lógica ultraliberal”. Ou seja, ocorre uma fusão entre o jornalismo e a propaganda, principalmente notável nas páginas culturais. O autor (2003) também aponta que, em diversos casos, o conteúdo jornalístico serve apenas como “tapa buraco”, ocupando espaços que não foram preenchidos com material de cunho publicitário.

3.5.5 Regularidades do jornalismo cultural

Durante a sua história, o jornalismo cultural foi alvo de mudanças. No entanto, há características que se mantiveram intactas em seus percursos. Mesmo com o

decorrer do tempo e das alterações, se nos apegarmos ao passado, encontramos o que se conservou. Nessa busca, segundo Melo (2012), descobrimos duas fundamentais regularidades: a necessidade de democratizar o conhecimento e o caráter reflexivo.

Orientadas por Melo (2012), se produzem pontuações sobre as duas regularidades do jornalismo cultural:

- 1) Democratizar o conhecimento: Mediar o conhecimento e torná-lo mais acessível e familiar ao maior número de pessoas. É sob essa perspectiva que o jornalismo cultural se manifesta como ofício. A restrição e acessibilidade a uma elite perdem ímpeto e passam a difundir-se em outras classes sociais. Apesar dessa regularidade ser fundamental atualmente, Gullar (2002, p. 19) atenta para a continuidade de uma linguagem classista

Ora, se os críticos defendem que abandonar essa linguagem, com seus requintes, é baixar a qualidade da obra e trair a cultura, o único caminho que deixam é continuar a escrever para a minoria. Noutras palavras, só existe arte para uns poucos e raros. É claro que não concordamos com isso, e aí estão várias obras, aceitas pelo público, que negam essa tese aristocrática (GULLAR, 2002, p. 19).

Destarte, essa regularidade demonstra relevância, uma vez que é por meio do jornalismo que atingimos a compreensão da importância de identidades e aspectos culturais. Consequentemente, a mediação deve demonstrar clareza, formas acessíveis, explicação e contextualização compatíveis com o público nicho.

- 2) Caráter reflexivo: Desde os primeiros passos, o jornalismo cultural se baliza pela análise crítica. Em relação a outras editoriais, a competência de levar o público a refletir deveria ser um distintivo particular do jornalismo cultural. Isto significa que, enquanto as demais editoriais noticiam as práticas, o jornalismo cultural deveria se delinear pela provocação e reflexão sobre as práticas. De forma simples, a função do jornalismo cultural é indicar “que, em toda grande obra, de literatura, de poesia, de música, de pintura, de escultura, há um pensamento profundo sobre a condição humana” (MORIN, 2001, p. 45).

Não obstante, é necessário ressaltar a função social do jornalismo cultural. Além de descrever o que vê, é associado ao jornalista uma responsabilidade

profissional complementada em razão da necessidade de criticidade, atenção e um caráter humanístico sólido, “ciente da necessidade da codificação de uma realidade complexa, traduzindo-a em formas acessíveis e democráticas” (MELO, 2012, p. 06).

Com efeito, Pignatari (1996) aponta para a necessidade de o jornalismo cultural ser produzido por profissionais qualificados. Na explicação do autor, a subjetividade dos assuntos abordados exige bagagem dos jornalistas e acúmulo de saber. Vale (2007) corrobora e afirma que em casos de falta de preparo percebe-se “fã-clubismo” de textos. Isto é, por carência de bagagem para debater os temas abordados, o jornalista tende a se render à bajulação.

Por sua vez, Faro (2009, p. 58) caracterizou o gênero como um

Espaço determinado dialeticamente por demandas de natureza mercantil e intelectuais e também como exercício midiático performativo, espaço de poder social estruturado pela linguagem (FARO, 2009, p. 58).

De tal modo, a construção do discurso jornalístico pode ser entendida como uma esfera ampla que transcende o ângulo informativo, ou seja, ele orienta a concepção dos leitores, estrutura suas assimilações e administra os sentidos manifestos em cada pauta. Além das relações estabelecidas pela imprensa, essas características tornam-se ainda mais tangíveis na redoma do jornalismo cultural, tendo em vista sua proximidade com os princípios existentes nas pautas das publicações do gênero.

3.5.6 O jornalismo cultural contemporâneo

Compromisso em intervir conhecimentos, fazer críticas conceituadas, tornar acessível, reflexivo e crítico o conhecimento cultural, são alguns pilares do jornalismo cultural abordados até aqui. Conforme Berger (1996), a imprensa interfere na agenda pública e no consumo social dos bens culturais por meio da seleção de pautas e do destaque que agrega a alguns fatos em desvantagem de outros. “O campo jornalístico, seja no reforço da tradição ou na revelação de novas perspectivas, amplia o horizonte da recepção e detém o poder de incluir ou de excluir, de qualificar ou desqualificar, de legitimar ou não, de dar voz, publicizar e tornar público” (BERGER, 1996, p. 190).

Segundo SEGURA; GOLIN; ALZAMORA (2011: 09), na década de 70 os diplomados em jornalismo reivindicavam do meio jornalístico uma linguagem mais acessível, menos jargões e excessos técnicos na redação dos materiais. De acordo com os autores (2011), notava-se ali a carência de compreender o leitor médio, cliente de jornais.

Por meio de pesquisas, Januário (2005) assegura que o jornalismo paulista, entre as décadas de 1980 e 1990, constituiu-se, majoritariamente, por elementos informativos, corroborando com a agenda televisiva e industrial. Matérias com cunho analítico e crítico ocupavam um segundo plano. De acordo com Januário (2005), a padronização do jornalismo cultural se instalou, principalmente, devido a equipes enxutas nas redações, interesses econômicos e políticos, linhas editoriais etc., culminando em materiais jornalísticos superficiais e descritivos, focados na agenda, no serviço e no celebrismo; de tal modo, com espaços praticamente nulos à reflexão.

Conforme já referido por Gadini (2006), no Brasil, os cadernos concentram seus principais espaços para serviços de roteiros, para colunas sociais e programação televisiva, ademais das variedades, que engloba palavras cruzadas, horóscopo, quadrinhos etc.. Defronte de tal conjuntura, conteúdos de caráter reflexivo e crítico têm à disposição menos da metade do espaço geral dedicado à cultura.

3.5.7 Jornalismo cultural e a valorização das culturas regionais

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) (2009, p. 05),

O contexto da globalização, o aumento das migrações e o crescimento das cidades, os desafios conexos com a preservação da identidade cultural e o fomento do diálogo intercultural adquirem uma nova projeção e tornam-se mais urgentes (UNESCO, 2009, p. 05).

Em condições tais, a mídia representa um instrumento importante de valorização e disseminação das culturas. No entanto, assim como contribui para difundir e valorizar, provoca também representações estereotipadas, distorcidas e artificiais.

Por conseguinte, notoriamente, é escassa na grande mídia pautas sobre a cultura popular e regional. Na visão da Unesco (2009, p. 20), a ausência das minorias étnicas, grupos marginalizados e culturas minoritárias acontece “em parte porque não têm acesso aos cargos editoriais, de gestão ou de tomada de decisão quanto ao que é publicado ou não nos veículos de mídia (gate-keeping)”.

Conforme estudos de observação sobre a cobertura cultural de sites jornalísticos do Paraná, Woitowicz (2012) fortifica aspectos de agendamento.

Pode-se identificar alguns impasses para a cobertura de temas ligados à cultura popular, decorrentes da prevalência de uma cultura comercial na mídia, ao mesmo tempo em que se revelam apropriações e relações entre a cultura popular e os meios de comunicação (WOITOWICZ, 2012, p. 12).

Ademais, em sua análise, a autora registra que existe sim veiculação de reportagens com teor cultural popular, no entanto, majoritariamente, são rasos de criticidade e carregados de caráter promocional de agenda. “A cultura como agenda é a principal marca da cobertura noticiosa, atuando muito mais como serviço do que como informação e compreensão dos fenômenos culturais”. (WOITOWICZ, 2012, p. 08).

Por sua vez, Moraes (2008) indica que ao destacar a agenda ao invés dos fatos a cultura é reduzida ao entretenimento, contribuindo para o reforço da crise de identidade cultural. “Falta densidade e reflexão sobre os movimentos culturais e seus principais atores, tal como é proposto na definição do próprio jornalismo cultural” (MORAES, 2008, documento eletrônico).

Os estereótipos culturais podem ser oriundos da ausência de contextualização e maior profundidade das informações ligadas à cultura popular. Com efeito, a diferença avivada pode contribuir na intolerância e falta de compreensão em relação às diferenças culturais. “As culturas que pertencem a tradições de civilizações diferentes são especialmente inclinadas a recorrer a estereótipos mútuos” (UNESCO, 2009, p. 09). Não somente:

(...) a escolha restrita das representações que propõem as grandes redes de mídia e de comunicação tendem a favorecer a criação de estereótipos, fabricando o que costumamos chamar uma “imagem do outro”, manifestando cada meio de comunicação uma propensão específica para fixar, reduzir ou

simplificar as coisas, em função de formatações e de programas uniformizados (UNESCO, 2009, p. 19).

Propiciando diálogo e exteriorização culturais, o advento digital possibilitou uma maior expansão de pautas sobre a diversidade cultural. Todavia, a Unesco (2009) sinaliza que uma maior oferta de conteúdos pelas mídias tecnológicas não significa, obrigatoriamente, diversidade de consumo e de consciência:

O desenvolvimento da oferta de conteúdos midiáticos não resulta necessariamente em uma maior diversificação do consumo. Perante excesso de oferta, alguns consumidores preferem limitar-se a um pequeno número de títulos ou de temas conhecidos, em vez de se aventurarem em áreas desconhecidas ou diferentes. (...) O aumento da oferta de conteúdos da mídia pode dar lugar a uma falsa diversidade que oculta o fato de que a algumas pessoas só interessa comunicar com as que partilham as mesmas referências culturais. (UNESCO, 2009, p. 19).

A UNESCO também aponta outro limitante. Conforme a organização, é perceptível na internet, nas redes sociais, os movimentos formados por fãs ou por grupos, cujos membros se inserem em bolhas semelhantes, com tendência a limitações a outros modos de pensar. “Daí pode resultar uma falsa diversidade, que oculta, na realidade, o fato de que algumas pessoas só desejam comunicar com os que partilham as mesmas referências culturais” (UNESCO, 2009, p. 19).

Finalizando este subcapítulo, por meio do exposto, percebemos que o jornalismo cultural cumpre uma função social ao tornar acessível o conhecimento cultural para auto-reflexão. Portanto, julga-se coerente a problemática desta pesquisa; apontar como o álbum “Pra Sempre” foi representado pela mídia em suas publicações, analisando tanto os critérios de noticiabilidade, quanto a profundidade de informações e os múltiplos contextos que foram acionados a partir da discussão jornalística do objeto.

O próximo capítulo apresenta a metodologia adotada neste estudo, bem como seus objetivos e suas funcionalidades.

4 MÉTODO

A metodologia utilizada nesta pesquisa seguirá orientação exploratória, com o intuito de manter uma proximidade com o tema, apoiado nas abordagens definidas no objetivo, e permitir a investigação precisa do objeto de estudo fundamentada nas perspectivas teóricas jornalísticas expostas no capítulo 3. Gil (2017, p. 26) explica que o planejamento da pesquisa exploratória “tende a ser bastante flexível, pois interessa considerar os mais variados aspectos relativos ao fato ou fenômeno estudado”.

Ademais, conforme Gil (2017), a coleta de dados relativo à essa metodologia comumente compreende o trabalho de levantamento bibliográfico, a análise de exemplos que estimulem a compreensão do objeto de pesquisa e entrevistas com pessoas que tiveram experiência prática com o assunto. No presente estudo será empregado o recurso metodológico bibliográfico e documental, além da relação de fatores externos ao objeto que possibilitem a compreensão do mesmo, como os movimentos sociais de épocas, representação das gerações e proposições pertinentes à discussão sobre os movimentos LGBTQ+ no Brasil e o álbum “Pra Sempre” de Lulu Santos.

Este estudo classifica-se como qualitativo, em conformidade com as estratégias de pesquisa bibliográfica e documental, e considerando que o objetivo da pesquisa está vinculado à interpretação das particularidades do objeto analisado, sendo inviável quantificá-los por meio de pesquisa qualitativa ou, ainda, tratamentos de automação de dados. Em relação a definição de pesquisa qualitativa, Bardin (1977, p. 114) frisa que ela representa um “procedimento mais intuitivo, mas também mais maleável e mais adaptável, a índices não previstos, ou à evolução das hipóteses”.

Corroborando, Silveira e Córdova (2009, p. 31) elucidam que a pesquisa qualitativa “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização etc.”. Ainda, conforme os autores, os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens.

Portanto, para alcançar o objetivo geral desta futura pesquisa, que é analisar a cobertura jornalística em torno do lançamento do álbum “Pra Sempre” e compreender como vem se desenvolvendo a relação entre o produto cultural e os movimentos sociais LGBTQ+ na mídia, será analisado a contextualização histórica da luta LGBTQ+ no Brasil, além do resgate das manifestações públicas de Lulu Santos no que tange à homoafetividade e à sexualidade. Já para alcançar os objetivos específicos, que visam identificar, a partir do álbum “Pra Sempre”, de que forma o autor da obra, Lulu Santos, é projetado na mídia como uma figura representativa em torno dos movimentos LGBTQ+, serão utilizadas as técnicas baseadas na pesquisa bibliográfica e documental, apresentadas a partir de livros, artigos científicos, entrevistas e outros materiais documentados.

O próximo capítulo pretende elucidar o álbum “Pra Sempre”, mostrando como o produto surgiu e como acontece a ligação intrínseca dessa obra específica com a temática homossexual. Ademais, um breve histórico artístico do criador, o cantor, compositor e guitarrista Lulu Santos. Em seguida ao conteúdo explicativo do álbum “Pra Sempre”, assim como da carreira de Lulu Santos, uma seção com o objetivo de aclarar, por meio de reportagens de veículos de credibilidade e de renome, o posicionamento público do artista sobre assuntos que dizem respeito a temática LGBTQ+. Assim, pretendemos analisar a cobertura jornalística em torno do lançamento do álbum “Pra Sempre”, explicitar a ligação de Lulu Santos com o movimento, além de revelar a dimensão do álbum aqui estudado.

5 CONTEXTUALIZAÇÃO II: O ÁLBUM, O AUTOR E O MOVIMENTO - “A GENTE VIVE O QUE ESCOLHE E TODO MUNDO VÊ”

“A gente vive o que escolhe e
todo mundo vê, mas é tão da vida se
intrometer”

(Lulu Santos, Radar, grifo
nosso)

Neste espaço, na primeira seção, será apresentado como o álbum “Pra Sempre”, de Lulu Santos, surgiu e de que forma o artista desenvolveu o seu trabalho ao longo dos 47 anos de carreira. Já na segunda seção, serão expostos materiais de cunho midiático e jornalístico que explicitam o partido de Lulu Santos em relação a conteúdos que englobam a temática LGBTQ+, a partir do lançamento do álbum “Pra Sempre”. A análise, posteriormente, será fundamentada por meio dos materiais selecionados e expostos nesta segunda seção, intitulada “O que eu tenho pra dizer é simples” - Manifestações públicas de Lulu Santos no que tange a homoafetividade e a sexualidade.

5.1 O surgimento do álbum “Pra Sempre” e a trajetória artística-romântica de Lulu Santos

“Eu vejo um novo começo de era” (ANEXO O), alertado em 1982 por Luiz Maurício Pragana dos Santos, popularmente conhecido como Lulu Santos, no verso lapidar da canção “Tempos Modernos”, poderia ser caracterizado como uma previsão

certeira ao 2018 do artista. Por meio de uma publicação³⁵ em sua conta no Instagram, no dia 23 de julho de 2018, o cantor, compositor e guitarrista carioca revelou aos fãs e seguidores o namoro com o analista de sistema Clebson Teixeira. Antes de Clebson Teixeira, Lulu Santos foi casado por 28 anos com a jornalista Scarlet Moon (in memoriam) e 14 anos com outro homem.

Inspirado pela relação com Clebson Teixeira, no dia 9 de agosto de 2018, no programa *The Voice Brasil* (TVB), da Rede Globo, onde Lulu Santos atua como jurado, o músico lançou³⁶ o single “Orgulho e Preconceito” (ANEXO H). A nova era, de fato, começou para o artista. E, mais uma vez, o cancionista mostrou porque leva o título de último romântico. Em versos simples, porém profundos, a música é uma explícita declaração de amor. Posteriormente, o cantor apresentou, também no TVB, os singles “Hoje em Dia” (ANEXO D), “Gritos e Sussurros” (ANEXO G) e “Radar” (ANEXO A).

Os singles foram o estopim do que viria a ser criado. Mas mais do que as canções, o desenvolver do relacionamento com Clebson Teixeira foi crucial para o lançamento do álbum referência nesta pesquisa. Passado um ano, o namoro virou casamento³⁷. O dia 19 de abril de 2019 foi a data escolhida para a oficialização do amor. Novamente, em um post no Instagram, Lulu Santos revelou a assinatura da união estável. O pedido de casamento foi realizado por Clebson Teixeira, no dia 27 de janeiro de 2019, durante um show de Lulu Santos no Rio de Janeiro. Segundo matéria do jornal Folha de São Paulo³⁸, Lulu Santos beijou o namorado e disse aos fãs:

Esse é Clebson Teixeira, o companheiro da minha vida. Eu aceito, já aceitei há muito tempo. Eu sei o quanto isso foi, não digo difícil, mas o quanto foi importante pra ele, porque eu o conheço muito bem. E eu quero que vocês saibam que ele é uma grande alma, é o amor da minha vida.

³⁵ Vide notícia “Lulu Santos assume namoro com rapaz durante passeio de helicóptero”, publicada pela revista Quem no dia 24 de julho de 2018.

³⁶ Vide notícia “Lulu Santos lança música “Orgulho e Preconceito” e fala do novo amor: “alma extraordinária””, publicada pelo portal GShow no dia 09 de agosto de 2018.

³⁷ Vide notícia “Lulu Santos oficializa união com Clebson Teixeira e exhibe alianças nas redes sociais”, publicada pela revista contigo! no dia 20 de abril de 2019.

³⁸ Vide notícia “Lulu Santos é pedido em casamento durante show no Rio: “já aceitei há muito tempo””, publicada pelo jornal Folha de São Paulo no dia 27 de janeiro de 2019.

Com Clebson Teixeira, Lulu Santos se reinventou, mais uma vez. A reinvenção, nesta ocasião, foi a mais profunda dos testemunhos. Foi para o marido e para o amor vivido por eles que o álbum “Pra Sempre³⁹” foi criado. Lançado no dia 24 de maio de 2019, é o 25º álbum de inéditas do cantor. Com 11 faixas, 10 são canções autorais e uma versão de “The look of love”, canção de Burt Bacharach e Hal David. De acordo com reportagem⁴⁰ do portal G1, as músicas narram as etapas vividas dentro do relacionamento. Segundo o cancionero, “é um álbum de casamento, sobre a minha relação com o Clebson; todas as canções que estão ali são relacionadas a este momento da minha vida”.

Durante participação no Programa “Música Boa”⁴¹, Lulu Santos enfatizou a ideia de que o que ele compõe surge através do seu dia a dia. Assim, explicita a alma do álbum “Pra Sempre”: o crescente amor do artista com o marido, Clebson Teixeira. Nas palavras do cantor, Clebson Teixeira foi o protagonista do disco: “Veio pra modificar a minha vida, minha alma e, portanto, a minha música. Minha música é o resultado do que eu vivo, do que eu sinto. Este álbum é dedicado a esse amor, e eu preciso falar o nome dele: “Clebson Teixeira””.

Em entrevista⁴² Lulu Santos confessou que as faixas do álbum “Pra Sempre” são as canções mais emocionantes que ele compôs nos últimos anos, porque, segundo o músico, motivo e assunto não faltaram. Ainda, de acordo com o artista, ter assumido o relacionamento homossexual, atualmente, foi o ato mais político de sua vida e obra.

Ao jornal Estadão⁴³, Lulu Santos conceitua a ordem das canções do álbum “Pra Sempre”. Conforme o cantor, as músicas começaram a serem compostas entre abril

³⁹ O álbum “Pra Sempre” é composto pelas seguintes canções: 1. Radar 2. Pra Sempre 3. Tão Real 4. Hoje Em Dia 5. Ser Ou Não Ser (Véi...) 6. Lava 7. Gritos e Sussurros 8. Orgulho e Preconceito 9. The Look Of Love 10. Quae Sera Tamem (Savassi By Night) 11. Radar - Extended Memix.

⁴⁰ Intitulada “Lulu Santos lança disco inspirado na relação com Clebson Teixeira: “É um álbum de casamento”” e publicada no dia 27 de maio de 2019 pelo portal G1.

⁴¹ Programa exibido pelo canal Multishow no dia 02 de julho de 2019.

⁴² Vide matéria “Lulu Santos posta foto ao lado do marido nas redes sociais e se declara: “Nada é igual a eu e ele””, publicada pelo jornal Folha de São Paulo no dia 19 de julho de 2019.

⁴³ Vide reportagem “Lulu Santos fala do novo disco, uma declaração de amor ao companheiro, e de como reage aos haters”, publicada pelo jornal Estadão no dia 24 de maio de 2019.

e maio de 2018. De acordo com o artista, “só não estão nessa ordem no álbum, mas a primeira que eu fiz foi “Tão Real”, que é a terceira do álbum, e a última foi “Pra Sempre”. É do despertar da paixão até a conclusão que temos de morar juntos”.

Na explicação do compositor ao periódico⁴⁴, o início da paixão é retratado em “Tão Real”. Já o amor do guitarrista ao companheiro é explícito nas canções “Orgulho e Preconceito” e “Gritos e Sussurros”. Ademais, Lulu Santos esclarece que “Hoje Em Dia” foi composta em razão da repercussão que o relacionamento gerou ao público e “Lava” retrata a importância de viver o sentimento que ele e o marido vivenciam. Por fim, o músico afirma que “Pra Sempre” é sobre o estabelecimento da relação.

Ainda em entrevista ao jornal Estadão⁴⁵, Lulu Santos revela que a faixa “Radar”, que abre o disco, contrariamente à lógica, não fala sobre o momento do encantamento e, sim, sobre o entendimento da relação amorosa. Segundo o cantor:

Radar é a compreensão do que estava acontecendo, já é posterior. Arrebatamento é Tão Real. Radar escrevi junto com ele. Ele estava na minha casa, a gente já estava no convívio, não é mais sob o impacto porque já descreve não o que a outra pessoa estava causando a você, mas o que estava acontecendo com você. O próprio motor da criação vai azeitando durante o processo.

Lulu Santos também explica⁴⁶ que a primeira música composta após ele e Clebson Teixeira terem assumido o relacionamento foi “Ser ou Não Ser”. De acordo com o guitarrista, a canção “fala sobre a expectativa, estar vivendo uma incerteza. Esse é o tema da vida da gente. E veio depois a Lava”.

Apesar de ser um trabalho mais aberto, plural, se comparado ao restante das obras do artista, Lulu Santos comenta⁴⁷ que algumas músicas do álbum “Pra Sempre”

⁴⁴ Vide reportagem “Lulu Santos fala do novo disco, uma declaração de amor ao companheiro, e de como reage aos haters”, publicada pelo jornal Estadão no dia 24 de maio de 2019.

⁴⁵ Vide reportagem “Lulu Santos fala do novo disco, uma declaração de amor ao companheiro, e de como reage aos haters”, publicada pelo jornal Estadão no dia 24 de maio de 2019.

⁴⁶ Vide reportagem “Lulu Santos fala do novo disco, uma declaração de amor ao companheiro, e de como reage aos haters”, publicada pelo jornal Estadão no dia 24 de maio de 2019.

⁴⁷ Vide reportagem “Lulu Santos fala do novo disco, uma declaração de amor ao companheiro, e de como reage aos haters”, publicada pelo jornal Estadão no dia 24 de maio de 2019.

ainda apresentam um certo formalismo de composição antiga. De acordo com o guitarrista, esse fator está atrelado ao jeito que o artista se expressa.

Esse depoimento do compositor é compreensível ao lembrarmos o seu histórico. Afinal, em sua carreira⁴⁸ de quase cinquenta anos, vinte e sete discos e mais de sete milhões de cópias, além de diversas premiações, o amor sempre esteve presente em suas obras. No entanto, o álbum “Pra Sempre” se diferencia por ser o primeiro que explicitamente aborda a temática por completo e constrói uma narrativa.

O amor e suas particularidades aparecem em todos os trabalhos de Lulu Santos, desde a década de 80 até os dias atuais, não é à toa que o cantor carrega o título de “último romântico” (ANEXO L). Porém, a temática transita normalmente em fragmentos, em meio a outras causas e inspirações. Os hits românticos “Apenas Mais Uma De Amor” (ANEXO J), “Toda Forma De Amor” (ANEXO P), “Tão bem” (ANEXO N), “Tudo com Você”⁴⁹ (ANEXO Q) e “Sócio Do Amor” (ANEXO M), à exemplificar, ganharam sucesso individualmente, cada qual no seu lugar, álbum e ano.

O exposto elucidada que o compositor sempre foi de vários tempos e sempre manteve sua essência romântica, dialogando com os apelos de cada época. No entanto, assim, percebe-se que o álbum “Pra Sempre” surge para quebrar a barreira, talvez, imposta, ou natural, do próprio artista: a de não explicitar, anteriormente, em suas obras, suas inspirações e o porquê de cada álbum ser feito de determinado jeito.

“Pra Sempre” revela uma temática permanente: a temática gay. O álbum carregou como tema central a homoafetividade em todas divulgações: pré, durante e pós lançamento. Por meio de estudos na obra de Lulu Santos, compreendemos que, antes de “Pra Sempre”, na trajetória do artista, não haviam trabalhos com apenas uma temática inspiradora e definida. Também entendemos que “Pra Sempre” é o primeiro álbum com canções originais, sem resgates de obras passadas. Ainda, observamos que, com exceção da releitura de “The Look Of Love”, de Burt Bacharach e Hal David, o álbum não recupera músicas de outros compositores. Todas as composições são de Lulu Santos, inspiradas na relação com Clebson Teixeira e destinadas para

⁴⁸ Vide biografia disponibilizada no site Purepeople.

⁴⁹ Embora Lulu Santos de voz à canção, a letra é do compositor Fausto Nilo.

Clebson Teixeira. Tal característica era inexistente na obra de Lulu Santos até “Pra Sempre”.

A partir de “Pra Sempre”, Lulu Santos costura o particular com as suas canções. A vida do artista transfere alma para o trabalho e o trabalho passa a personificar o artista.

5.2 “O QUE EU TENHO PRA DIZER É SIMPLES” - Manifestações públicas de Lulu Santos no que tange a homoafetividade e a sexualidade

“O que eu tenho pra dizer é simples, eu não vivo sem você e ponto. Se tiver que seguir um mantra, eu só vou me repetir de novo”

(Lulu Santos, Pra Sempre, grifo nosso)

Com a divulgação do relacionamento homoafetivo e, posteriormente, a criação de um álbum musical dedicado ao casamento, perguntas que envolvem a temática LGBTQ+ passaram a fazer parte das entrevistas de Lulu Santos. Além do discurso, cabe aqui destacar a representatividade do artista perante marcas.

5.2.1 Publicidade - “Faltava motivo”

Em dezembro de 2018, cinco meses após assumir o namoro com o, agora, marido Clebson Teixeira, Lulu Santos assinou uma linha de alianças⁵⁰ exclusivas para casais LGBT. As jóias são de ouro 18 quilates e trazem, no exterior, a inscrição “toda forma de amor” (ANEXO P), em alusão ao trecho da canção de mesmo nome cantada pelo artista. Já em 2019, em parceria com a empresa Mercado Livre, Lulu Santos

⁵⁰ Vide notícia “Lulu Santos assina linha de alianças para casais LGBT de quase R\$10 mil”, publicada pela revista Marie Claire no dia 07 de dezembro de 2018.

participou pela primeira vez da Parada⁵¹ do Orgulho LGBT de São Paulo. Sobre a estreia, o cantor afirmou: “Vontade de estar aqui não faltava, faltava motivo. E agora eu tenho. O motivo é o amor”.

5.2.2 Jornalismo Impresso/Digital - “Ativismo não, mas passivismo, tampouco”

Em entrevista⁵² ao jornal Estado de Minas, alguns dias antes do lançamento do álbum “Pra Sempre”, Lulu Santos foi questionado sobre a revelação do relacionamento homoafetivo e respondeu que não foi algo deliberado. De acordo com o cancionista, a exposição fez parte do processo de encantamento. O periódico também levantou a questão do quão difícil foi para o músico lidar com o público e o privado diante da repercussão do relacionamento. Segundo Lulu Santos “a vida contemporânea é assim, os governos tomam decisões na rede social, então a vida é levada nessa seara pública”. Ainda, o noticiário perguntou se o cantor se sente cobrado à levantar bandeiras. A resposta foi negativa e deliberada. Conforme Lulu Santos:

Não sinto. Uma vez ou outra alguém escreve: “Você está atrás do pink money”. Ao que respondo: “Green, yellow, pink, eu não faço discriminação de dinheiro”. Ativismo não, mas passivismo, tampouco. O que a gente se recusou é a se sentir tolhido pelas circunstâncias. Levantar bandeiras não, mas comecei a me dar conta de quanto aquilo foi importante para tanta gente. Eu me lembro do que eu, adolescente, sofri por falta disso que hoje tem nome, mas que na época não sabíamos: representatividade. Tem uma velha frase do Bertolucci que a Scarlet me falou: “quanto mais político, menos artístico; quanto mais artístico, menos político”. A gente não faz mais do que afirmar a vida da gente.

Ao jornal Estadão⁵³, no dia do lançamento do álbum “Pra Sempre”, Lulu Santos comentou a questão de não se importar com o que dizem sobre seu relacionamento

⁵¹ Vide reportagem “Parada do Orgulho LGBT tem tom político e reúne famílias na Paulista”, publicada pelo jornal Estadão no dia 23 de junho de 2019.

⁵² Vide reportagem “Para BH com meu coração”: Lulu Santos conta como marido inspirou álbum romântico”, publicada pelo jornal Estado de Minas no dia 05 de maio de 2019.

⁵³ Vide reportagem “Lulu Santos fala do novo disco, uma declaração de amor ao companheiro, e de como reage aos haters”, publicada pelo jornal Estadão no dia 24 de maio de 2019.

e esse comportamento estar explícito em suas canções. Segundo o artista, é uma resposta a quem se incomodar.

“Não vou me lixar, pro que possam dizer, julgue quem julgar, se roa a quem roer” (ele cita um trecho da música “Lava”). Não entro em discussão, é perda de tempo e energia. É uma coisa que aprendi com o Obama. Sei de onde aquilo está vindo, sei o que formata aquele pensamento, e a gente viu que o país em massa fez uma escolha por esse tipo de pensamento, por mais que agora alguém possa estar perplexo. Espero que estejam mesmo. A gente convive com isso na vida, nas relações, não tem mistério, e ao mesmo tempo eu que já tive essa relação anterior, qualquer pessoa que me conhecia, que trabalhava comigo, sabia. Você pode não dialogar com um conceito como a homofobia. Não tem conversa.

Lulu Santos revelou, também, que na vida real, até o momento da entrevista, o que ele e seu companheiro experimentaram foi apenas carinho por parte da população que os identifica. Ainda no tocante ao tema LGBTQ+, a exemplo do Jornal Estado de Minas, o Estadão questionou o compositor sobre a existência de uma cobrança por representatividade. O discurso do artista foi semelhante ao já visto aqui: “Apenas tomando as atitudes que a gente tomou já é tanto ativismo, porque o que a gente fez não foi para dentro do gueto, foi no seio da sociedade, não foi para convertido. Foi apenas vivenciar o amor”.

Em paralelo ao lançamento de “Pra Sempre”, o Supremo Tribunal Federal (STF) julgava duas ações que pediam a criminalização da homofobia. O assunto foi abordado pelo Portal⁵⁴ O Tempo, em entrevista sobre o novo álbum. A opinião de Lulu Santos foi categórica. De acordo com o cantor, “mais do que um direito civil, é uma necessidade humanitária”. O músico citou as estatísticas para defender seus argumentos: “O Brasil é o país que mais mata LGBT’s no mundo, assim como o feminicídio. É um país armado, fóbico, ignorante”. Para o compositor, é necessário antídotos como educação e desarmamento para sairmos dos números alarmantes. Declarações homofóbicas do presidente Jair Bolsonaro também foram discutidas na oportunidade. Segundo o artista, não há nada a ser feito contra outras formas de pensar: “Não tem discussão razoável com quem se agarra a dogmas”.

⁵⁴ Vide reportagem “Lulu Santos defende criminalizar homofobia: “É uma necessidade humanitária””, publicada pelo Portal O Tempo no dia 23 de maio de 2019.

5.2.3 Televisão - “A linha progressiva sempre vence no final”

No meio televisivo, Lulu Santos divulgou o álbum “Pra Sempre” no Programa Domingão⁵⁵ do Faustão⁵⁶, exibido pela Rede Globo aos domingos. Durante o bate-papo, o apresentador Fausto Silva questionou o cantor sobre o comportamento dos fãs em relação ao casamento com Clebson Teixeira. Segundo o músico, “existe mais amor e compreensão do que se supõe”. Ainda, de acordo com o compositor, a reação do público não foi surpreendente, mas foi prazerosa de se sentir. Com a provocação da temática, Lulu Santos falou sobre a criminalização da homofobia: “Agora a gente tem um fato. Você pode ser processado ou punido se se comportar de tal forma, porque é um direito civil”. No entanto, o artista deixou claro que, até então, só experimentou carinho⁵⁷. Seguindo a pauta, Fausto Silva citou líderes conservadores, como Donald Trump e Jair Bolsonaro, ao falar sobre liberdade e opressão com o guitarrista. Por sua vez, o cancionista se posicionou dizendo que “por mais que as coisas estejam andando para trás, você vê que, historicamente, a linha progressiva sempre vence no final”.

Ainda sobre o lançamento de “Pra Sempre”, Lulu Santos participou do Programa Conversa⁵⁸ com Bial, exibido pela Rede Globo, semanalmente, de segunda a sexta-feira. O marido, Clebson Teixeira, nesta oportunidade, também fez parte do diálogo. A relação do casal foi discutida de maneira detalhada, revelando curiosidades do início do relacionamento até o casamento. Quando questionado sobre preconceitos e fobias, o músico falou que, o que se percebeu em algumas ocasiões, foram interpretações sobre a diferença de idade e de nível social. Clebson Teixeira é 39 anos mais novo que Lulu Santos e, de acordo com o cancionista, “é um menino do interior

⁵⁵ Vide notícia “Lulu Santos fala sobre álbum dedicado ao marido: “É um passo a passo da paixão””, publicada pelo portal GShow no dia 26 de maio de 2019.

⁵⁶ Lulu Santos participa de um programa com histórico de machismo, racismo e homofobia, vide busca no Google por “Faustão homofóbico”. Tal presença gera espaço para questionamentos sobre a coerência de Lulu Santos ao envolver-se em um cenário preconceituoso em meio a discursos de igualdade e amor.

⁵⁷ Entretanto, ainda em 2019, no mês de Julho, ao ser anunciado como atração principal da “Flu Fest”, festa em comemoração aos 117 anos do clube carioca Fluminense, Lulu Santos sofreu preconceitos em redes sociais e em comentários em sites de divulgação do espetáculo.

⁵⁸ Vide notícia “Lulu Santos revela preconceito social contra o marido: “Ele é um menino do interior””, publicada pelo portal GShow no dia 01 de junho de 2019.

do Brasil”. No tocante à orientação sexual, tanto o artista, quanto o marido, não entraram em polêmicas, apenas afirmaram que foi o público feminino quem entendeu o romantismo vivido por eles. Segundo Lulu Santos: “A gente teve uma reação muito positiva por parte de todos, mas, sobretudo, das mulheres. Muitas vezes a gente ouviu comentários: “eu queria tanto ter tido uma declaração dessas, um pedido desses””. Ademais, a fim de discutir sobre moral e costumes, avanços e retrocessos, o apresentador Pedro Bial indagou Lulu Santos se os versos cantados em 1982, “eu vejo um novo começo de era, de gente fina, elegante e sincera”, na canção “Tempos Modernos” (ANEXO O), foram precipitados ou fizeram sentido em algum momento. O compositor citou a representatividade homossexual em dramaturgias para expressar sua opinião.

A gente não pode se esquecer que, há 3 anos, o beijo gay foi proibido em uma novela. Aquilo não ia ter. Demorou muito para ter... Então, nesse sentido, se andou em passos rápidos... Um pouco de honestidade na relação pública, às vezes, aquilo é valorizado. Claro que vai ter uma parte que vai reagir mal, que vai ser dogmática, mas, o que que a gente pode fazer? A vida é assim, né?!

Ao Programa *Lady Night*⁵⁹, apresentado por Tatá Werneck e exibido pelo canal *Multishow*, Lulu Santos tratou sobre o casamento e o fruto: o álbum “Pra Sempre”. Em meio a entrevista, a apresentadora questionou o cantor sobre o fato dele sempre envolver o amor em seus trabalhos, mas, até então, um amor sem nome e sobrenome. O músico, por sua vez, explicou que, agora, fez parte de um processo recíproco e profundo, por isso foi tornado público, naturalmente. Ainda, complementando a explicação, o compositor citou a representatividade e a homofobia. Para Lulu Santos, falta representação em publicidades e peças culturais. Já no tocante a homofobia, o guitarrista mencionou que é algo resolvido por ele há muito tempo.

Ainda que eu tenha tido relações públicas, anteriormente, dessa vez, não foi uma coisa programada. A gente fez ao sabor de gostar tanto um do outro. A gente fez em homenagem um ao outro. Não é para normatizar. Mas também tem esse efeito. Porque eu nunca tive a oportunidade de falar e, possivelmente, eu não gostaria do que eu mesmo sofri, de auto-pressão, de opressão da sociedade. E uma das coisas que a gente acaba sentindo mais, é realmente não ter a representatividade. Você vê os beijos dos casais, os romances, os comerciais, os filmes, e acaba não se vendo representado naquilo, como se você fosse excluído daquilo, daquela possibilidade de felicidade. Então eu acho que o que a gente fez foi não se excluir da possibilidade de felicidade e um pouco não medir que aquilo tivesse alguma

⁵⁹ Vide notícia “Lulu Santos fala sobre homofobia: “me comporto como se não existisse””, publicada pelo portal Observatório, do site Uol, no dia 23 de julho de 2019.

consequência, porque, francamente, falar em homofobia sequer passa pela minha cabeça. Eu acho tão atrasado, tão retardado abrigar isso. Não é que eu ache que não exista, mas eu me comporto como se não existisse.

5.2.4 Rádio - “A possibilidade de felicidade, real, basicamente sendo exatamente o que você é”

No meio radiofônico, Lulu Santos participou do programa Minha Canção⁶⁰, da Sarah Oliveira. Tocante ao universo LGBTQ+, a apresentadora destacou a importância do artista, a partir do relacionamento com Clebson Teixeira, alterar o pronome da canção “Tão Bem” (ANEXO N). Na versão original, a referida música tem em seu refrão: “Ela me faz tão bem, ela me faz tão bem, que eu também quero, fazer isso por ela”. No entanto, desde 2018, Lulu Santos possibilitou que, além de homens héteros e lésbicas, todas as demais orientações sexuais possam se sentir representadas com a cantiga. Atualmente, nos espetáculos, o compositor, ao final da música, conchama as pessoas a cantarem o seu pronome:

Deixar de cantar essa cantiga, ainda que sincera quando inscrita, já não representa mais a minha condição. Também acho injusto que, justo na hora que chega bem no refrão, acaba por deixar de fora mais da metade da população. Explico. É que só uma lésbica ou um hétero seriam capazes de cantar as palavras com sinceridade e convicção. Resignifico o pronome, nesta intervenção, para que todos, de todos os gêneros, possamos compartilhar a emoção desta canção.

Ainda, Sarah complementa, ressaltando a significância de Lulu Santos usar a voz e experiência pessoal para que outras pessoas se sintam representadas e valorizadas. O cancionista concorda com a colocação da apresentadora e enfatiza a essencialidade da representatividade revelando uma vivência particular.

Eu sou de uma época em que a representatividade de homossexual era aquele filme “The Boys In The Band”, do final da década de 60. Era um bando, 5 ou 7 ou não sei quantas bichas velhas, amarguíssimas, massacrando umas às outras, dentro de um apartamento. Você olhava isso e dizia: “eu não quero ser isso”. Esse destino eu não quero. Então isso me ocorreu durante um tempo muito importante da minha vida, a ponto de eu buscar, dentro da minha própria sexualidade e afetividade, vias para que eu pudesse escapar daquilo como um destino. Então hoje quando eu faço o clipe em que no final Clebson e eu nos abraçamos na porta de casa, é o oposto disso. A possibilidade de

⁶⁰ MINHA Canção - Lulu Santos - Parte 2. 1 vídeo (16 min). 8 mai. 2020. Publicado pelo Canal da Sarah Oliveira. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=a_7zL0XRvDA. Acesso em: 25 abr. 2020.

felicidade, real, basicamente sendo exatamente o que você é. Isso é representatividade. A gente avançou pra um ponto dessa representatividade, hoje eu olho pra São Paulo e penso: “pô, São Paulo é uma cidade gay, graças a Deus”.

5.2.5 Redes Sociais - “Quer que desenhe?”

Quando fora da mídia tradicional, Lulu Santos utiliza suas redes sociais para manter a voz ativa perante a assuntos que considere pertinentes a suas opiniões. Um episódio que fez o músico se manifestar foi a censura sob um livro⁶¹ de quadrinhos na Bienal do Rio 2019. Na ocasião, o prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, pediu o recolhimento dos exemplares do romance gráfico “Vingadores, a cruzada das crianças”, sob alegação que o material deveria ser comercializado em plástico preto e informar que continha conteúdo impróprio para menores. A obra referida traz uma cena de dois personagens masculinos se beijando. Em sua conta no *Instagram*, o músico carioca publicou no feed uma fotografia beijando o marido Clebson Teixeira, e legendou: “Quer que desenhe?”. Ainda, o artista publicou uma fotografia do livro referido, com a página onde contém a imagem do beijo. A postagem foi legendada com “Um beijo!”. Os dois conteúdos foram compartilhados na conta de Lulu Santos no Twitter.

⁶¹ Vide notícia “Artistas protestam contra Crivella após censura a livro com imagem de beijo gay”, publicada pela Revista Quem no dia 07 de setembro de 2019.

Figura 1 – Retirada da rede social Instagram



Fonte: Instagram (2019)

Figura 2 – Retirada da rede social Instagram



Fonte: Instagram (2019)

Figura 3 – Retirada da rede social Twitter



Fonte: Twitter (2019)

Também no Instagram, Lulu Santos fez três postagens referentes a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo de 2019. Os conteúdos das publicações fazem menção a apresentação do artista e as legendas são apenas complementares. Um dos conteúdos, um vídeo agradecendo ao Mercado Livre e ao evento, também foi compartilhado na conta oficial do cantor no Twitter.

Figura 4 – Retirada da rede social Instagram



Fonte: Instagram (2019)

Figura 5 – Retirada da rede social Instagram



Fonte: Instagram (2019)

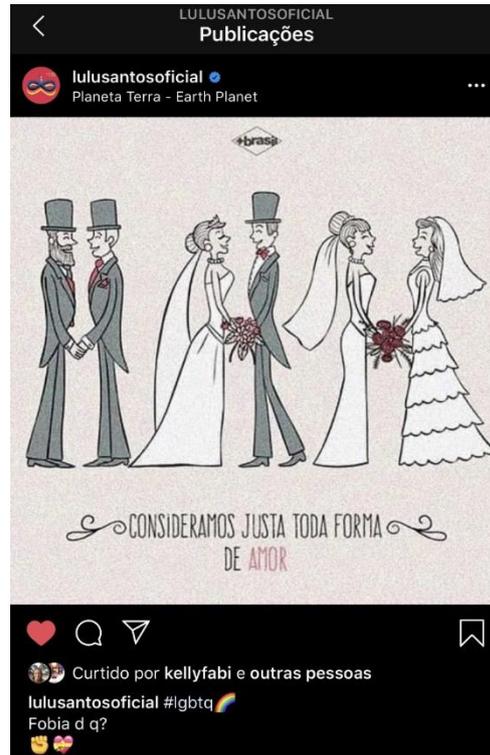
Figura 6 – Retirada da rede social Instagram



Fonte: Instagram (2019)

Mais recente, neste último 17 de maio, dia internacional contra a LGBTfobia, Lulu Santos publicou uma fotografia em seu Instagram com uma arte de três casais: um homem com outro homem, um homem com uma mulher, e uma mulher com outra mulher. Cada casal representando uma orientação sexual. Com a imagem, o refrão da sua música: “Consideramos Justa Toda Forma De Amor”. Na legenda, o cantor escreveu: “#lgbtq Fobia d q?”. À exemplo das outras situações, essa publicação foi para o Twitter do canceineiro.

Figura 7 – Retirada da rede social Instagram



Fonte: Instagram (2020)

Figura 8 – Retirada da rede social Twitter



Fonte: Twitter (2020)

Já no dia 24 de maio, Lulu Santos comemorou no Instagram 1 ano do lançamento do álbum “Pra Sempre”. Na publicação, um vídeo com um compilado das músicas do disco. Na legenda, uma manifestação reafirmando o que já foi dito em outras circunstâncias:

Faz um ano que saiu esta declaração d amor. Expus meu sentimento com a toda clareza e simplicidade de um torpede. Pode ter sido o ato mais humano e portanto político d minha vida e carreira. Além d um divisor de águas, dali pra frente todo mundo me conhece como sou. Dedicado a quem amo hj e PraSempre.

Figura 9 – Retirada da rede social Instagram



Fonte: Instagram (2020)

No mês seguinte, junho, mês do Orgulho LGBT⁶², o canceineiro publicou em seu *Instagram*, no dia 17, um vídeo cantando um trecho da sua canção “Toda Forma

⁶² De acordo com o Manual de Comunicação LGBTI+, “a data tem origem nas lutas em torno do Bar Stonewall, em Nova York, em 28 de junho de 1969, quando uma multidão se rebelou contra a polícia, que tentava prender homossexuais, travestis e transexuais. Por três dias e três noites pessoas LGBTI+ e aliadas resistiram ao cerco policial e a data ficou conhecida com a Revolta de Stonewall”.

de Amor” (ANEXO P). Na legenda, a palavra “*Pride*” (“orgulho”, em inglês), seguido de dois emojis. Este vídeo também se encontra no *Twitter* do músico. Quatro dias antes, dia 13, no *Instagram*, Lulu Santos publicou um vídeo onde, ao som de sua releitura da música “Caso Sérió” (ANEXO K), de Rita Lee, beija o marido Clebson Teixeira. Como legenda: “Pas d Deu”, seguido de dois *emojis* de coração. O vídeo é um recorte da *live* apresentada pelo artista, no dia 12 de junho, em seu canal oficial no Youtube.

Figura 10 – Retirada da rede social Instagram



Fonte: Instagram (2020)

Figura 11 – Retirada da rede social Twitter



Fonte: Twitter (2020)

Figura 12 – Retirada da rede social Instagram



Fonte: Instagram (2020)

Figura 13 – Retirada da rede social Twitter



Fonte: Twitter (2020)

Ainda no mês de junho, no dia 22, Lulu Santos publicou um vídeo no IGTV de seu Instagram, onde comemora 1 milhão de visualizações em sua *live* realizada no

dia 12 de junho. A *live* mencionada está disponível no canal oficial do artista no *Youtube*. Na legenda, o seguinte manifesto:

PopPorn. Em comemoração ao primeiro milhão de views da #LoveLuluLive. Nossa versão d Caso Sérioo d Rita Lee e @roberto_de_carvalho em afirmação da semana do Orgulho Gay. Agora sem o autotune. Feat @clebson.teixeira, @pietrograssia, @lunabeccaris. Realização @raphaelpulga. Arranjo, sequência e teclados @ihmizu. Baixo synth @jorgealtonoficioso. Sitar @tavinho.menezes. Bateria @sergiomelodrums

Figura 14 – Retirada da rede social Instagram



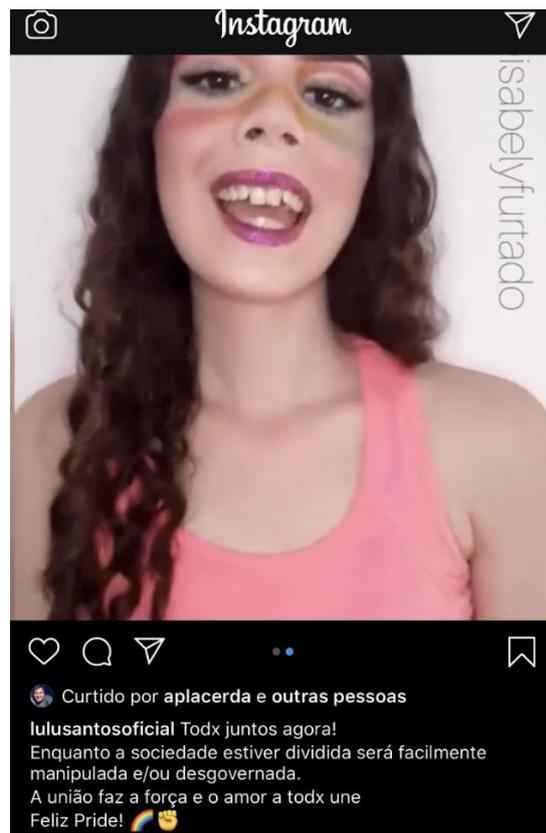
Fonte: Instagram (2020)

No Dia Internacional do Orgulho LGBTI⁶³, 28 de junho, Lulu Santos publicou em seu *Instagram* dois vídeos onde um homem e uma mulher se maquam ao som da sua música “Toda Forma de Amor” (ANEXO P). Na legenda, o cantor manifestou: “Todx juntos agora! Enquanto a sociedade estiver dividida será facilmente manipulada

⁶³ De acordo com o Manual de Comunicação LGBTI+, “a data tem origem nas lutas em torno do Bar Stonewall, em Nova York, em 28 de junho de 1969, quando uma multidão se rebelou contra a polícia, que tentava prender homossexuais, travestis e transexuais. Por três dias e três noites pessoas LGBTI+ e aliadas resistiram ao cerco policial e a data ficou conhecida com a Revolta de Stonewall”.

e/ou desgovernada. A união faz a força e o amor a todx une. Feliz Pride!”. No mesmo dia, o guitarrista publicou em seu Instagram um vídeo cantando a sua música “Sócio do Amor” (ANEXO M). O trecho cantado fala: “Eu digo, repito, acredito no amor”. Na legenda, Lulu Santos utilizou três emojis: um arco-íris, um coração vermelho e uma mão com o punho fechado. Está mídia também está disponível no Twitter do artista.

Figura 15 – Retirada da rede social Instagram



Fonte: Instagram (2020)

Figura 16 – Retirada da rede social Instagram



Fonte: Instagram (2020)

Figura 17 – Retirada da rede social Twitter



Fonte: Twitter (2020)

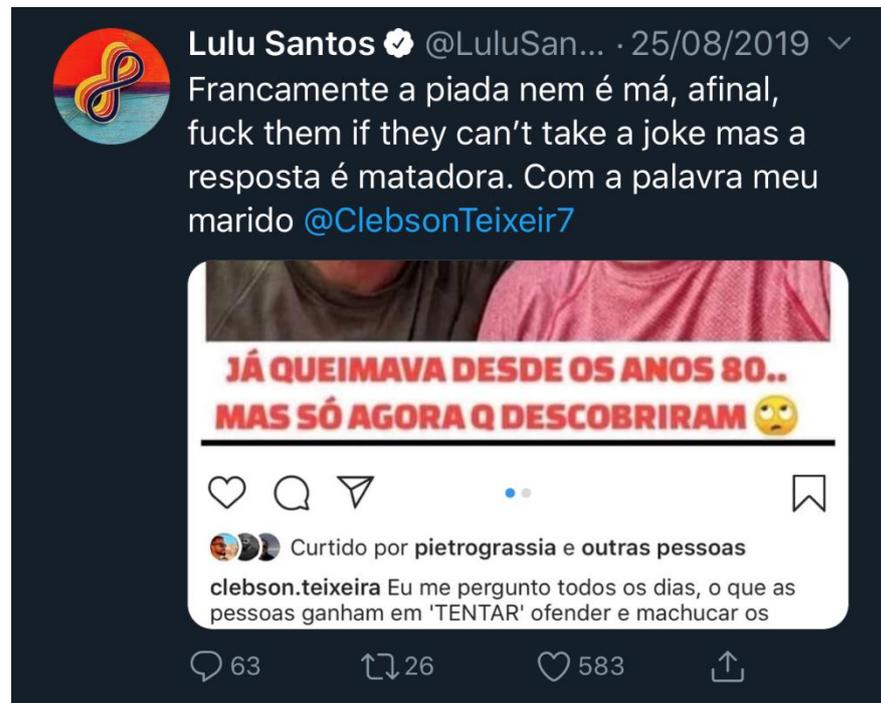
Ademais, o Twitter oficial de Lulu Santos conta com seis publicações singulares, não oriundas do Instagram. A primeira diz respeito ao lançamento do álbum “Pra Sempre”, a segunda é uma resposta à um ataque homofóbico sofrido pelo artista e o marido Clebson Teixeira, e a terceira é uma fotografia do beijo dado por Lulu Santos e Clebson Teixeira durante a *live* do músico no dia 12 de junho. A quarta, a quinta e a sexta foram publicadas no dia 28 de junho, em alusão ao Dia Internacional do Orgulho LGBTI. Os *tweets* dizem: “Ñ tenho nada contra heterossexuais, inclusive tenho vários amigos q são”, “Se eu fosse uma drag renascentista sem um puto ia me chamar Mona Lisa” e “Direitos sexuais são direitos humanos”.

Figura 18 – Retirada da rede social Twitter



Fonte: Twitter (2019)

Figura 19 – Retirada da rede social Twitter



Fonte: Twitter (2019)

Figura 20 – Retirada da rede social Twitter



Fonte: Twitter (2020)

Figura 21 – Retirada da rede social Twitter



Fonte: Twitter (2020)

Figura 22 – Retirada da rede social Twitter



Fonte: Twitter (2020)

Figura 23 – Retirada da rede social Twitter



Fonte: Twitter (2020)

5.2.6 Pós-Show - “A gente tá aqui, a gente é assim, acostumem-se”

Ainda em 2019, após sua apresentação no *Rock In Rio*⁶⁴, Lulu Santos concedeu aquela entrevista que, possivelmente, foi a mais clara sob sua orientação sexual. Motivado pela emoção em ver seu marido na plateia, o artista não poupou palavras ao falar sobre o casamento e a revelação de sua sexualidade:

É uma parceria, é um encontro, é um em um milhão. Eu consegui ver ele (do palco), vi a emoção dele, vi ele tirando aguinha do olho. Eu fiz o último disco todo para ele. Cantei a música "Hoje em dia" sobre nós, sobre nossa vida. E me dá um orgulho enorme que tenha sido sobre essa pessoa, com essa alma, que tudo isso veio à tona, veio a público, ficou claro. Não tem mais mistério, não tem mais nhem nhem nhem, não tem mais pele fina, é o que é. E Clebson, eu te amo.

⁶⁴ Vide notícia “Lulu Santos se emociona ao falar de marido na plateia e fala com Silva sobre como foi se assumir gay”, publicada pelo portal G1 no dia 06 de outubro de 2019.

Sobre possíveis preconceitos, o cancionista comentou que não se pode privar de viver quem se é por medo do que possa ser dito, mas, que é necessário a representatividade para que o discurso seja válido:

Queiram ou não queiram, doa a quem doer, a gente tá aqui, a gente é assim, acostumem-se. É uma questão de representatividade. O que a gente, talvez, precise mais na vida é ver alguém como a gente sendo feliz também. Cada um de nós dá o seu testemunho, de como é a vida da gente, à vera.

Indagado sobre o mundo estar demonstrando um regresso no que diz respeito a tolerância de diversidades, Lulu Santos discorda e diz que o que existe é uma divisão, “uma polarização”. O cantor explica utilizando a física:

É o estado natural da matéria, a energia é mais e menos, tem dois polos, e os pólos trocam. A corrente que sai da sua tomada chama corrente alternada, porque troca a polarização. E polarização significa que tem uma definição. Eu prefiro a definição do que o cinza, do que o bege.

Os conteúdos apresentados elucidam a abertura do álbum “Pra Sempre”. Por meio das manifestações de seu autor, Lulu Santos, é possível perceber que o disco se insere na temática LGBTQ+, em decorrência do seu conteúdo e narrativa, mas não é um produto ativista: é uma obra de expressão de sentimentos. No capítulo de análise, na sequência, trataremos sobre essa concepção.

6 ANÁLISE

Conforme visto no capítulo número dois, de contextualização, o movimento LGBTQ+ sofre com a desigualdade e com a ambivalência. Após traçarmos o histórico dos movimentos LGBTQ+ no Brasil, a partir da apresentação de autores de referência e uma série de materiais jornalísticos que abordam o tema em diferentes contextos históricos, percebemos que o preconceito e a discriminação existem desde os princípios e seguiram junto com o desenvolver do Brasil. Apesar de pequenos avanços por parte de empresas, eventos, artistas e mídias, o conservadorismo e a repreensão política, religiosa e social ainda caminham na contramão do que se espera de uma sociedade evoluída.

No tocante desta pesquisa, que aborda, de modo geral, o jornalismo, a sociedade e a diversidade, trabalhamos a partir da perspectiva do lançamento do álbum “Pra Sempre”, do artista Lulu Santos, no ano de 2019. Como exposto no capítulo anterior, número cinco, o álbum “Pra Sempre” marca a carreira de Lulu Santos: é o primeiro produto que explicitamente aborda uma temática por completo e constrói uma narrativa. A temática no disco exposta é a temática gay. Em todas as divulgações, pré, durante e pós lançamento, o álbum carregou como tema central a homoafetividade. Segundo as palavras do próprio artista:

Esse último disco foi todo muito feito ao sabor de fortes emoções. As canções foram compostas no decorrer de 9 meses, que foi o tempo que eu levei para registrar, para mim mesmo, que alguma coisa estava se passando nova comigo. Pelo meu emocional, que eu estava tocado, emocionado com uma pessoa e fui descrevendo as estações, como eu digo, as estações da paixão, os momentos. Então, esse álbum, o Pra Sempre, é muito costurado ao sabor de fortes emoções.

Portanto, este capítulo pretende analisar de que forma os produtos jornalísticos abordaram a temática da diversidade sexual frente ao lançamento do álbum “Pra Sempre”, do cantor e compositor Lulu Santos, em 2019. Por meio de pesquisas antes, durante e após o lançamento do álbum “Pra Sempre”, o que corresponde ao período de julho de 2018 a julho de 2020, foi feito o resgate de todo o material midiático veiculado em jornais impressos e digitais, revistas impressas e digitais, programas radiofônicos e programas televisivos, em que o autor da obra, Lulu Santos, aborda a temática da diversidade sexual frente ao lançamento do álbum “Pra Sempre”. Os produtos jornalísticos, assim como os depoimentos de Lulu Santos, estão explicitados no capítulo anterior, 5.2, intitulado “O QUE EU TENHO PRA DIZER É SIMPLES” - Manifestações públicas de Lulu Santos no que tange a homoafetividade e a sexualidade. Sendo assim, objetiva-se, também, compreender como vem se desenvolvendo a relação entre o produto cultural e os movimentos LGBTQ+ na mídia, além de identificar, a partir do álbum “Pra Sempre”, de que forma o autor da obra, Lulu Santos, é projetado na mídia como uma figura representativa em torno dos movimentos LGBTQ+, a partir de três episódios que sucederam a estreia do disco: a) a aprovação da criminalização da homofobia pelo Supremo Tribunal Federal (STF); b) a 23ª edição da Parada Gay de São Paulo, que contou com a participação do artista; e a c) proibição de livro com temática LGBTQ+ na 19ª Bienal Internacional do Livro Rio.

6.1 Jornais e portais on-line

Iniciamos esta análise com uma pesquisa realizada por meio do buscador do Google, atingindo o total de dez páginas acessadas. As matérias selecionadas compreendem o período de 05 de maio a 12 de junho de 2019. O lançamento do álbum ocorreu no dia 24 de maio de 2019.

Na busca, foram encontradas dezesseis matérias jornalísticas, entre jornais e portais, envolvendo o lançamento do disco. Na tabela abaixo, informações referentes aos nomes dos veículos midiáticos, ao dia da veiculação e ao teor das perguntas. O intuito da busca é compreender se o lançamento do álbum envolveu perguntas relacionadas a homoafetividade e a sexualidade.

Tabela 1 – Matérias jornalísticas

| Produtos jornalísticos | Data | Número de perguntas | Sobre homossexualidade e sexualidade |
|--------------------------------------|-------------|----------------------------|---|
| Jornal do Comércio ⁶⁵ | 28/05/2019 | 7 | 0 |
| Portal PopLine ⁶⁶ | 24/05/2019 | Notícia sem entrevista | |
| Universal Music Brasil ⁶⁷ | 24/05/2019 | 4 | 0 |
| G1 ⁶⁸ | 27/05/2019 | 8 | 0 |
| Correio Braziliense ⁶⁹ | 12/06/2019 | 5 | 1 |
| UOL ⁷⁰ | 24/05/2019 | Notícia sem entrevista | |
| Folha de São Paulo ⁷¹ | 23/05/2019 | Notícia sem entrevista | |
| Folha de São Paulo ⁷² | 24/05/2019 | Notícia sem entrevista | |
| UOL ⁷³ | 24/05/2019 | Notícia sem entrevista | |
| Poltrona VIP ⁷⁴ | 25/05/2019 | 5 | 0 |
| | | | Continua |

⁶⁵ Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/cultura/2019/05/685739-lulu-santos-lanca-novo-disco-pra-sempre.html. Acesso em: 27 nov. 2020.

⁶⁶ <https://portalphopline.com.br/para-sempre-lulu-santos-lanca-album-totalmente-inspirado-na-relacao-de-amor-com-seu-marido/>. Acesso em: 27 nov. 2020.

⁶⁷ <https://www.universalmusic.com.br/2019/05/24/lulu-santos-celebra-o-amor-em-pra-sempre/>. Acesso em: 27 nov. 2020.

⁶⁸ <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2019/05/27/lulu-santos-lanca-disco-inspirado-na-relacao-com-clebson-teixeira-e-um-album-de-casamento.ghtml>. Acesso em: 27 nov. 2020.

⁶⁹ https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/06/12/interna_diversao_arte,762078/lulu-santos-lanca-cd-inspirado-no-proprio-relacionamento-homoafetivo.shtml. Acesso em: 27 nov. 2020.

⁷⁰ <https://entretenimento.uol.com.br/colunas/adriana-de-barros/2019/05/24/lulu-santos-narra-a-relacao-com-o-marido-em-seu-novo-album-pra-sempre.htm>. Acesso em: 27 nov. 2020.

⁷¹ <https://f5.folha.uol.com.br/musica/2019/05/lulu-santos-lanca-album-sobre-casamento-ato-mais-politico-da-minha-vida-e-obra.shtml>. Acesso em: 27 nov. 2020.

⁷² <https://f5.folha.uol.com.br/musica/2019/05/lulu-santos-lanca-clipe-para-sempre-com-marido-clebson-teixeira-veja-o-clipe-ouca-o-disco.shtml>. Acesso em: 27 nov. 2020.

⁷³ <https://observatoriodemusica.uol.com.br/noticia/lulu-santos-lanca-para-sempre-album-inspirado-na-relacao-com-o-marido>. Acesso em: 27 nov. 2020.

⁷⁴ <https://poltronavip.com/entrevista-lulu-santos-lanca-o-pra-sempre-e-comenta-mais-sobre-o-projeto/>. Acesso em: 27 nov. 2020.

| | | | Conclusão |
|----------------------------------|------------|------------------------|--------------------------------------|
| Produtos jornalísticos | Data | Número de perguntas | Sobre homossexualidade e sexualidade |
| Folha de São Paulo ⁷⁵ | 25/05/2019 | 6 | 0 |
| Tracklist ⁷⁶ | 26/05/2019 | 21 | 0 |
| UOL ⁷⁷ | 27/06/2019 | Notícia sem entrevista | |
| Gaúcha ZH ⁷⁸ | 24/05/2019 | Notícia sem entrevista | |
| Estadão ⁷⁹ | 24/05/2019 | 15 | 6 |
| Estado de Minas ⁸⁰ | 05/05/2019 | 12 | 4 |

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Como visto, das dezesseis notícias encontradas, apenas três jornais relacionaram a homoafetividade e a sexualidade ao lançamento do álbum “Pra Sempre”. São eles: Estado de Minas, Estadão e Correio Braziliense.

O jornal Estado de Minas realizou quatro perguntas, o Estadão seis e o Correio Braziliense apenas uma. A seguir as perguntas.

⁷⁵ <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/05/lulu-santos-jorra-romantismo-em-album-sobre-seu-relacionamento.shtml>. Acesso em: 27 nov. 2020.

⁷⁶ <https://tracklist.com.br/lulu-santos-fala-sobre-novo-album-em-entrevista-para-lancamento/74037>. Acesso em: 27 nov. 2020.

⁷⁷ <https://anamaria.uol.com.br/noticias/ultimas-noticias/novo-cd-de-lulu-santos-e-inspirado-no-romance-com-o-marido.phtml>. Acesso em: 27 nov. 2020.

⁷⁸ <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/musica/noticia/2019/05/video-com-a-participacao-do-marido-lulu-santos-lanca-clipe-de-pra-sempre-assista-cjw28ns6w000801qvrhyn3kc4.html>. Acesso em: 27 nov. 2020.

⁷⁹ <https://cultura.estadao.com.br/noticias/musica,lulu-santos-fala-do-novo-disco-uma-declaracao-de-amor-ao-companheiro-e-de-como-reage-aos-haters,70002841483>. Acesso em: 15 abr. 2020.

⁸⁰ https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2019/05/05/interna_cultura,1051269/para-bh-com-meu-coracao-lulu-santos-como-marido-inspirou-album.shtml. Acesso em: 18 abr. 2020.

Tabela 2 – Matérias jornalísticas com questões de homoafetividade e sexualidade

| Veículo jornalístico | Data | Perguntas |
|-----------------------------|-------------|---|
| Jornal Estado de Minas | 05/05/2019 | Por que revelar a relação agora? |
| | | Quão complicado é lidar com o público e o privado diante da repercussão do relacionamento? |
| | | Há uma cobrança para que você levante bandeiras? |
| | | E o casamento, como foi? |
| Estadão | 24/05/2019 | A história de vocês teve início em abril do ano passado? |
| | | Vocês levaram a relação a público em julho, não? |
| | | Depois que ele fez a postagem de vocês dois juntos, qual música você fez na sequência? |
| | | Pergunto porque vocês tiveram um acolhimento grande... |
| | | Isso (homofobia) em rede social, e na vida real? |
| | | Pensando no outro lado, existe cobrança de você ser a representatividade da causa, a bandeira? |
| Correio Braziliense | 12/06/2019 | Cantar o amor entre iguais você já havia feito em Toda Forma de Amor, canção de 1988. Que diferença você vê em expressar esse sentimento à época e agora? |

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Portanto, a partir das questões, é possível constatar a superficialidade do tratamento jornalístico/midiático em relação à homoafetividade e a sexualidade, frente a um lançamento da indústria cultural, do artista Lulu Santos. Este dado vai na contramão do que prevê o jornalismo cultural, ou seja, o caráter reflexivo da

especialidade. Conforme vimos anteriormente, a reflexão sobre uma determinada cultura, uma manifestação popular e cultural, estimula o debate sobre preconceitos e intolerâncias entre culturas diversas.

De acordo com Cerigatto (2015: 42), “uma reportagem que desperta reflexão é melhor do que uma reportagem sobre cultura que alimenta um ponto de vista restrito e sectário, que faz se passar por universal”. O álbum é um acontecimento revelador de um problema maior, estrutural, conjuntural, e apresenta duas relevâncias: a artística e a social. Enquanto artística, o ineditismo do tema e canções originais. Enquanto social, a narrativa de um amor gay, explícito de forma poética no álbum e de forma mais incisiva e clara nas redes sociais do artista e em depoimentos midiáticos pré, durante e pós lançamento. Sendo assim, na oportunidade do lançamento do álbum, tendo em vista as características e problemáticas que envolve o produto, o jornalismo cultural deveria ser uma janela de democratização do conhecimento e de reflexão, a fim de combater representações estereotipadas e distorcidas das identidades culturais.

Conforme relatório da Unesco (2009, p. 32),

A cobertura por pautas que englobam aspectos das diversas culturas devem ser trazidas à tona de maneira bem traduzida, com análises mais profundas que permitam a clareza e o acessível entendimento (UNESCO, 2009, p. 32).

Ou seja, a reflexão é importante para evitar pontos de vista restritos a respeito de determinadas culturas. No entanto, o que encontramos nas perguntas aqui expostas é pragmatismo e não reflexão. Aqueles que tentaram se manter mais para o lado da reflexão o fizeram num espaço tímido. Segundo Piza (2003), a rotina dos cadernos diários ocasiona a tensão entre a reflexão e a superficialidade. Rodrigues (2001) corrobora, indicando que pautas que valorizam as celebridades e os relatos de eventos impulsionam a tendência ao genérico.

Percebemos, também, a posição do entretenimento em cima da cultura. Após estudos sobre o jornalismo cultural, entendemos que tal fenômeno ocorre, principalmente, devido ao destaque da agenda ao invés dos fatos. Tal priorização acarreta na diminuição de textos detalhados em detrimento de uma compilação em poucas linhas, onde cabe ao jornalista resumir as informações necessárias para a compreensão de determinado fato por parte do seu público. Ademais, os espaços

destinados a propaganda contribuem para a diminuição de espaço para a cultura. Nas notícias selecionadas, percebe-se uma propaganda velada, com o intuito de comercializar o álbum e, em alguns casos, o posterior show do artista. Isto é, a lógica do mercado aparenta estar acima da reflexão e da democratização do conhecimento, características principais do jornalismo cultural. Em nosso caso, a cobertura noticiosa em cima do álbum “Pra Sempre” apresentou a cultura como agenda, atuando majoritariamente como serviço do que como informação e entendimento dos fenômenos culturais que circundam o lançamento.

Ainda em relação às perguntas aqui expostas, o fato de ter muito material divulgado (16 notícias), mas pouco (3 notícias) do material divulgado tratar do assunto homoafetividade e sexualidade é um fato que corrobora com a ideia da priorização da agenda ao invés da reflexão e da democratização. Treze veículos silenciaram sobre algo que, aparentemente, é principal na obra aqui estudada: a temática gay. E os outros três veículos, apesar de trabalharem com as temáticas, não deram a elas o primeiro plano.

A temática da homoafetividade e da sexualidade não se tornou apenas uma questão da discografia, ela se tornou uma peça da presença pública de Lulu Santos. O artista fala sobre a temática, faz publicações em suas redes sociais acerca de. Ou seja, o silenciamento por parte da mídia nos mostra algumas possibilidades: a) não enxergam no álbum “Pra Sempre” uma dimensão social, em que assuntos relacionados à homoafetividade e à sexualidade possam ser discutidos a partir do produto; b) não enxergam na figura do Lulu Santos um ativismo político e institucional, talvez digital ou midiático e c) as lógicas do mercado são superiores ao poder de venda midiática de Lulu Santos e de agendamento.

Dentro dessa perspectiva, nota-se uma separação dos veículos: os focados no sensacionalismo e os focados em análises. Os sensacionalistas, em algum momento do texto, ou até mesmo na manchete, mencionam o relacionamento homoafetivo de Lulu Santos, mas não exploram a temática tendo em vista as problemáticas que a rodeiam. Os de análise, mesmo de forma tímida, buscam interligar o lançamento do álbum com os temas. Segundo Bourdieu (1997, p. 105), os veículos sensacionalistas buscam o reconhecimento advindo da lógica do êxito das tiragens e das receitas

publicitárias. Já o reconhecimento dos focados em análises é adquirido através da coerência de valores, fidelidade a princípios e credibilidade.

Destarte, conclui-se que a cobertura do álbum “Pra Sempre”, por meio dos jornais e portais on-line, foi superficial no que diz respeito à homoafetividade e à sexualidade. A mídia tratou a temática LGBTQ+ através da revelação do relacionamento homoafetivo de Lulu Santos; não como algo a ser debatido. O entretenimento e a agenda foram superiores à cultura e aos fatos e, majoritariamente, houve um silenciamento das temáticas pelos veículos.

6.2 Publicidade, jornalismo impresso/digital, televisão, rádio, redes sociais e pós-show: o que dizem os produtos jornalísticos?

Esta seção pretende analisar os produtos jornalísticos e midiáticos dispostos no subcapítulo 5.2, intitulado “O QUE EU TENHO PRA DIZER É SIMPLES” - Manifestações públicas de Lulu Santos no que tange a homoafetividade e a sexualidade. Sendo assim, compreende a análise dos conteúdos de publicidade (5.2.1), de jornalismo digital (5.2.2), de televisão (5.2.3), de rádio (5.2.4), das redes sociais (5.2.5) e dos depoimentos pós-shows (5.2.6). A pesquisa compreende o período de julho de 2018 a julho de 2020, o que corresponde aos períodos de pré lançamento, lançamento e pós lançamento do álbum “Pra Sempre”. O intuito é perceber de que forma os produtos jornalísticos abordaram a temática da diversidade sexual frente ao lançamento do álbum “Pra Sempre” de Lulu Santos.

6.2.1 Publicidade

Entre 2018 e 2019, Lulu Santos por duas vezes foi peça de publicidade. Na primeira das ocasiões, assinou uma linha de alianças exclusivas para casais LGBT. Na segunda, foi convidado pela empresa Mercado Livre para se apresentar na Parada do Orgulho LGBT de São Paulo.

A revista Marie Claire⁸¹ noticiou a linha de alianças, mas não realizou entrevista com Lulu Santos. Na publicação, basicamente reproduziu informações divulgadas pelo cantor, em seu Instagram oficial, a respeito do lançamento. Já em relação a participação do cancionista na Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, o jornal Estadão⁸² produziu uma grande reportagem sobre a festividade, com depoimentos de participantes, políticos e artistas. Ao final da cobertura, noticiou o ineditismo da participação de Lulu Santos no evento e reproduziu dois depoimentos do compositor. O periódico destacou também a relação homoafetiva do cantor, um dos motivos da estreia no evento. Vide trecho da reportagem a seguir:

Figura 24 – Matéria no Estadão

The image shows a screenshot of a news article on the Estadão website. The article is titled "Lulu Santos estreia na Parada com críticas a armas e defesa do amor". The text discusses his participation in the LGBT Pride parade in São Paulo, his relationship with Clebson Teixeira, and his views on Bolsonaro and gun violence. A Canon advertisement is visible on the right side of the page.

Fonte: Estadão (2019)

O exposto demonstra que, mesmo dentro de um material com pouco desenvolvimento, sem entrevistas, Lulu Santos faz parte da agenda midiática. Um dos fatores que identificamos, é a notoriedade de Lulu Santos como ator. Ou seja, por seu

⁸¹ LULU Santos assina linha de alianças para casais LGBT de quase R\$10 mil. **Revista Marie Claire**. 7 dez. 2018. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Celebridades/noticia/2018/12/lulu-santos-assina-linha-de-aliancas-para-casais-lgbt-de-quase-r-10-mil.html>. Acesso em: 18 abr. 2020.

⁸² DEL RÉ, Adriana. **Lulu Santos fala do novo disco, uma declaração de amor ao companheiro e de como reage aos haters**. Estadão. 24 mai. 2019. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/musica,lulu-santos-fala-do-novo-disco-uma-declaracao-de-amor-ao-companheiro-e-de-como-reage-aos-haters,70002841483>. Acesso em: 15 abr. 2020.

histórico, carreira e renome, Lulu Santos é um personagem com notoriedade já construída, o que facilita seu acesso ao campo midiático. A notoriedade do cancionista enquanto fonte ressalta o fato ao qual ele está sendo atrelado, no caso, a homoafetividade. Conforme Galtung e Ruge apud Traquina (2008), “quanto mais o acontecimento disser respeito às pessoas de elite, mais provavelmente será transformado em notícia”. Ou seja, o nome e a posição social da pessoa são significativos como fator a virar notícia ou não.

Além de ser a estreia de Lulu Santos na Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, o fato do lançamento do álbum “Pra Sempre” ocorrer um mês antes do evento contribui para o destaque do cantor na reportagem jornalística. Isso está atribuído a outro valor-notícia, a relevância. O álbum “Pra Sempre” apresenta duas relevâncias: por um lado a artística, por outro a social. Enquanto artística, antes de “Pra Sempre”, na trajetória de Lulu Santos, não haviam trabalhos com apenas uma temática inspiradora e definida. “Pra Sempre” revela uma temática permanente: a temática gay. Também entendemos que “Pra Sempre” é o primeiro álbum com canções originais, sem resgates de obras passadas. Enquanto social, a narrativa de um amor gay, explícito de forma poética no álbum e de forma mais transparente nas redes sociais do artista e em depoimentos midiáticos pré, durante e pós lançamento. O valor-notícia “novidade” também entra nesta perspectiva, já que, como mencionado, o disco foi lançado um mês antes da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo.

Conforme John Hartley apud Traquina (2008), os valores-notícia não são naturais ou neutros. Segundo os autores, “formam um código que vê o mundo de uma forma muito particular (peculiar até)”. Stuart Hall apud Traquina (2008, p. 32) corrobora, definindo os valores-notícia como um recorte cultural do mundo social. De modo geral, compreendemos que a escolha de abordagem pela revista Marie Clarie e pelo jornal Estadão passou ao Lulu Santos a dimensão de notoriedade, no entanto, evidenciou os acontecimentos ao invés dos problemas que poderiam ter sido explorados com a revelação do relacionamento homoafetivo e, posteriormente, a criação de um produto cultural fruto do relacionamento. Mais uma vez, percebemos que a reflexão, característica fundamental do jornalismo cultural, foi nula em um caso e minimizada em outro, em detrimento de critérios de noticiabilidade e valores-notícia, além das lógicas do mercado.

6.2.2 Jornalismo impresso/digital

No meio impresso/digital, no dia 05 de maio de 2019, dias antes do lançamento do disco, o periódico Estado de Minas⁸³ veiculou grande reportagem onde conta como o marido de Lulu Santos, Clebson Teixeira, inspirou a criação do álbum “Pra Sempre”. Nas questões, uma mescla entre a vida particular do músico, a conexão entre Minas Gerais e Rio de Janeiro, o cenário pop, mas, principalmente, o relacionamento que gerou o produto cultural. Vide o exemplo:

Figura 25 – Matéria no Estado de Minas



Fonte: Estado de Minas (2019).

O periódico, de forma tímida, entrou no universo homoafetividade e sexualidade, mas não promoveu grandes discussões. Dentro do desenvolvimento, se dedicou mais à repercussão da revelação do relacionamento do canceiro do que questionamentos na linha do ativismo.

Já no dia 23 de maio, um dia antes do lançamento do álbum “Pra Sempre”, o Supremo Tribunal Federal (STF) julgava duas ações que pediam a criminalização da

⁸³ PEIXOTO, Mariana. ‘**Para BH com meu coração**’: Lulu Santos conta como marido inspirou álbum romântico. Estado de Minas. 5 mai. 2019. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2019/05/05/interna_cultura,1051269/para-bh-com-meu-coracao-lulu-santos-como-marido-inspirou-album.shtml. Acesso em: 18 abr. 2020.

homofobia. No mesmo dia, o portal O Tempo⁸⁴ entrevistou Lulu Santos a respeito do assunto, em paralelo ao lançamento do produto. A reportagem detalha o álbum e, além de pedir a opinião do cantor em relação à criminalização da homofobia, o questiona sobre depoimentos homofóbicos do presidente Jair Bolsonaro. Em todos os casos, a opinião do guitarrista foi explícita, mas superficial. Vide as respostas:

Figura 26 – Matéria no O tempo

otempo.com.br/diversao/magazine/lulu-santos-defende-criminalizar-homofobia-e-uma-necessidade-humanitaria-1.2185572#:~:text=Nese%20momento%2C%20... 24°C | Belo Horizonte 30/11/2020

Homofobia. Nese momento, o Supremo Tribunal Federal (STF) julga duas ações que pedem a criminalização da homofobia, à qual Lulu se diz favorável. “Mais do que um direito civil, é uma necessidade humanitária, sobretudo se você olhar as estatísticas. O Brasil é o país que mais mata LGBT’s no mundo e esse número tem aumentado, assim como o feminicídio. É um país armado, fóbico, ignorante. O que precisamos é dos antídotos para romper com isso, precisamos de educação, desarmamento, para não sermos mais recordistas em assassinatos”, apontou.

As opiniões do presidente Jair Bolsonaro, que chegou a se declarar “homofóbico com orgulho” e disse que preferia “ver um filho gay morto num acidente de carro do que aparecer com um bigodudo por aí”, também foram tema da conversa com Lulu.

“Não se pode fazer nada contra outras formas de pensar, só medir o quão razoável aquilo é. Não tem discussão razoável com quem se agarra a dogmas. Precisamos lembrar que houve uma época em que a escravidão era legal nesse país, com o beneplácito do Estado e da religião. Os avanços sempre serão no sentido da liberação, mesmo que os caminhos sejam tortuosos. Não há forma de responder a essa parcela da população que tem essa visão dogmática, não existe diálogo, precisamos é de uma legislação que obrigue o cidadão a se responsabilizar pelos crimes que cometer”, finalizou Lulu.

Veja o clipe de Lulu Santos dedicado ao marido:

Escutar para avançar:
é assim que a Vale dá continuidade ao seu compromisso com Brumadinho e região.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

- 1 Silvero Pereira relembra preconceito na TV por ser gay
Ator pode ser visto atualmente na novela 'A Força do Querer'
- 2 Mesa de Caetano Veloso e Preciado, a mais esperada da Flip, já está gravada

Fonte: O Tempo (2019).

O lançamento do álbum, no dia 24 de maio de 2019, gerou reportagem no jornal Estadão⁸⁵. O periódico detalhou as etapas do relacionamento que gerou o produto “Pra Sempre”. Na entrevista, questionou o compositor sobre a temática do amor, as mensagens das músicas e o acolhimento dos fãs em relação ao relacionamento homoafetivo. A pergunta mais direta, questiona se o artista sente cobranças em ser representante da causa, em levantar bandeiras. Por sua vez, Lulu Santos adotou

⁸⁴ VIDIGAL, Raphael. **Lulu Santos defende criminalizar homofobia: ‘É uma necessidade humanitária’**. O Tempo. 23 mai. 2019. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/diversao/magazine/lulu-santos-defende-criminalizar-homofobia-e-uma-necessidade-humanitaria-1.2185572>. Acesso em: 22 abr. 2020.

⁸⁵ DEL RÉ, Adriana. **Lulu Santos fala do novo disco, uma declaração de amor ao companheiro e de como reage aos haters**. Estadão. 24 mai. 2019. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/musica,lulu-santos-fala-do-novo-disco-uma-declaracao-de-amor-ao-companheiro-e-de-como-reage-aos-haters,70002841483>. Acesso em: 15 abr. 2020.

discurso semelhante ao que já vimos aqui: respostas claras, diretas, desenvolvidas, mas pouco profundas, sem entrar em problemáticas.

Figura 27 – Matéria no Estadão

← → C cultura.estadao.com.br/noticias/musica/lulu-santos-fala-do-novo-disco-uma-declaracao-de-amor-ao-companheiro-e-de-como-reage-aos-haters.70002841483 ☆ ⚙️ 👤

ESTADÃO Cultura

possa estar perplexo. Espero que estejam mesmo. A gente convive com isso na vida, nas relações, não tem mistério, e ao mesmo tempo eu que já tive essa relação anterior, qualquer pessoa que me conhecia, que trabalhava comigo, sabia. Você não pode dialogar com um conceito como a homofobia. Não tem conversa.

Isso em rede social, e na vida real?

A gente não experimentou até agora mais do que carinho, claro que você sente um ar de alguma coisa que está querendo ser expressada, mas a parte do carinho é tão mais presente.

Pensando no outro lado, existe cobrança de você ser a representatividade da causa, a bandeira?

Não me compete, porque ativismo não me comove, pacifismo tampouco. E, ao mesmo tempo, apenas tomando as atitudes que a gente tomou já é tanto ativismo, porque o que a gente fez não foi para dentro do gueto, foi no seio da sociedade, não foi pregar para convertido. Foi apenas viver o amor.

Lulu Santos - Orgulho E Preconceito (Lyric Video)

ROYAL ENFIELD
250
A CLÁSSICA MAIS VENDIDA DO BRASIL!
COM TAXAS A PARTIR DE **0,39%***
ENTRADA A PARTIR DE **20%**
SALDO EM ATÉ **48X**
OU R\$ 25.390,00 À VISTA
1ª PARCELA PODE SER PARA 60 DIAS
SAIBA MAIS

Fonte: Estadão (2019).

Com o exposto, observa-se o valor-notícia da “notabilidade”, que corresponde à qualidade de ser visível. Em conformidade com Walter Lippman apud Traquina (2008), “tem que acontecer qualquer coisa de específico que tenha uma forma evidente, tem que haver qualquer aspecto manifesto”. Neste caso, o álbum se apresenta como um acontecimento na medida em que seu criador, Lulu Santos, anuncia as faixas musicais e explicita a narrativa que envolve as canções. O lançamento do álbum, portanto, é legitimado por um acontecimento anterior, de ordem pessoal, que atravessa a vida do cantor e que o inspira para a produção musical.

Nesta pesquisa, entende-se que o relacionamento de Lulu Santos é a notícia, enquanto que o álbum “Pra Sempre” é o acontecimento. No entanto, o valor-notícia da notabilidade, segundo Traquina (2008), chama a atenção para o revés do jornalismo evidenciar, cada vez mais, os acontecimentos ao invés dos problemas. Essa afirmação evidencia a abordagem dos veículos jornalísticos aqui expostos, assim como o posicionamento da fonte, neste caso, Lulu Santos. Segundo Traquina (2008), “o trabalho jornalístico é uma atividade prática onde os jornalistas lutam

constantemente contra a tirania do fator tempo”. Em outras palavras, o ritmo do trabalho leva os jornalistas a enfatizarem mais os acontecimentos do que as problemáticas.

O álbum “Pra Sempre” é um acontecimento, mas é um acontecimento revelador de um problema maior, estrutural, conjuntural e histórico. O álbum deixa uma mensagem subliminar apresentada de forma cifrada; poética. Enquanto a transposição do álbum para a mídia evidencia a perspectiva da homoafetividade de forma clara e pontual. Existe uma apropriação midiática do produto cultural pelo campo jornalístico. Entretanto, essa apropriação é rasa em análise; em aprofundamento. Questões sobre lesfobia, transfobia, por exemplo, não foram abordadas. O tratamento foi mais direcionado a questões particulares de Lulu Santos em relação à homoafetividade e não ao amplo universo LGBTQ+.

Ainda assim, apesar dos produtos jornalísticos não explorarem questões amplas, relacionadas a homofobia e a outros preconceitos enfrentados pelos homossexuais diariamente, “Pra Sempre” gerou uma redoma de mídias jornalísticas em torno dele. Construiu-se uma ambiência midiática que, ao fazer a cobertura do álbum, não só faz a cobertura como explicita sua mensagem. Nesse sentido, ganha relevância a importância do artista que, ao projetar um álbum sonoro, mobiliza a agenda jornalística em torno da causa LGBTQ+. Ou seja, a agenda jornalística sustenta e legitima aquilo que o Lulu Santos de forma poética introduz no álbum.

Em relação ao agendamento, os criadores McCombs e Shaw (1972) explicam que a capacidade dos jornalistas em induzir o lançamento de acontecimentos na opinião pública atesta seu relevante papel nos moldes de nossa sociedade. Porém, no caso do lançamento do álbum “Pra Sempre”, o que percebemos, também, foi um agendamento do meio público sobre a agenda jornalística. Lulu Santos, com seu renome e representação artística conseguiu criar a mencionada redoma midiática em torno de seu produto cultural. A mídia, mesmo que de forma sutil em relação a assuntos homoafetivos, divulgou, em massa, o trabalho do canceiro antes, durante e após o lançamento. Apesar de, majoritariamente, não ter característica durável, o acontecimento aqui analisado, o álbum “Pra Sempre”, manteve-se presente nas mídias devido a sua particularidade e narrativa: é um álbum que narra as fases de um amor gay e carrega características únicas dentro da carreira de Lulu Santos. Qualquer

novo episódio do relacionamento de Lulu Santos, que calhou no álbum, tornou-se público. Qualquer manifestação do artista em relação à construção do álbum tornou-se pública. Ou seja, existiu um processo de complementaridade entre o produto cultural e o produto jornalístico. Neste tocante, Ebring, Goldenberg e Miller apud Traquina (2000) sustentam, quando afirmam que percebem o processo de agendamento como um meio interativo, onde, a longo prazo, a influência da agenda pública sobre a agenda jornalística pode ser observada, enquanto, de modo direto e imediato, pode ser vista a influência da agenda jornalística sobre a agenda pública.

6.2.3 Televisão

No meio televisivo, Lulu Santos participou de três expressivos programas da televisão brasileira: *Domingão do Faustão*, *Conversa com Bial* e *Lady Night*. Em todos os programas, a pauta principal foi o lançamento do álbum “Pra Sempre”. Os dois primeiros são exibidos em canal aberto e o último em canal fechado. Todos pertencem à Rede Globo, emissora na qual Lulu Santos é contratado, sendo jurado do programa musical *The Voice Brasil*.

Entre os três programas, o *Domingão do Faustão*⁸⁶ foi o que menos explorou a temática homoafetiva. Fausto Silva questionou Lulu Santos sobre a criação do álbum, o passo a passo do relacionamento com Clebson Teixeira e o comportamento dos fãs quanto a revelação do relacionamento. O próprio cantor, diante de tais provocações, falou sobre a criminalização da homofobia. Após comentário do cancionista, o apresentador dialogou com Lulu Santos sobre liberdade e opressão, citando líderes conservadores como Donald Trump e Jair Bolsonaro. No restante, apresentação do músico e sua banda e intervenções por parte de Fausto Silva apenas em relação às canções apresentadas.

Por conseguinte, no programa *Conversa com Bial*⁸⁷, Lulu Santos teve a companhia do seu marido Clebson Teixeira. Por se tratar de um programa

⁸⁶ GOOGLE. ‘Faustão homofóbico’. Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=faust%C3%A3o+homof%C3%B3bico&oq=faust%C3%A3o+homof%C3%B3bico&aqs=chrome..69i57.4788j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em: 19 ago. 2020.

⁸⁷ LULU Santos revela preconceito social contra o marido: ‘Ele é um menino do interior’. **GShow**. 1 jun. 2019. Disponível em: <https://gshow.globo.com/programas/conversa-com-bial/noticia/lulu-santos-revela-preconceito-social-contramarido-ele-e-um-menino-do-interior.ghtml>. Acesso em: 22 abr. 2020.

especificamente de entrevista, diálogo, como o nome sugere, percebemos uma maior incidência por parte do apresentador na temática homoafetiva, fazendo ligação com o lançamento musical. Pedro Bial questionou Lulu Santos sobre preconceitos e fobias, orientação sexual, moral e costumes, além de avanços e retrocessos no que se refere à homoafetividade. O músico, por sua vez, afirmou que em relação a preconceitos o que notou foi a nível social e relacionado à diferença de idade entre ele o companheiro. No tocante à orientação sexual, preferiu não entrar em polêmicas, apenas mencionou que o público feminino foi mais receptivo. A questão que gerou uma resposta mais desenvolvida, foi em relação aos avanços na representatividade homossexual, principalmente em dramaturgias. Ademais, Clebson Teixeira colaborou em algumas respostas, mas sempre validando as opiniões de Lulu Santos.

Já no programa *Lady Night*⁸⁸, a temática da homoafetividade e sexualidade foi bem explorada. Mesmo em tom descontraído, característica da apresentadora e humorista Tatá Werneck, questões importantes de serem discutidas a nível nacional foram abordadas. A apresentadora questionou Lulu Santos sobre seu histórico romântico, porém, até então, um amor sem nome e sobrenome. Neste tocante, questionou o músico de o porquê o relacionamento vir à tona neste momento da vida do cantor, da vida pública. O músico foi categórico e afirmou que o relacionamento se tornou público de forma natural, pois fez parte de um processo recíproco e profundo. Neste sentido, o guitarrista mencionou a representatividade e a homofobia. Para Lulu Santos, há necessidade de mais representação em peças publicitárias e peças culturais. Ainda, quando questionado sobre a homofobia, o canceiro respondeu que para ele é algo resolvido há muito tempo. No entanto, vale ressaltar a continuação da fala do cantor. É importante para entendermos como ele percebe o assunto e o que espera da sociedade. Vide fala extraída do programa:

Eu nunca tive a oportunidade de falar e, possivelmente, eu não gostaria do que eu mesmo sofri, de auto-pressão, de opressão da sociedade. Uma das coisas que a gente acaba sentindo mais é realmente não ter a representatividade. Você vê os beijos dos casais, os romances, os comerciais, os filmes, e acaba não se vendo representado naquilo, daquela possibilidade de felicidade. Então eu acho que o que a gente fez foi não se excluir da possibilidade de felicidade. E um pouco não medir que aquilo tivesse alguma consequência, porque, francamente, falar em homofobia

⁸⁸ CANAIS GLOBO. Lulu Santos. Temp 4, Ep. 6 (41 min). *Lady Night*, 22 jul. 2019. Disponível em: <https://canaisglobo.globo.com/assistir/multishow/lady-night/v/7775525/>. Acesso em: 23 jul. 2020.

sequer passa pela minha cabeça. Eu acho tão atrasado, tão retardado abrigar isso. Não é que eu ache que não exista, mas eu me comporto como se não existisse.

“Porque, francamente, falar em homofobia sequer passa pela minha cabeça”. Esse trecho extraído da fala de Lulu Santos no programa *Lady Night* nos mostra um dado importante: o artista escolhe narrar a homofobia de tal forma, mas não significa que seja a verdade. Ou seja, Lulu Santos não é um artista de ideologia, é um artista de mídia, mas, às vezes, a ideologia gera mídia. O cancionista não é ativista porque é privilegiado. Por privilégio entende-se uma carreira de quase cinquenta anos, renome artístico e social e a vida pública que estampa.

Além do depoimento destacado, as questões abordadas nos três programas nos mostram que Lulu Santos não politizou o álbum. “Pra Sempre” é um álbum aberto, mas não é um produto cultural de ativismo; o artista negou algumas vezes assumir essa função. O estudo sobre as reportagens demonstra isso: “Pra Sempre” se insere na temática da sexualidade e da homoafetividade mas ele não é um álbum de ativismo; é um álbum de expressão de sentimentos.

Por outro lado, o que gera conexão entre a dimensão artística e a jornalística é o fato da divulgação desse álbum nos meios de comunicação sempre tocarem na questão da sexualidade e da homoafetividade. É o único álbum do compositor claramente inserido na temática LGBTQ+. Isso não está no álbum, mas está nas reportagens de divulgação do álbum. Isto é, os produtos jornalísticos, ao se apropriarem do produto cultural, deram a ele uma nova proporção, fortalecendo e legitimando a mensagem escrita por Lulu Santos de forma cifrada e poética nas canções. Tal conduta é desenvolvida por Shaw apud Wolf (2001) ao explicar sobre a hipótese do agendamento. Conforme o autor, quando a mídia descreve a realidade exterior, ela apresenta ao público um quadro daquilo que é fundamental ter uma discussão, uma base para reflexão. Assim dizendo, “Pra Sempre”, por si só, por talento de seu compositor Lulu Santos, apresenta relevância artística e social, mas a social só é evidenciada e clarificada pelos produtos jornalísticos. O álbum é um acontecimento que culminou na multiplicidade de informações de relevância social.

Entre as considerações, ainda é oportuno ressaltar a notoriedade de Lulu Santos enquanto fonte. Assuntos relacionados à homoafetividade e sexualidade, frente ao lançamento do álbum “Pra Sempre”, foram discutidos com o cantor em

programas renomados, de emissoras renomadas. Tal posição conferiu ao cancionista certa autoridade. Em características tais, quando Lulu Santos informa, o que ele diz pode ser considerado digno de fé. Entendemos que tal notoriedade é conferida ao músico devido à credibilidade adquirida junto à mídia (no decorrer de uma carreira de aproximadamente cinquenta anos), ao seu histórico enquanto artista e sua demonstração de conhecimento no que diz respeito a assuntos políticos/sociais. Sobre possíveis estratégias traçadas pelo artista para ganhar tal notabilidade, acreditamos que sua posição enquanto figura pública já lhe confere notabilidade, mas, também, determinados comportamentos e depoimentos em suas redes sociais. Com certa frequência, publicações a respeito da temática homoafetiva e a nível político tomam as redes de Lulu Santos. Posteriormente, repercussões sobre as publicações aparecem nas dimensões midiáticas. Ademais, o lançamento de um álbum com a narrativa construída a partir de um amor gay, com canções inéditas, já carrega um enredo particular e propício de ganhar holofotes midiáticos. Porém, uma estratégia clara de Lulu Santos como fonte, foi a revelação do álbum em fragmentos, apresentando, antecipadamente ao lançamento, algumas canções em formato de single e em apresentações no programa *The Voice Brasil*, da Rede Globo. Tal comportamento conferiu ao cancionista o controle sobre o material da própria organização e fez com que o álbum fosse discutido na mídia em diferentes produtos e momentos da agenda midiática e pública. Assim, antes mesmo de lançar seu produto cultural, Lulu Santos conseguiu concentrar uma redoma midiática, uma atenção midiática, sobre algo que estava começando a ser desenvolvido.

Entretanto, é válido atentar para a possível estratégia midiática aplicada por esses programas televisivos. Ao abrir determinado espaço para Lulu Santos falar sobre seu lançamento cultural e discutir assuntos relacionados à temática gay, os produtos jornalísticos, além de contarem com a audiência da representação figurativa de Lulu Santos enquanto artista, podem ter tido interesse pelo seu possível efeito de captação. Tal comportamento é lembrado por Traquina (1993), ao afirmar que, em sua relação com as fontes, a instância midiática é ambivalente.

Ademais, é importante observar o fato de que, mesmo sendo um programa predominantemente voltado ao entretenimento, Tatá Werneck, apresentadora do *Lady Night*, demonstrou empenho na promoção de informações consistentes sobre a homoafetividade e a sexualidade na redoma do álbum "Pra Sempre". Ainda, é propício

reflexionar sobre a relevância do jornalista cultural como mediador. No caso de Pedro Bial, o apresentador e jornalista conseguiu traduzir uma realidade, de certa forma, complexa, em formas simbólicas acessíveis, sem que essa tradução empobrecesse a informação, o dado. Por sua vez, entendemos o enquadramento de Fausto Silva majoritariamente voltado ao entretenimento e a publicidade. A temática gay foi discutida em fragmentos rasos, em que o relacionamento de Lulu Santos e Clebson Teixeira foi abordado como uma forma de narrativa para entender a construção do álbum “Pra Sempre” e, assim, promover o produto.

6.2.4 Rádio

No meio radiofônico, Lulu Santos participou do programa Minha Canção, da jornalista Sarah Oliveira. Em trinta minutos de entrevista, a apresentadora mergulhou na carreira e dissecou a essência atual de Lulu Santos. Assuntos relativos ao passado do cantor, relacionamento com fãs e artistas foram abordados. No entanto, o que predominou foi a redoma de acontecimentos em volta do álbum “Pra Sempre”, principalmente assuntos relacionados à representatividade dentro do universo LGBTQ+.

Como momento mais relevante da entrevista, focalizamos no trecho em que a apresentadora destaca a significância de Lulu Santos usar sua voz e sua experiência pessoal para que outras pessoas se sintam representadas. Em sua resposta, o cancionista revela uma vivência e, de certa forma, frustração particular e a sua percepção do que é representatividade atualmente.

Eu sou de uma época em que a representatividade de homossexual era aquele filme “The Boys In The Band” (...). Você olhava isso e dizia: “eu não quero ser isso”. Esse destino eu não quero. Então isso me ocorreu durante um tempo muito importante da minha vida, a ponto de eu buscar, dentro da minha própria sexualidade e afetividade, vias para que eu pudesse escapar daquilo como um destino. Então hoje quando eu faço o clipe em que no final Clebson e eu nos abraçamos na porta de casa, é o oposto disso (...). A gente avançou pra um ponto dessa representatividade.

De modo geral, pode-se compreender a notoriedade de Lulu Santos enquanto fonte, mas, ao mesmo tempo, a notoriedade de Sarah Oliveira enquanto entrevistadora; jornalista. Percebe-se uma complementaridade entre as perguntas e

as respostas e, principalmente, um espaço mútuo de respeito entre entrevistador e entrevistado.

É notável o esforço por parte de Sarah Oliveira em realizar uma cobertura aberta, reflexiva, contextualizada e cuidadosa quanto às representações da sexualidade e da homoafetividade frente ao álbum “Pra Sempre”. Tendo em vista a fragmentação de públicos em que um programa de rádio atinge, em que o contato com o plural, de forma restrita e inadequada, pode gerar intolerância e incompreensão, percebe-se o domínio e a prática, por parte da jornalista, das características essenciais do jornalismo cultural: a reflexão e a democratização do conhecimento.

Já no que refere-se ao cancionista, além da notoriedade enquanto fonte, onde o guitarrista foi colocado como referência de fala e representatividade a partir de seu produto cultural, percebe-se, também, o valor-notícia do “tempo” aplicado na entrevista. O álbum “Pra Sempre” foi lançado no primeiro semestre de 2019 e a entrevista realizada no primeiro semestre de 2020. Passado um ano, “Pra Sempre” ainda era destaque e permaneceu como pauta. Ou seja, um acontecimento que teve lugar no passado, praticamente na mesma data, volta a ser notícia um ano depois.

O valor-notícia da “concorrência” também pode ser considerado, afinal, no meio radiofônico, Sarah Oliveira conseguiu uma exclusividade com o cantor. Ademais, o valor-notícia da “amplificação” tem relevância, uma vez que a conversa com Lulu Santos sobre o álbum “Pra Sempre” gera uma série de ampliações, desde o relacionamento do cantor até desdobramentos sobre homoafetividade e sexualidade. Assim sendo, o álbum não oferece apenas canções: ele carrega uma redoma de acontecimentos até ser concretizado em um produto da indústria cultural. Ao falar sobre o lado artístico, intrinsecamente o lado social aparece. São duas dimensões importantes em um produto cultural, explanadas por seu criador e provocadas pelos produtos jornalísticos.

Ainda, para concluir e reforçar, de acordo com Charadeau (2007), o acontecimento surge para as pessoas em estado bruto, necessitando de uma percepção e interpretação. A partir dessa constatação, ressaltamos novamente a qualidade de Sarah Oliveira enquanto mediadora; jornalista cultural. A partir da troca

com Lulu Santos, dando a ele a significância elevada, conforme os critérios de noticiabilidade, e confiança enquanto fonte, a apresentadora, através de seu olhar individual, transformou o acontecimento bruto em algo significativo. Em outras palavras, Sarah Oliveira reestruturou o significado inicial em que o acontecimento veio à tona. Isto é, a inteligibilidade do indivíduo transforma os significados e estruturas dos acontecimentos.

6.2.5 Redes Sociais

Mesmo não sendo caracteristicamente um produto jornalístico, integramos nesta análise as redes sociais devido à assiduidade de postagens por Lulu Santos. As redes sociais selecionadas são o Twitter⁸⁹ e o Instagram⁹⁰. O que percebemos ao analisarmos o conteúdo publicado pelo canceiro, é que, a partir da revelação de seu relacionamento homoafetivo e, posteriormente, o lançamento do álbum “Pra Sempre”, publicações que abordam a temática LGBTQ+ passaram a estampar o *feed* do artista.

Um episódio que fez o músico se manifestar e, posteriormente, virou assunto na Revista Quem⁹¹, foi a censura sob um livro de quadrinhos na Bienal do Rio 2019. A obra traz uma cena de dois personagens masculinos se beijando. No Instagram, o músico publicou uma fotografia beijando o marido Clebson Teixeira e legendou: “Quer que desenhe?”. Além disso, o canceiro publicou uma fotografia do livro referido, com a página onde contém a imagem do beijo. A postagem foi legendada com “Um beijo!”. Os dois conteúdos foram compartilhados na conta de Lulu Santos no Twitter.

Ademais, postagens referentes à Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, na qual o músico participou, são encontradas no Twitter e no Instagram. No dia

⁸⁹ Disponível em: <https://twitter.com/LuluSantos>

⁹⁰ Disponível em: <https://instagram.com/lulusantosoficial/>

⁹¹ ARTISTAS protestam contra Crivella após censura a livro com imagem de beijo gay. **Revista Quem**. 7 set. 2019. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2019/09/artistas-protestam-contra-crivella-apos-censura-livro-com-imagem-de-beijo-gay.html>. Acesso em: 25 abr. 2020.

internacional contra a LGBTfobia, no mês do Orgulho LGBT e no dia que se celebra o Orgulho LGBTI também foram vistas manifestações por parte do artista.

De modo geral, as publicações não ingressam em polêmicas. Demonstam, de forma sutil, um certo ativismo digital e corroboram com os depoimentos expressos aos produtos jornalísticos e midiáticos em outras situações. Ademais, determinadas publicações ganham mais dimensão ao serem posteriormente noticiadas em jornais e revistas, como no caso aqui exemplificado, da Bienal do Rio 2019.

Com isso, observa-se, mais uma vez, a notoriedade de Lulu Santos enquanto fonte e o agendamento que ele produz sobre os produtos jornalísticos. O artista, ao ser conhecedor de sua relevância perante a imprensa, utiliza suas redes sociais para um discurso plural, que contemple os principais assuntos falados pela comunidade LGBTQ+. De forma a ser visto como um ativista digital, Lulu Santos volta os olhos da mídia para as suas redes sociais, a fim de que uma pequena publicação ganhe novas e maiores dimensões ao ser discutida em uma notícia ou reportagem. Ainda, ao falar sobre assuntos relacionados à homoafetividade e sexualidade, recoloca seu produto cultural, o álbum “Pra Sempre”, na redoma midiática, uma vez que, ao veicular sobre o canceiro, a mídia conseqüentemente veicula sobre seu último lançamento, principalmente pelo fato de ter sido criado à luz de um relacionamento homoafetivo. Porém, é relevante citar que neste caso, como em outros explorados neste capítulo, os acontecimentos ganham destaque em relação às problemáticas. Ou seja, Lulu Santos torna a temática pública, mas não a defende a nível político ou institucional.

6.2.6 Pós-show

Esta seção refere-se a entrevista concedida por Lulu Santos, ao portal G1⁹², após apresentação no Rock in Rio no ano de 2019. Seis meses após se casar com Clebson Teixeira e cinco meses após lançar o álbum “Pra Sempre”, o canceiro subiu ao palco de um dos maiores festivais de música do mundo em plena lua de mel. Algumas canções do disco novo foram apresentadas à multidão, que, por sua vez,

⁹² ORTEGA, Rodrigo. **Lulu Santos se emociona ao falar de marido na plateia e fala com Silva sobre como foi se assumir gay**. G1. 6 out. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/rock-in-rio/2019/noticia/2019/10/06/lulu-santos-se-emociona-ao-falar-de-marido-na-plateia-e-fala-com-silva-sobre-como-foi-se-assumirem-gays.ghtml>. Acesso em: 25 abr. 2020.

pôde enxergar nos telões do festival, Clebson Teixeira, no meio do público, cantando junto ao marido. O amor, literalmente, marcou o show do *hitmaker*.

Entretanto, o depoimento de Lulu Santos, no pós-show, chamou tanto a atenção quanto a apresentação. Acompanhado pelo também músico Silva, Lulu Santos abriu seu coração ao falar sobre o casamento e a revelação de sua sexualidade: “Não tem mais mistério, não tem mais nhem nhem nhem, não tem mais pele fina, é o que é. E Clebson, eu te amo”.

Seguindo na linha da sexualidade e da homoafetividade, o repórter questionou o cantor sobre possíveis preconceitos. Lulu Santos comentou que não se pode deixar de ser quem se é por medo do que possa ser dito, mas que é necessário a representatividade para que o discurso seja válido: “O que a gente, talvez, precise mais na vida é ver alguém como a gente sendo feliz também”.

E por fim, o músico foi questionado sobre um possível regresso no que diz respeito à tolerância de diversidade. O guitarrista discorda e pontua que o que existe é uma divisão: “A corrente que sai da sua tomada chama corrente alternada, porque troca a polarização. E polarização significa que tem uma definição. Eu prefiro a definição do que o cinza, do que bege”.

Com o exposto, percebemos uma concordância de comportamento vide entrevista concedida por Lulu Santos para a jornalista Sarah Oliveira. O que muda, de modo geral, é o alcance da fala. Uma notícia, com tal depoimento, após uma apresentação no Rock In Rio, alcança maior dimensão do que uma entrevista para uma rádio em um dia comum. E aqui entra o valor-notícia do “dia noticioso”. Conforme os acadêmicos Molotch e Lester apud Traquina (2008), “os acontecimentos estão em concorrência com os outros acontecimentos”. Isto é, há dias repletos de fatos com valor-notícia e outros dias considerados pobres neste aspecto.

O artista, ao conceder entrevista em um show pós Rock In Rio, onde lançou um álbum fruto de um relacionamento homoafetivo, tem o conhecimento e a experiência necessária para saber que sua fala terá grandes repercussões e poderá soar como um ativismo midiático e confirmar o seu poder enquanto fonte. Por outro lado, o repórter, ao ter a percepção de todas as emoções que circundam o álbum e essa mesma emoção ter sido presente no show, aproveitou-se do momento para

explorar a temática LGBTQ+, a fim de conseguir algum depoimento exclusivo (e possivelmente polêmico) e ganhar relevância em relação a outros veículos midiáticos. Tal pensamento é explicado por Gitlin apud Traquina (2001), ao afirmar que há situações em que é desenvolvido um elevado grau de confiança e reciprocidade entre as fontes e os repórteres. Essa confiança, conforme o autor, é articulada com interesses e valores. Ademais, Gitlin apud Traquina (2001) aclara que, além da visibilidade e a atenção dos mídias, as fontes buscam marcar a agenda pública e a criação de uma imagem pública favorável. Perante tais interesses, se deparam com jornalistas que buscam ineditismo; informações fundamentadas e alguém de credibilidade para legitimar as informações que lança. De tal forma, tem-se um ciclo, onde um complementa os interesses e as atribuições do outro.

6.3 Considerações finais do capítulo

Com base nas informações aqui expostas, a partir da leitura dos produtos jornalísticos, percebe-se que, de modo geral, as temáticas LGBTQ+ apareceram nas situações de divulgação do álbum de forma delicada, explorando majoritariamente questões referentes à revelação do relacionamento de Lulu Santos e à reação de seu público diante de tal novidade. As amplas questões desse universo LGBTQ+ (transfobia, lesfobia etc.) não foram abordadas em profundidade nas entrevistas, mas, sim, apareceram diluídas/eclipsadas em opiniões superficiais, mas favoráveis, às questões de homofobia.

Ainda, percebe-se, dentro da redoma de produtos jornalísticos analisados, uma minoria de produtos e jornalistas dispostos a tornarem as ocasiões de divulgação do álbum momentos de reflexão crítica sobre o universo LGBTQ+. O artista somente em duas situações (entrevista no meio radiofônico e no pós-show) buscou aprofundar o questionamento. Entretanto, o mérito de tal escavo tem de ser dividido com os jornalistas, que procuraram retirar de Lulu Santos informações mais reflexivas para além, somente, de suas experiências pessoais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da compreensão de conceitos teóricos jornalísticos e da contextualização histórica da gênese dos movimentos LGBTQ+ no Brasil, além da elucidação do álbum “Pra Sempre”, bem como o histórico artístico do seu criador, Lulu Santos, foi realizada a análise da abordagem dos produtos jornalísticos em relação à temática da diversidade sexual frente ao lançamento do álbum “Pra Sempre”. Como objetivo, buscava-se compreender como vem se desenvolvendo a relação entre o produto cultural e os movimentos LGBTQ+ na mídia, além de identificar, a partir do álbum “Pra Sempre”, de que forma o autor da obra, Lulu Santos, é projetado na mídia como uma figura representativa em torno dos movimentos LGBTQ+, a partir dos três episódios que sucederam a estreia do disco: a) a aprovação da criminalização da homofobia pelo Supremo Tribunal Federal (STF); b) a 23ª edição da Parada Gay de São Paulo, que contou com a participação do artista; e a c) proibição de livro com temática LGBTQ+ na 19ª Bienal Internacional do Livro Rio.

Portanto, o que constatou-se: o tratamento da mídia/artista foi superficial: questões graves da violência do universo LGBTQ+ não foram enfrentadas com profundidade nas entrevistas com o canceineiro. Tampouco o artista levou as entrevistas para esse lado. Afirmou, explicitamente, não fazer do álbum uma peça de ativismo. Ou seja, na mídia, o lançamento do “Pra Sempre” foi tratado como um produto fonográfico genérico. As manifestações públicas do Lulu Santos em relação ao universo LGBTQ+ foram explícitas, mas superficiais: 1) sobre a criminalização da homofobia, disse basicamente que isso aconteceu tardiamente; 2) sobre a Parada Gay, ele foi contratado para uma campanha publicitária e afirmou nunca ter se sentido muito à vontade com a ideia de participar. Ou seja, quando participou da Parada Gay,

isso envolveu uma peça de marketing. Além disso, pensamos que os movimentos contemporâneos não identificam no lançamento do álbum “Pra Sempre” um capítulo importante na luta pela visibilidade LGBTQ+. Não vislumbramos muita repercussão desse álbum dentro da comunidade LGBTQ+ (que é quem assume o debate político e institucional), de forma que, talvez, o Lulu Santos não seja uma figura representativa para o movimento, talvez não tanto quanto Liniker, Linn da Quebrada, Pablllo Vittar etc.. O silenciamento sobre Lulu Santos por parte da comunidade nos diz que o ativismo midiático acaba funcionando mais como publicidade do que como política. Ou seja: não altera nada nas estruturas do preconceito. Lulu Santos é a confirmação nacional do projeto da indústria cultural: tudo vende, até a polêmica. Portanto, isso nos ensina que as mídias jornalísticas, no que diz respeito ao Lulu Santos, 1) são espaços de divulgação de trabalho que 2) fornecem algum espaço para a questão da homofobia e da violência de orientação sexual. No entanto, não aprofundam a polêmica ou o embate - como em outros momentos da carreira dele. A mídia e o artista pop são superficiais e ambivalentes: divulgam e tocam em certos temas, mas sem aprofundar. Isso nem poderia acontecer pois o próprio artista não assume o papel de ativismo. O ativismo LGBTQ+ não faz parte da mídia do artista pop Lulu Santos. Com isso, observa-se que nossa hipótese inicial é correta, uma vez que consideramos que a mídia desempenha papel ambíguo na divulgação das informações sobre os movimentos LGBTQ+.

A partir do exposto é possível concluir que esta pesquisa resolveu o problema proposto, uma vez que conseguimos identificar, a partir da análise dos produtos jornalísticos, de que forma a temática da diversidade sexual foi tratada, tendo como mote o lançamento do álbum “Pra Sempre”, do cantor, compositor e guitarrista Lulu Santos. Ademais, a compreensão das interfaces de um produto da cultura também foi alcançada por meio da perspectiva teórica jornalística desenvolvida.

A reflexão se apoiou na pesquisa bibliográfica e documental, com a reunião de obras específicas sobre a temática e de veículos jornalísticos de referência. É importante salientar que a abordagem não pretendeu abraçar todo o fenômeno, mas buscou sinalizar suas principais características e tendências. A elaboração de um estudo de recepção com o público LGBTQ+, tendo como mote o álbum “Pra Sempre”, é uma das possibilidades que esta monografia sugere para complementar as observações aqui propostas. Ainda, um estudo sobre iniciativas de alfabetização

mediática, tendo como vista estimular uma postura mais crítica e equilibrada diante das representações veiculadas pela mídia, relativas à homoafetividade e sexualidade, é também uma capacidade a partir desta pesquisa.

A discussão sobre a temática da sexualidade e da homoafetividade, a partir de um lançamento da indústria cultural, torna esta pesquisa relevante para o campo de estudos da comunicação, especificamente para os estudos centrados na interface entre jornalismo e sociedade. A contribuição deste trabalho colabora para o entendimento de determinado grupo social a partir de um produto cultural. Ademais, auxilia, principalmente, para a compreensão do comportamento midiático e explicita o porquê e a forma como a mídia e os meios jornalísticos decidem abordar tópicos de relevância jornalística, cultural, política, social e midiática, inviabilizando tantos outros.

O jornalismo cultural sofreu muitas mudanças durante sua história. No entanto, alguns aspectos mantiveram-se potentes em sua trajetória. Perante este estudo, encontramos duas regularidades essenciais: primeiro, a necessidade de democratizar o conhecimento e, segundo, seu caráter reflexivo. Essas características definem o jornalismo cultural e dão à ele a prática singular e importante para a sociedade. Embora enfrente uma série de problemas, que por vezes acaba limitando sua prática a um fazer institucional, ligado a interesses editoriais e econômicos, a editoria ainda tem um forte peso na imprensa brasileira. Assim como Lulu Santos, também vemos “a vida melhor no futuro”. No entanto, é necessário que as condições de produção e de recepção sejam constantemente reavaliadas e a valorização da diversidade social e cultural seja vista e promovida por meio de olhares mais inteligíveis e sensíveis.

“A gente vive hoje em dia dentro de uma orgia de informação, (...) mas sou mais hoje em dia do que nunca mais”.

Hoje em dia – Lulu Santos⁹³

⁹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wfMyqprW2Yo>. Acesso em: 3 dez. 2020.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. 4 ed. Editora Paz e Terra, 2007.

AO VIVO Sou BH com Lulu Santos. 8 out. 2019. 1 vídeo (43 min). Publicado pelo canal Sou BH. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k-2DC65MK-E>. Acesso em: 28 nov. 2020.

ARTISTAS protestam contra Crivella após censura a livro com imagem de beijo gay. **Revista Quem**. 7 set. 2019. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2019/09/artistas-protestam-contracrivella-apos-censura-livro-com-imagem-de-beijo-gay.html>. Acesso em: 25 abr. 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Editora Edições 70, 1977. Disponível em: <https://www.ets.ufpb.br/pdf/2013/2%20Metodos%20quantitat%20e%20qualitat%20-%20IFES/Bauman,%20Bourdieu,%20Elias/Livros%20de%20Metodologia/Bardin%20-%201977%20-%20An%C3%A1lise%20de%20Conte%C3%BAdo.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2020.

BARIFOUSE, Rafael; COSTAS, Ruth. **Empresas apostam em comerciais com gays para ‘modernizar imagem’**. BBC. 12 jun. 2015. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150610_publicidade_lgbt_brasil_r_b. Acesso em: 29 mar. 2020.

BARROS, Adriana de. **Lulu Santos narra a relação com o marido em seu novo álbum, “Pra Sempre”**. UOL. 24 mai. 2020. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/colunas/adriana-de-barros/2019/05/24/lulu-santos-narra-a-relacao-com-o-marido-em-seu-novo-album-para-sempre.htm>. Acesso em: 27 nov. 2020.

BARRUCHO, Luis. Ministério da Saúde mantém proibição de doação de sangue por gays, apesar de estoques baixos por coronavírus. **BBC**. 9 abr. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52210094>. Acesso em: 2 abr. 2020.

BERENGUEL, Fernando. **Lulu Santos lança “Pra Sempre”, álbum inspirado na relação com o marido**. Observatório de Música. 24 mai. 2019. Disponível em: <https://observatoriodemusica.uol.com.br/noticia/lulu-santos-lanca-para-sempre-album-inspirado-na-relacao-com-o-marido>. Acesso em: 27 nov. 2020.

BERGER, Christa L. Campos em confronto: jornalismo e movimentos sociais. 168 p. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 1996, 168p.

BRITO, Carlos. **Lulu Santos lança disco inspirado na relação com Clebson Teixeira**: 'É um álbum de casamento'. G1. 27 mai. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2019/05/27/lulu-santos-lanca-disco-inspirado-na-relacao-com-clebson-teixeira-e-um-album-de-casamento.ghtml>. Acesso em: 27 nov. 2020.

CABRAL, Gabriela. Homossexualidade. **Mundo Educação**. [entre 2001 e 2020]. Disponível em: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/psicologia/homossexualidade.htm>. Acesso em: 15 abr. 2020.

CAMINHA, Adolfo. **Um livro condenado**. A Nova Revista, Rio de Janeiro, n. 2, p. 40- 42, fev. 1896.

CANAIS GLOBO. Lulu Santos. Temp 4, Ep. 6 (41 min). Lady Night, 22 jul. 2019. Disponível em: <https://canaisglobo.globo.com/assistir/multishow/lady-night/v/7775525/>. Acesso em: 23 jul. 2020.

CASTRO, Francisco José Viveiros. **Atentados ao pudor**: estudos sobre as aberrações do instinto sexual. 4. ed. aumentada. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1943.

CERIGATTO, Mariana P. O papel do jornalismo popular e a relação com a cultura popular. **Revista Extraprensa**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 38-49, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/epx17-a04/107432>. Acesso em: 18 out. 2020.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. Editora: Contexto Universitário, 2007.

COMUNIQUEIRO. **Página Inicial**. Disponível em: <http://www.comuniqueiro.com/>. Acesso em: 17 nov. 2020.

CONHEÇA a origem da Parada do Orgulho LGBTQ+, que ocorre neste domingo. **Metro News World**. 23 jun. 2019. Disponível em: <https://www.metrojornal.com.br/estilo-vida/2019/06/23/como-comecou-a-parada-do-orgulho-lgbt.html>. Acesso em: 23 mar. 2020.

D'AGOSTINO, Rosanne; RODRIGUES, Mateus. **Supremo Tribunal Federal derruba restrições à doação de sangue por homens gays**. G1. 9 mai. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/09/supremo-tribunal-federal-derruba-restricoes-a-doacao-de-sangue-por-homens-gays.ghtml>. Acesso em: 18 abr. 2020.

DELCOLLI, Caio. **6 avanços do movimento LGBT brasileiro que marcaram 2016**. Exame. 30 dez. 2016. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/6-avancos-do-movimento-lgbt-brasileiro-que-marcaram-2016/>. Acesso em: 29 mar. 2020.

DEL RÉ, Adriana. **Lulu Santos fala do novo disco, uma declaração de amor ao companheiro e de como reage aos haters**. Estadão. 24 mai. 2019. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/musica,lulu-santos-fala-do-novo-disco-uma-declaracao-de-amor-ao-companheiro-e-de-como-reage-aos-haters,70002841483>. Acesso em: 15 abr. 2020.

DE MASI, D. **O futuro do trabalho: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial**. Rio de Janeiro: UNB/ José Olympio, 2000.

DE MASI, D. **O Ócio Criativo**. 3 ed. Tradução: Léa Manzi. Rio de Janeiro: Sexante, 2000. Disponível em: <https://wbrasiljr.files.wordpress.com/2012/08/o-c3b3cio-criativo-domenico-de-masi.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2020.

DIAS, Surenã. **Lulu Santos fala sobre homofobia: “me comporto como se não existisse”**. Observatorio G. 23 jul. 2019. Disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/cultura/2019/07/lulu-santos-fala-sobre-homofobia-me-comporto-como-se-nao-existisse>. Acesso em: 25 abr. 2020.

EDUQC OAB. **Entenda o projeto da Cura Gay**. JusBrasil. [2016?]. Disponível em: <https://examedaoab.jusbrasil.com.br/noticias/376191509/entenda-o-projeto-da-cura-gay>. Acesso em: 27 mar. 2020.

ESCUUDINE, Giovana B. **Lulu Santos fala sobre novo álbum em entrevista para lançamento**. Tracklist. 26 mai. 2019. Disponível em: <https://tracklist.com.br/lulu-santos-fala-sobre-novo-album-em-entrevista-para-lancamento/74037>. Acesso em: 27 nov. 2020.

FARO, J.S. 2006. Nem tudo que reluz é ouro: contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural. **Revista Comunicação e Sociedade**, v. 28, n. 46, p. 143-163. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/3871>. Acesso em: 12 out. 2020.

FIGARI, Carlos. **Eróticas de la disidencia en América Latina: Brasil, Siglos XVII al XX**. Buenos Aires: Fundación Centro de Integración, Comunicación, Cultura y Sociedad - CICCUS: CLACSO, 2009.

FINAL de ‘Amor à vida’ tem primeiro beijo gay em novela da Globo. **G1**. 31 jan. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2014/01/final-de-amor-vida-tem-primeiro-beijo-gay-em-novela-da-globo.html>. Acesso em: 29 mar. 2020.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 18ª ed, 2009a.

GADINI, Sérgio Luiz. A cultura como notícia no jornalismo brasileiro. Cadernos da Comunicação, Rio de Janeiro, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, v.8, 2003.

GARCIA, Diego. **Casamentos entre pessoas do mesmo sexo saltam 360% após eleição de Bolsonaro, diz IBGE**. Folha de São Paulo. 4 dez. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/12/casamentos-entre-pessoas-do-mesmo-sexo-saltam-360-apos-eleicao-de-bolsonaro-diz-ibge.shtml>. Acesso em: 2 abr. 2020.

GARCIA, Janaina. **Cresce número de brasileiros gays no exterior que pedem asilo alegando homofobia**. UOL. 4 abr. 2012. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/04/04/cresce-numero-de-brasileiros-gays-no-exterior-que-pedem-asilo-alegando-homofobia.htm>. Acesso em: 27 mar. 2020.

GARCIA, Karen. Tudo o que você precisa saber sobre os termos ligados à luta da comunidade LGBTQ+. **O Globo**. 17 mai. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/celina/lgbti-tudo-que-voce-precisa-saber-sobre-os-terminos-ligados-luta-da-comunidade-gay-23671514>. Acesso em: 15 abr. 2020.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GOOGLE. 'Faustão homofóbico'. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=faust%C3%A3o+homof%C3%B3bico&oq=faust%C3%A3o+homof%C3%B3bico&aqs=chrome..69i57.4788j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em: 19 ago. 2020.

GREEN, James N. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil no século XX**. Tradução: Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora UNESP, 2000. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=1nAYCbD6x1cC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 15 mai. 2020.

GREEN, James N.; POLITO, Ronald. **Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. (Baú de histórias).

GULLAR, Ferreira. **Cultura Posta em Questão: Vanguarda e Subdesenvolvimento**. São Paulo: Editora José Olympio, 2002.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HALLORAN, James. D.; JONES, Marcia. **Learning about media: communications and Society (Unesco papers)**. Paris: Unesco, 1986.

IRIBURE, André. As representações das homossexualidades na publicidade e propaganda veiculadas na televisão brasileira: um olhar contemporâneo das últimas três décadas. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto

Alegre, 2008. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/13806>. Acesso em: 12 ago. 2020.

JANUÁRIO, Marcelo. O olhar superficial: as transformações no jornalismo cultural em São Paulo na passagem para o século XXI. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27142/tde-10102006-175215/pt-br.php>. Acesso em: 12 out. 2020.

JUNQUEIRA, Felipe. **Como acessar os Trending Topics do Twitter em qualquer celular**. Canal Tech. 17 mar. 2020. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/como-acessar-trending-topics-twitter-pelo-celular/#:~:text=Os%20Trending%20Topics%2C%20ou%20Assuntos,aquilo%20que%20%C3%A9%20considerado%20tend%C3%Aancia..> Acesso em: 17 ago. 2020.

LIMA, Irlam R. **Lulu Santos lança CD inspirado no próprio relacionamento homoafetivo**. Correio Braziliense. 12 jun. 2020. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/06/12/interna_diversao_arte,762078/lulu-santos-lanca-cd-inspirado-no-proprio-relacionamento-homoafetivo.shtml. Acesso em: 27 nov. 2020.

LULU Santos assina linha de alianças para casais LGBT de quase R\$10 mil. **Revista Marie Claire**. 7 dez. 2018. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Celebridades/noticia/2018/12/lulu-santos-assina-linha-de-aliancas-para-casais-lgbt-de-quase-r-10-mil.html>. Acesso em: 18 abr. 2020.

LULU Santos canta 'Hoje em Dia' - 'The Voice Brasil' | 7ª Temporada. 28 set. 2018. 1 vídeo (40s). Publicado pelo canal The Voice Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TyGI0xXrVol>. Acesso em: 12 abr. 2020.

LULU Santos celebra o amor e canta 'Radar' na final do The Voice Brasil. **GShow**. 3 out. 2019. Disponível em: <https://gshow.globo.com/realities/the-voice-brasil/2019/noticia/lulu-santos-celebra-o-amor-e-canta-randar-na-final-do-the-voice-brasil.ghtml>. Acesso em: 12 abr. 2020.

LULU Santos celebra o amor em "Pra Sempre". **Universal Music**. 24 mai. 2020. Disponível em: <https://www.universalmusic.com.br/2019/05/24/lulu-santos-celebra-o-amor-em-pra-sempre/>. Acesso em: 27 nov. 2020.

LULU Santos e Michel Teló apresentam nova música em parceria, 'Gritos e Sussurros'. **GShow**. 26 set. 2019. Disponível em: <https://gshow.globo.com/realities/the-voice-brasil/2018/noticia/lulu-santos-e-michel-telo-apresentam-nova-musica-em-parceria-gritos-e-sussurros.ghtml>. Acesso em: 12 abr. 2020.

LULU Santos é pedido em casamento durante show no Rio: 'Já aceitei há muito tempo'. **Folha de São Paulo**. 27 jan. 2019. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2019/01/lulu-santos-e-pedido-em-casamento-durante-show-no-rio-ja-aceitei-ha-muito-tempo-diz-site.shtml>. Acesso em: 15 mai. 2020.

LULU Santos fala sobre álbum dedicado ao marido: 'É um passo a passo da paixão'. **GShow**. 26 mai. 2019. Disponível em: <https://gshow.globo.com/programas/domingao-do-faustao/noticia/lulu-santos-fala-sobre-album-dedicado-ao-marido-e-um-passo-a-passo-da-paixao.ghtml>. Acesso em: 22 abr. 2020.

LULU Santos lança álbum sobre casamento: 'ato mais político da minha vida e obra'. **Folha de São Paulo**. 23 mai. 2020. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/musica/2019/05/lulu-santos-lanca-album-sobre-casamento-ato-mais-politico-da-minha-vida-e-obra.shtml>. Acesso em: 27 nov. 2020.

LULU Santos lança música 'Orgulho e Preconceito' e fala do novo amor: 'Alma extraordinária'. **GShow**. 9 ago. 2018. Disponível em: <https://gshow.globo.com/realities/the-voice-brasil/2018/noticia/lulu-santos-lanca-musica-orgulho-e-preconceito-e-fala-do-novo-amor-alma-extraordinaria.ghtml>. Acesso em: 10 abr. 2020.

LULU Santos lança novo disco 'Pra Sempre'. **Jornal do Comércio**. 28 mai. 2019. Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/cultura/2019/05/685739-lulu-santos-lanca-novo-disco-pra-sempre.html. Acesso em: 27 nov. 2020.

LULU Santos oficializa união com Clebson Teixeira e exhibe aliança nas redes sociais. **Contigo!**. 20 abr. 2019. Disponível em: <https://contigo.uol.com.br/noticias/ultimas/lulu-santos-oficializa-uniao-com-clebson-teixeira-e-exibe-alianca-nas-redes-sociais.phtml>. Acesso em: 10 abr. 2020.

LULU Santos posta foto ao lado do marido nas redes sociais e se declara: 'Nada igual a eu e ele'. **Folha de São Paulo**. 19 jul. 2019. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/celebridadepos/2019/07/lulu-santos-posta-foto-ao-lado-do-marido-nas-redes-sociais-e-se-declara-nada-igual-a-eu-e-ele.shtml>. Acesso em: 11 abr. 2020.

LULU Santos revela preconceito social contra o marido: 'Ele é um menino do interior'. **GShow**. 1 jun. 2019. Disponível em: <https://gshow.globo.com/programas/conversa-com-bial/noticia/lulu-santos-revela-preconceito-social-contra-marido-ele-e-um-menino-do-interior.ghtml>. Acesso em: 22 abr. 2020.

LULU Santos se declara para o marido no Música Boa Ao Vivo. **Multishow**. 2 jul. 2019. Disponível em: <http://multishow.globo.com/programas/musica-boa-ao-vivo/materias/lulu-santos-se-declara-para-o-marido-no-musica-boa-ao-vivo.htm>. Acesso em: 11 abr. 2020.

'MALHAÇÃO' terá, pela primeira vez na história, protagonista gay. **IstoÉ**. 3 abr. 2019. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/malhacao-tera-pela-primeira-vez-na-historia-protagonista-gay/>. 2 abr. 2020.

MARSHALL, L. **O jornalismo na era da publicidade**. São Paulo: Summus, 2003.

MEDINA, C. Leitura crítica. *In*: LINDOSO, F. (Org.). **Rumos [do] Jornalismo Cultural**. p. 32-35. São Paulo: Summus/Itaú Cultural, 2007.

MELO, Isabelle A. de. Jornalismo cultural: por uma formação que produza o encontro da clareza do jornalismo com a densidade e a complexidade da cultura. **BOCC - Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/melo-isabelle-jornalismo-cultural.pdf>. Acesso em: 13 out. 2020.

MENEZES, Thales de. **Lulu Santos jorra romantismo em álbum sobre seu relacionamento**. Folha de São Paulo. 25 mai. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/05/lulu-santos-jorra-romantismo-em-album-sobre-seu-relacionamento.shtml>. Acesso em: 27 nov. 2020.

MINHA Canção - Lulu Santos - Parte 2. 1 vídeo (16 min). 8 mai. 2020. Publicado pelo Canal da Sarah Oliveira. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=a_7zL0XRvDA. Acesso em: 25 abr. 2020.

MORAES, Vaniucha de. **Jornalismo cultural não valoriza tradições**. Observatório da Imprensa. 8 abr. 2008. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitas/jornalismo_cultural_nao_valoriza_tradicoes/. Acesso em: 13 out. 2020.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

NARDI, Henrique C.; SILVEIRA, Raquel da S.; MACHADO, Paula S. (Orgs.). Relações de gênero e diversidade sexual: compreendendo o contexto sociopolítico e contemporâneo. *In*: **Diversidade Sexual, Relações de Gênero e Políticas Públicas**. Porto Alegre: Sulina, 2013. *E-book*. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/23264635/livro-completo-diversidade-sexual-relacoes-de-genero-e-politicas-publicas>. Acesso em: 18 mar. 2020.

NEVES, Carla. Lulu Santos assume namoro com rapaz durante passeio de helicóptero. **Revista Quem**. 24 jul. 2018. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2018/07/lulu-santos-assume-namoro-com-rapaz-durante-passeio-de-helicoptero.html>. Acesso em: 10 abr. 2020.

NOVO CD de Lulu Santos é inspirado no romance com o marido. **Ana Maria**. 27 mai. 2019. Disponível em: <https://anamaria.uol.com.br/noticias/ultimas-noticias/novo-cd-de-lulu-santos-e-inspirado-no-romance-com-o-marido.phtml>. Acesso em: 27 nov. 2020.

NUNES, Caian. **“Para Sempre”**: Lulu Santos lança álbum totalmente inspirado na relação de amor com seu marido. PopLine. 24 mai. 2019. Disponível em: <https://portalpopline.com.br/para-sempre-lulu-santos-lanca-album-totalmente-inspirado-na-relacao-de-amor-com-seu-marido/>. Acesso em: 27 nov. 2020.

NUNES, M. F. R. Cultura também é notícia: jornalismo cultural no impresso e na TV. 2003. 109 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade

Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2003. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/751>. Acesso em: 13 out. 2020.

O ANIVERSÁRIO do Fluzão tá chegando! E pra comemorar esse grande dia, Lulu Santos vai fazer um showzaço [...]. [S.l.], 11 jul. 2019. 1 vídeo (30s). Twitter: @FluminenseFC. Disponível em: <https://twitter.com/FluminenseFC/status/1149418060325036035>. Acesso em: 19 ago. 2020.

OLIVEIRA, Daisy. **A música como instrumento de poder**. 1 ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2011. *E-book*. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/A_m%C3%BAAsica_como_instrumento_de_poder.html?id=famNBAAAQBAJ&printsec=frontcover&source=kp_read_button&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 18 mar. 2020.

O PODER do pink money. **IstoÉ Dinheiro**. 31 mai. 2013. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/noticias/investidores/20130531/poder-pink-money/3262>. Acesso em: 15 abr. 2020.

ORTEGA, Rodrigo. **Lulu Santos se emociona ao falar de marido na plateia e fala com Silva sobre como foi se assumir gay**. G1. 6 out. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/rock-in-rio/2019/noticia/2019/10/06/lulu-santos-se-emociona-ao-falar-de-marido-na-plateia-e-fala-com-silva-sobre-como-foi-se-assumirem-gays.ghtml>. Acesso em: 25 abr. 2020.

PEIXOTO, Mariana. **'Para BH com meu coração'**: Lulu Santos conta como marido inspirou álbum romântico. Estado de Minas. 5 mai. 2019. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2019/05/05/interna_cultura,1051269/para-bh-com-meu-coracao-lulu-santos-como-marido-inspirou-album.shtml. Acesso em: 18 abr. 2020.

PESQUISA aponta que 70% dos gays foram agredidos em São Paulo. **G1**. 27 jul. 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/07/pesquisa-aponta-que-70-dos-gays-foram-agredidos-em-sao-paulo.html>. Acesso em: 27 mar. 2020.

PIGNATARI, D. A Escala Richter da cultura. *In*: DINES, A.; MALIN, M. **Jornalismo brasileiro**: no caminho das transformações. p. 132-154. Brasília: Banco do Brasil, 1996.

PINHEIRO, Otavio. **Entrevista**: Lulu Santos lança o "Pra Sempre" e comenta mais sobre o projeto. PoltronaVIP. 25 mai. 2019. Disponível em: <https://poltronavip.com/entrevista-lulu-santos-lanca-o-pra-sempre-e-comenta-mais-sobre-o-projeto/>. Acesso em: 27 nov. 2020.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Contexto, 2004.

POMPEIA, Raul. **O Atheneu**. Rio de Janeiro: Typ. Gazeta de Notícias, 1888. *E-book*. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242740>. Acesso em: 2 out. 2020.

PUREPEOPLE. 'Lulu Santos'. Disponível em: https://www.purepeople.com.br/famosos/lulu-santos_p3220. Acesso em: 19 ago. 2020.

QUINALHA, Renan. **Dossiê | O movimento LGBT brasileiro: 40 anos de luta**. Revista Cult. 12 jun. 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/dossie-o-movimento-lgbt-brasileiro-40-anos-de-luta/>. Acesso em: 23 mar. 2020.

REIS, Toni. (Org.). **Manual de Comunicação LGBTI+**. 2 ed. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI/ GayLatino, 2018. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2020.

REVISTA CULT. '**LGBT**'. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/tag/lgbt/>. Acesso em: 27 mar. 2020.

RODRIGUES, S. Tendências contemporâneas do jornalismo cultural. *In*: DINES, A. (Org.). **Espaços na mídia: história, cultura e esporte**. p. 12-17. Brasília: Banco do Brasil, 2001.

ROSSINI, Maria C. O que foi a Rebelião de Stonewall?. **Super Interessante**. 28 jun. 2019. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/o-que-foi-a-rebeliao-de-stonewall/>. Acesso em: 15 abr. 2020.

SCHIAVON, Fabiana. **Lulu Santos lança clipe 'Pra Sempre' com marido Clebson Teixeira; veja o clipe, ouça o disco**. Folha de São Paulo. 24 mai. 2020. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/musica/2019/05/lulu-santos-lanca-clipe-para-sempre-com-marido-clebson-teixeira-veja-o-clipe-ouca-o-disco.shtml>. Acesso em: 27 nov. 2020.

SCHIAVON, Fabiana. VÍDEO: com a participação do marido, Lulu Santos lança clipe de "Pra Sempre"; assista. **GZH Música**. 24 mai. 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/musica/noticia/2019/05/video-com-a-participacao-do-marido-lulu-santos-lanca-clipe-de-pra-sempre-assista-cjw28ns6w000801qvrhyn3kc4.html>. Acesso em: 27 nov. 2020.

SEGNINI, Caliandra. **Casal gay é espancado com pá após abraço e alega homofobia: 'bichinhas'**. G1. 15 mar. 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2017/03/casal-gay-e-espancado-com-pa-apos-abraco-e-alega-homofobia-bichinhas.html>. Acesso em: 2 abr. 2020.

SEGURA, Aylton; GOLIN; Cida; ALZAMORA, Gean. O que é Jornalismo Cultural. *In*: **Jornalismo Cultural – Trajetórias e Reflexões**. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2011. Cap. 4, p. 1-20.

SILVA, Daniel V. dos S. A homossexualidade no século XIX: Historiografia, fontes, possibilidades e problemas. **Conversando com a sua História**, n. 3, dez. 2014. Disponível em: <http://200.187.16.144:8080/jspui/bitstream/bv2julho/864/3/Revista%20CSH3-%20texto1.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2020.

SILVEIRA, D. T.; CÓDOVA, F. P. A pesquisa científica. *In*: GERHARDDT, T. E. e SILVEIRA, D. T. (org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora de UFRGS, 2009, p. 31 -42. Disponível em: <https://meiradarocha.jor.br/news/tcc/2017/12/31/livro-completo-sobre-metodos-de-pesquisa/>. Acesso em: 8 jun. 2020.

SOARES, Luiz Carlos. **Rameiras, ilhoas, polacas...: a prostituição no Rio de Janeiro do século XIX**. São Paulo: Ática, 1992.

STYCER, M. Seis problemas. *In*: LINDOSO, F. (Org.). **Rumos [do] jornalismo cultural**. São Paulo: Summus/Itaú Cultural, 2007. p. 90-98.

TRAQUINA, Nelson. **A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional**. 1 ed. Florianópolis, SC: Insular Livros, 2008. (Coleção Teorias do Jornalismo, v.2).

TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2001.

TREVISAN, João S. **Devassos no Paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

UNESCO. **Relatório Mundial da Unesco: Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural**. Paris: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2009. Disponível em: <https://portal.ifrn.edu.br/campus/canguaretama/observatorio-da-diversidade/documentos-sobre-a-diversidade/investir-na-diversidade-cultural-e-no-dialogo-intercultural>. Acesso em: 13 out. 2020.

VALE, I. **Jornalismo cultural: reflexões**. Digestivo Cultural. 28 nov. 2005. Disponível em: https://www.digestivocultural.com/ensaios/ensaio.asp?codigo=132&titulo=Jornalismo_Cultural:_reflexoes. Acesso em: 16 out. 2020.

VIDIGAL, Raphael. **Lulu Santos defende criminalizar homofobia: ‘É uma necessidade humanitária’**. O Tempo. 23 mai. 2019. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/diversao/magazine/lulu-santos-defende-criminalizar-homofobia-e-uma-necessidade-humanitaria-1.2185572>. Acesso em: 22 abr. 2020.

WOITOWICZ, Karina Janz. A cultura popular na agenda midiática: Aspectos da produção jornalística no espaço cultural dos webjornais paranaenses. **Revista Comunicação, Cultura e Sociedade**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 1-14, 2012. Disponível em: <https://docplayer.com.br/12999154-A-cultura-popular-na-agenda-midiatica-aspectos-da-producao-jornalistica-no-espaco-cultural-dos-webjornais-paranaenses-karina-janz-woitowicz-1.html>. Acesso em: 20 out. 2020.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 2001.

ANEXOS

ANEXO A – RADAR

Inseguro | vagalume.com.br/lulu-santos/radar.html

Play  **Radar**
Lulu Santos

Conheço os passos na estrada
Que já caminhei
E o futuro nunca se sabe
A gente vive o que escolhe
E todo mundo vê
Mas é tão da vida
Se intrometer

Você não tava no radar
E francamente eu
Há algum tempo desligara
Mas nada impediu o que era pra ser
A história se escreve
Queira ou sem querer

PUBLICIDADE
Anúncios Google
Não cobrir mais este anúncio Anúncios? Por quê? ID

Você sabe como é
Imaginar um paraíso
Sem pecado e sem juízo
Eu não vivi com mais ninguém
Porque experimento com você

Compartilhar   
Editar 
Imprimir 

PLAY
Duas estações relacionadas a Lulu Santos no Vagalume.FM
FLASHBACK
Romântico
Letras conhecidas
#RADAR

PUBLICIDADE
Ofertas para limpar o nome Carrefour 

PUBLICIDADE
telhanorte
CLIQUE E SAIBA MAIS

Fonte: Vagalume⁹⁴

⁹⁴ <https://www.vagalume.com.br/lulu-santos/radar.html>.

ANEXO B – PRA SEMPRE

letras
 Pra Sempre
 Lulu Santos

O que eu tenho pra dizer é simples
 Eu não vivo sem você e ponto
 Se tiver que seguir o mantra
 Eu só vou me repetir de novo

Já dei a entender
 Tem lugar no sofá
 Se você decidir
 Eu não quero insistir
 Nem desistir
 De viver com você
 Sempre
 Pra sempre

O que eu tenho pra dizer é simples
 Eu não vivo sem você e ponto
 Se tiver que seguir o mantra
 Eu só vou me repetir de novo

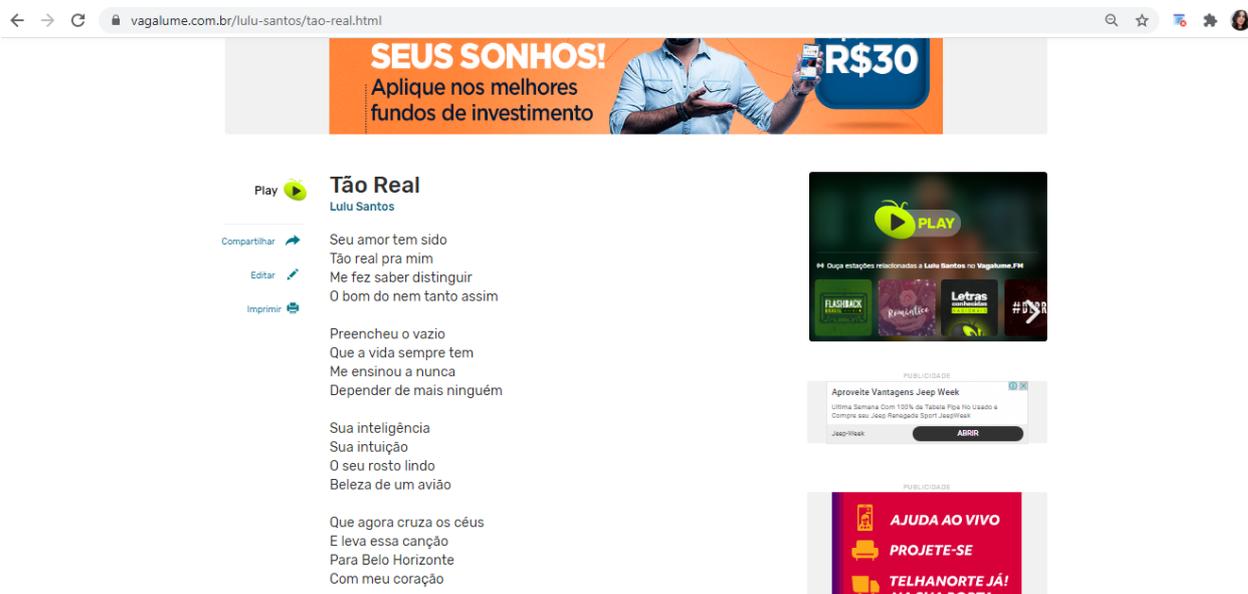
Já dei a entender
 Tem lugar no sofá
 Se você decidir
 Só não quero insistir
 Nem resistir
 Mas não vou desistir
 De viver com você
 Sempre
 Pra sempre

Pra sempre

Fonte: Letras⁹⁵

⁹⁵ <https://www.letras.mus.br/lulu-santos/prasempre/>.

ANEXO C – TÃO REAL



← → ↻ vagalume.com.br/lulu-santos/tao-real.html 🔍 ☆ 🌐 🛠️ 👤

SEUS SONHOS!
Aplique nos melhores fundos de investimento

R\$30

Play  **Tão Real**
Lulu Santos

Compartilhar  Seu amor tem sido
Tão real pra mim
Me fez saber distinguir
O bom do nem tanto assim

Editar  Preencheu o vazio
Que a vida sempre tem
Me ensinou a nunca
Depender de mais ninguém

Imprimir  Sua inteligência
Sua intuição
O seu rosto lindo
Beleza de um avião

Que agora cruza os céus
E leva essa canção
Para Belo Horizonte
Com meu coração

PLAY

14 Outras estações relacionadas a Lulu Santos no Vagalume FM

PUBLICIDADE

Aproveite Vantagens Jeep Week

Última Semana Com 100% de Taxa Paga No Usado e
Compre seu Jeep Renegade Sport Jeephack

Jeep Week **ABRIR**

PUBLICIDADE

AJUDA AO VIVO

PROJETE-SE

TELHANORTE JÁ!
NA SUA PORTA

Fonte: Vagalume⁹⁶

⁹⁶ <https://www.vagalume.com.br/lulu-santos/tao-real.html>.

ANEXO E – SER OU NÃO SER (VEI...)

Play **Ser Ou Nao Ser (Vei...)**
Lulu Santos

Compartilhar
Editar
Imprimir

O que fode com a gente
E a expectativa
Daquilo que pode
E do que pode não ser
e que nada tem a ver
Com a realidade
É só o que a gente sonha acontecer

E o ser ou não ser
Um antigo dilema
Que nem o bardo conseguiu resolver
E quanto a expectativa, véi
It's a motherclustefucker affair

Eu nem quero mais
Prever o futuro
Mas também não sei
Me ver no escuro

Então prefiro acreditar no que dizes
Naquilo que é sem tentar parecer
E quanto ao resto pode bem ser paranoia
Tá na hora de dar um tempo

Fiat Forza Masalima
Garanta Seu Fiat

Eu nem quero mais prever o futuro
Mas também não sei
Me ver no escuro

Então prefiro acreditar no que dizes
Naquilo que é sem tentar parecer
E quanto a expectativa, véi
Tá na hora de deixar de ter

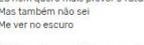
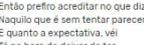
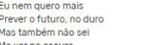
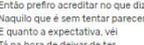
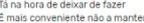
Eu nem quero mais
Prever o futuro, no duro
Mas também não sei
Me ver no escuro

Então prefiro acreditar no que dizes
Naquilo que é sem tentar parecer
E quanto a expectativa, véi
Tá na hora de deixar de ter

Tá na hora de deixar de fazer
É mais conveniente não a manter





Fonte: Vagalume⁹⁸

⁹⁸ <https://www.vagalume.com.br/lulu-santos/ser-ou-nao-ser-vei.html>.

ANEXO F – LAVA

Play **Lava**
(part. O Terno)
Lulu Santos

Compartilhar
Editar
Imprimir

Seu mel é meu céu
E não faço segredo
Quando entra paixão
Não adianta rimar
Desejo com medo

Você como eu
Que arde tão quente
Explode feito um vulcão
Cobre todo de lava incandescente

Nosso amor nunca é igual
Mudanças no roteiro e suspense no final
Você sempre chega diferente
E me surpreende no meio do expediente

Não vou me lixar
Pro que possam dizer
Julgue quem julgar
Se roa quem roer

Sim, enfie o dedo na boca e chupa
Melhor conselho que eu posso lhe dar
Faço amor, não deveria ofender a ninguém
Mas você sabe
Isso acontece

PLAY
14 Outros estágios relacionados a Lulu Santos no Vagalume FM

PUBLICIDADE
Forza Massima Compre Seu Fiat
A Fiat Preparou Diversas Ofertas Exclusivas Para O Forza
Massima Saiba Tudo No Nosso Site

FIAT

PUBLICIDADE
telhanorte
CLIQUE E SAIBA MAIS

Fonte: Vagalume⁹⁹

⁹⁹ <https://www.vagalume.com.br/lulu-santos/lava-part-o-terno.html>.

ANEXO G – GRITOS & SUSSURROS

← → ↻ vagalume.com.br/lulu-santos/gritos-sussurros.html 🔍 ☆ ⚙️ 👤

Aplique nos melhores fundos de investimento

Play **Gritos & Sussurros**
Lulu Santos

Compartilhar ➔
Editar ✎
Imprimir 🖨

Foi só depois de algum tempo
Que eu pude compreender
Como faz sentido aquilo que você sussurra

O que você diz baixinho
Pra só eu perceber
É a bula do amor e o modo que se usa

Toda pessoa é
Um universo em expansão
Cabe tanto sentimento quanto toda a razão

E o coração tem razões
Que a própria razão desconhece
Mas serve pra determinar
Quando o amor cresce
O quanto o amor cresce

Então sussurra
Sussurra pra mim
Pois quando você sussurra
Os gritos ecoam nos confins

Sussurra
Então sussurra pra mim
Enquanto você sussurra
O tempo não vai ter mais fim

Aproveite Vantagens Jogo Week
Clique e saiba mais

telhanorte
CLIQUE E SAIBA MAIS

Fonte: Vagalume¹⁰⁰

¹⁰⁰ <https://www.vagalume.com.br/lulu-santos/gritos-sussurros.html>.

ANEXO H – ORGULHO E PRECONCEITO

vagalume.com.br/lulu-santos/orgulho-e-preconceito.html

Play **Orgulho e Preconceito**
Lulu Santos

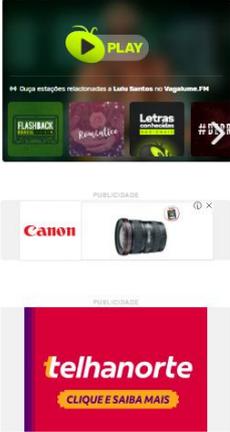
Compartilhar Editar Imprimir

Esta canção é pra você nunca mais
Ter que sussurrar quando diz que me ama
Pra te libertar de todo julgamento alheio
Pra você poder dizer sem receio
Eu te amo!

Esta canção é pra você nunca mais
Ter que sussurrar quando diz que me ama
Pra te libertar de todo julgamento alheio
Pra você poder dizer sem receio
Eu te amo!

Só ouço verdades no que dizes
Só sinceridade
Não daria certo de outro jeito

Ouça o coração mais que a um preconceito
Pra poder dizer do fundo do peito
Lux, te amo
Eu te amo



Fonte: Vagalume¹⁰¹

¹⁰¹ <https://www.vagalume.com.br/lulu-santos/orgulho-e-preconceito.html>.

ANEXO I – THE LOOK OF LOVE

vagalume.com.br/lulu-santos/the-look-of-love.html

Play **The Look Of Love**
Lulu Santos

Original The look of love
Is in your eyes

Tradução A look your smile can't disguise

Compartilhar

Editar

Imprimir

The look of love
Is saying so much more than
Just words could every say
But what my heart has heard
Well it takes my breath away

I can hardly wait to hold you
Feel my arms around you
How long I have waited
Waited just to love you
Now that I have found you

You've got the look of love
It's on your face
A look that time can't erase
Baby be mine, tonight

Let this be just the start of
So many nights like this
Let's take a lovers vow
And seal it with a kiss

PLAY
44 Diga estações relacionadas a Lulu Santos no Vagalume.FM

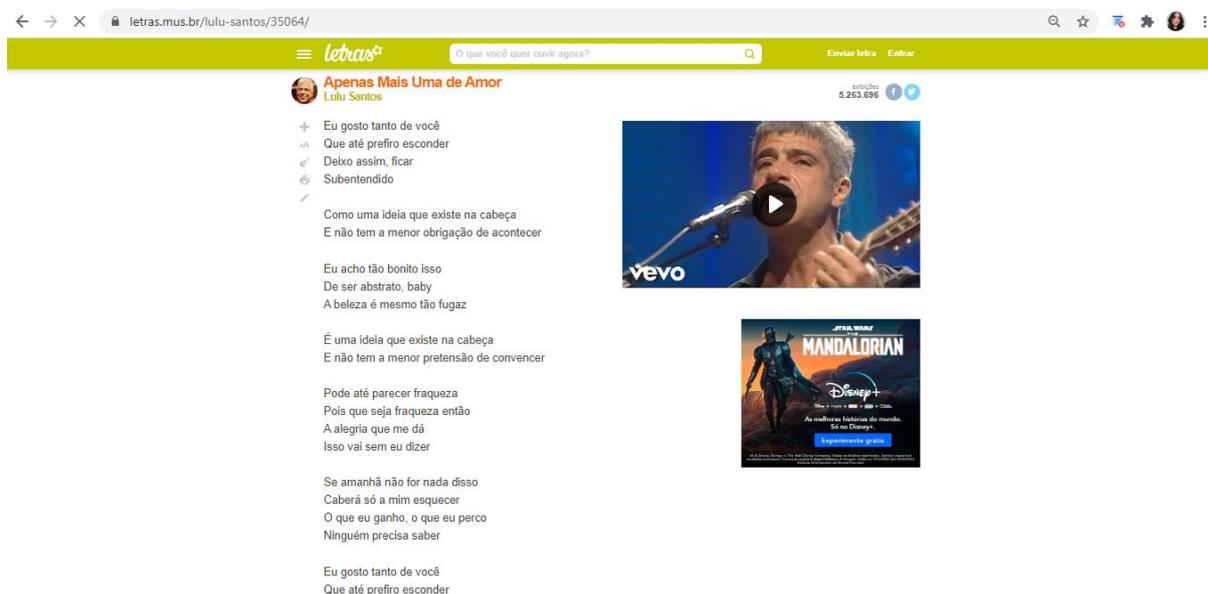
Jeep a marca líder em SUV
Última Semana Com 100% de Tabela Fipe no Usado para o Seu Jeep. Acesso Necessário Ofertas
Jeep/Jeep **ABRIR**

telhanorte
CLIQUE E SAIBA MAIS

Fonte: Vagalume¹⁰²

¹⁰² <https://www.vagalume.com.br/lulu-santos/the-look-of-love.html>.

ANEXO J – APENAS MAIS UMA DE AMOR



letras.mus.br/lulu-santos/35064/

letras

O que você quer ouvir agora?

Enviar letra Entrar

Apenas Mais Uma de Amor
Lulu Santos

5.263.696

+

Eu gosto tanto de você
Que até prefiro esconder

Deixó assim, ficar

Subentendido

Como uma idela que existe na cabeça
E não tem a menor obrigação de acontecer

Eu acho tão bonito isso
De ser abstrato, baby
A beleza é mesmo tão fugaz

É uma idela que existe na cabeça
E não tem a menor pretensão de convencer

Pode até parecer fraqueza
Pois que seja fraqueza então
A alegria que me dá
Isso vai sem eu dizer

Se amanhã não for nada disso
Caberá só a mim esquecer
O que eu ganho, o que eu perco
Ninguém precisa saber

Eu gosto tanto de você
Que até prefiro esconder

vevo

MANDALORIAN

Disney

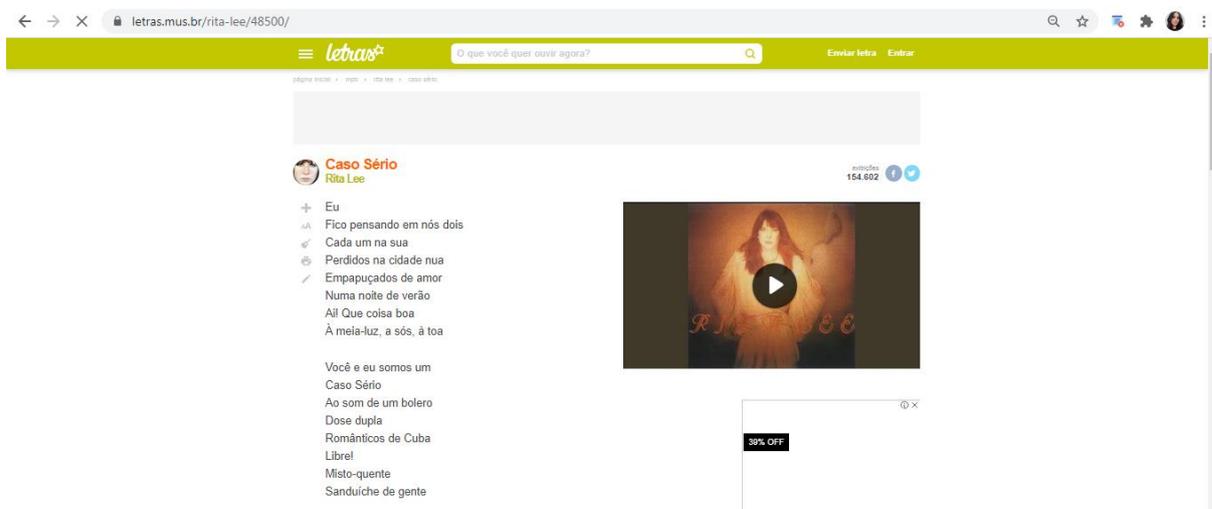
As melhores histórias do mundo.
Só no Disney.

Experimente grátis

Fonte: Letras¹⁰³

¹⁰³ <https://www.letras.mus.br/lulu-santos/35064/>.

ANEXO K – CASO SÉRIO



letras.mus.br/rita-lee/48500/

letras

que você quer ouvir agora?

Enviar letra Entrar

Caso Sérió
Rita Lee

154.602

- Eu
- Fico pensando em nós dois
- Cada um na sua
- Perdidos na cidade nua
- Empapuçados de amor
- Numa noite de verão
- Ah! Que coisa boa
- À meia-luz, a sós, à toa

Você e eu somos um
Caso Sérió
Ao som de um bolero
Dose dupla
Românticos de Cuba
Librel
Misto- quente
Sanduiche de gente

30% OFF

Fonte: Letras¹⁰⁴

¹⁰⁴ <https://www.letras.mus.br/lulu-santos/caso-serio/>.

ANEXO L – O ÚLTIMO ROMÂNTICO

letras.mus.br/lulu-santos/47141/

O Último Romântico
Lulu Santos

Faltava abandonar a velha escola
 Tomar o mundo feito coco-cola
 Fazer da minha vida sempre
 O meu passeio público
 E ao mesmo tempo fazer dela
 O meu caminho só, único

Talvez eu seja o último romântico
Dos litorais desse Oceano Atlântico
Só falta reunir
A zona norte à zona sul
Iluminar a vida
Já que a morte cal do azul

Só falta te querer
Te ganhar e te perder
Falta eu acordar
Ser gente grande
Pra poder chorar
Me dá um beijo, então
Aperta a minha mão
Tolice é viver a vida assim
Sem aventura

Deixa ser
Pelo coração
Se é tórcure então
Melhor não ter razão
Só falta te querer
Te ganhar e te perder
Falta eu acordar
Ser gente grande
Pra poder chorar

Me dá um beijo, então
Aperta a minha mão
Tolice é viver a vida assim
Sem aventura

À aguardar por us-wf.taboola.com...

Canon

RS 3.799

Câmera EOS Rebel T100
com Lente EF 18-55mm
 Lente EF 50mm f/1.4
 Câmera EOS Rebel SL3
Premium Kit com Lente...
 Mini Impressora
Photoblox PR 122 - B...
 Câmera EOS Rebel T100
Premium Kit com Lente...

Fonte: Letras¹⁰⁵

¹⁰⁵ <https://www.letras.mus.br/lulu-santos/47141/>.

ANEXO M – SÓCIO DO AMOR

letras.mus.br/lulu-santos/socio-do-amor/

letras

o que você quer ouvir agora?

Enviar letra Entrar

Sócio do Amor
Lulu Santos

33.843

+ Eu digo, repito
Acredito no amor
Enquanto acende
Incendeia e sai calor

E se isso acontece
É a melhor coisa do mundo
(Ora, se é!)

É rico, bonito
Um amor é pro seu bico
Adoça a boca
Pode até lhe surpreender

E se isso acontece
É a melhor coisa do mundo
Não duvide nem um segundo
É o segredo mais mal guardado que há

Todo mundo sabe
Deve ser verdade
Andaram grafitando pelos muros da cidade
Que o amor é uma oportunidade
Não importa cor, credo, sexo ou idade

vevo

ENTREGA RÁPIDA PARA TODO BRASIL!

Roupas infantis para meninas

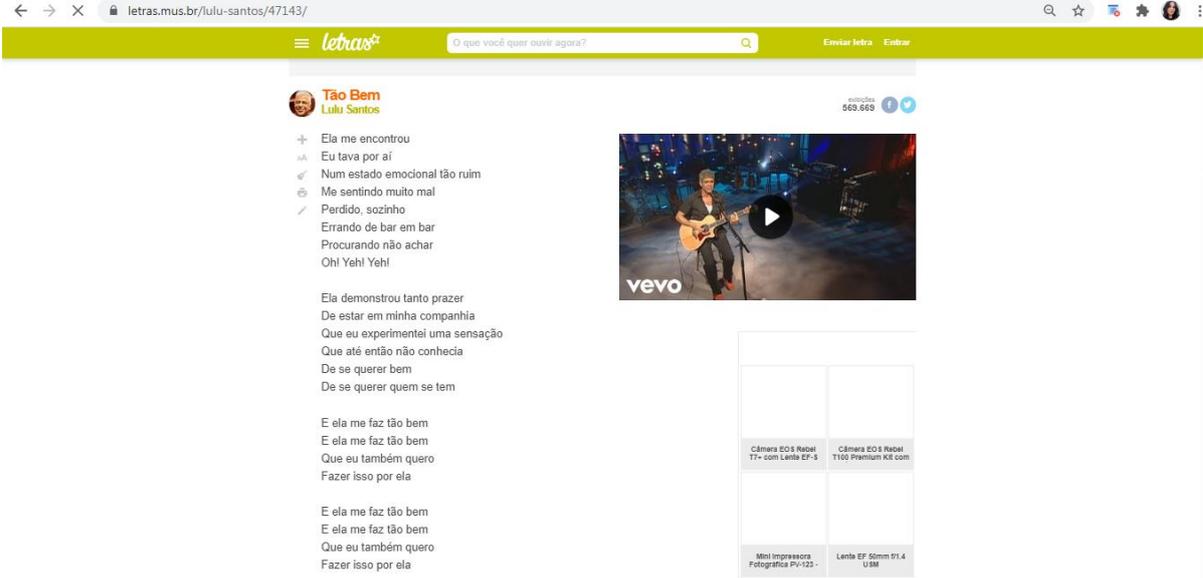
Loja Mia Miau Infantil

Abrir

Fonte: Letras¹⁰⁶

¹⁰⁶ <https://www.letras.mus.br/lulu-santos/socio-do-amor/>.

ANEXO N – TÃO BEM



letras.mus.br/lulu-santos/47143/

letras

O que você quer ouvir agora?

Enviar letra Entrar

Tão Bem
Lulu Santos

569.669

+ Ela me encontrou
 - Eu tava por aí
 ✓ Num estado emocional tão ruim
 - Me sentindo muito mal
 ✓ Perdido, sozinho
 Errando de bar em bar
 Procurando não achar
 Oh! Yeh! Yeh!

Ela demonstrou tanto prazer
 De estar em minha companhia
 Que eu experimental uma sensação
 Que até então não conhecia
 De se querer bem
 De se querer quem se tem

E ela me faz tão bem
 E ela me faz tão bem
 Que eu também quero
 Fazer isso por ela

E ela me faz tão bem
 E ela me faz tão bem
 Que eu também quero
 Fazer isso por ela

vevo

Câmera EOS Rebel
77+ com Lente EF-S

Câmera EOS Rebel
T100 Premium Kit com

Mini Impressora
Fotográfica PVI-122

Lente EF 50mm f/1.4
USM

Fonte: Letras¹⁰⁷

¹⁰⁷ <https://www.letras.mus.br/lulu-santos/47143/>.

ANEXO O – TEMPOS MODERNOS

letras.mus.br/lulu-santos/47144/

letras.com.br

O que você quer ouvir agora?

Enviar letra Entrar

tempos modernos

Começou! Desconto de 25%.
Ofertas de Black Friday na Creative Cloud até 27/11. [Compre já](#)

Tempos Modernos
Lulu Santos 3.482.200

+ Eu vejo a vida melhor no futuro
Eu vejo isso por cima de um muro
De hipocrisia que insiste em nos rodear
Eu vejo a vida mais clara e farta
Repleta de toda satisfação
Que se tem direito do firmamento ao chão

Eu quero crer no amor numa boa
Que isso valha pra qualquer pessoa
Que realizar a força que tem uma paixão

Eu vejo um novo começo de era
De gente fina, elegante e sincera
Com habilidade
Pra dizer mais sim do que não, não, não

Hoje o tempo voa, amor
Escorre pelas mãos
Mesmo sem se sentir
Não há tempo que volte, amor
Vamos viver tudo que há pra viver
Vamos nos permitir

A aguardar por cm.g.doubleclick.net...

Começou! Desconto de 25%.
Ofertas de Black Friday na Creative Cloud até 27/11. [Compre já](#)

Ad

Fonte: Letras¹⁰⁸

¹⁰⁸ <https://www.letras.mus.br/lulu-santos/47144/>.

ANEXO P – TODA FORMA DE AMOR

lettras.mus.br/lulu-santos/103/

letras

O que você quer ouvir agora?

Enviar letra Entrar

Toda Forma de Amor
Lulu Santos 2.614.407

+ Eu não pedi pra nascer
 - Eu não nasci pra perder
 ✓ Nem vou sobrar de vítima
 Das circunstâncias

/ Eu tô plugado na vida
 Eu tô curando a ferida
 Às vezes eu me sinto
 Uma bala perdida

Você é bem como eu
 Conheça o que é ser assim
 Só que dessa história
 Ninguém sabe o fim

Você não leva pra casa
 E só traz o que quer
 Eu sou teu homem
 Você é minha mulher

E a gente vive junto
 E a gente se dá bem
 Não desejamos mal a quase ninguém
 E a gente vai à luta
 E conhece a dor
 Consideramos justa toda forma de amor

O ESSENCIAL DE
LULU SANTOS

CENTAURO

Fonte: Letras¹⁰⁹

¹⁰⁹ <https://www.letras.mus.br/lulu-santos/103/>.

ANEXO Q – TUDO COM VOCÊ

letras.mus.br/lulu-santos/73999/

letras

O que você quer ouvir agora?

Enviar letra Entrar

Tudo Com Você
Lulu Santos

178.924

+

Quero te conquistar
Um pouco mais e mais
A cada dia
Satisfazer tua vontade
Também me sacia

Vem me hipnotizar
No alto andar, luar
Me acarícia
Posso morrer de amor
Que ninguém desconfia

Eu quero tudo com você
Que só sabe viver
Sabe cantar
Não vá pra Nova York
Amor, não vá
Eu quero tudo com você, não vá
Não vá, eu quero tudo com você, não vá

Vem me hipnotizar
No alto andar, luar
Me acarícia
Posso morrer de amor
Que ninguém desconfia

Subir mais

Fonte: Letras¹¹⁰

¹¹⁰ <https://www.letras.mus.br/lulu-santos/73999/>.